

MÔNICA MARIA RODRIGUES SILVA

**AS FARPAS QUEIROZIANAS:
FUNDAMENTO PARA CRIAÇÃO DOS TEXTOS FUTUROS**

**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA
PUC – SP**

**SÃO PAULO
2005**

MÔNICA MARIA RODRIGUES SILVA

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Literatura e Crítica Literária à Comissão Julgadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profª. Drª. Beatriz Berrini.

São Paulo

2005

BANCA EXAMINADORA

.....

.....

.....

A meus pais – que me proporcionaram “ser” e sempre estiveram ao meu lado, acreditando na educação transmitida, a qual estruturou a minha essência.

A meu sogro (in memoriam) – que não teve tempo de ver, no plano terreno, a finalização deste trabalho.

A meu marido e meus filhos – que sempre me apoiaram e suportaram minhas indisposições e humores no transcorrer destes estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus:

Por permitir a alegria de ver o resultado final deste trabalho.

Aos mestres:

Em especial, à minha professora orientadora, Prof^a. Dr^a. Beatriz Berrini – amante de Eça -, que me dedicou seus conhecimentos e seu carinho. À Prof^a. Dr^a. Elza Miné, pelas sugestões e pelo tempo dispensado a mim. A Fernando Segolim, Maria José Palo, Maria Aparecida Junqueira, Rosa Duarte pelos ensinamentos semeados e, principalmente, à Vera Bastazim que me fez redescobrir Eça de Queiroz no curso de especialização.

À minha família:

Com carinho elevado a meus pais, que sempre me apoiaram para que eu continuasse estudando e crescendo. A meu marido, que nunca deixou de confiar e sempre fez perceber que eu era capaz. À minha filha Larissa – paciente e prestativa – agradeço às inúmeras vezes que me socorreu, quando o computador não queria me “obedecer”... A meu filho Vinícius, agradeço e peço desculpas, quando eu não pude lhe dar a devida atenção nas ocasiões em que estive conosco. Neste caso, as desculpas se estendem também à minha filha e a meu marido.

Aos meus amigos e irmãos (de sangue e de espírito):

Magna – por me ouvir em meus desesperos; Márcio – pelas impressões... profissionais e pessoais; Michela – muitas vezes, seu olhar crítico e severo me ajudaram muito; Lu – obrigada pelas enormes dicas e apoio; Cidinha – por me incentivar a continuar; Sandra “Maat” – pelas sugestões. E a você, Ana – secretária do Programa de Literatura e Crítica Literária – pessoa importante que me escorou no momento em que eu mais precisava. Quando eu achava que não iria conseguir, foi você quem, no tempo certo, disse o que eu carecia ouvir.

Às Instituições:

À Secretaria de Educação do Estado de São Paulo pela “Bolsa-Mestrado”. Ao Instituto Camões, por oferecer uma “Bolsa de Estudos”, a fim de que eu pudesse enriquecer meus conhecimentos sobre Eça, na Fundação Eça de Queiroz – em Portugal.

A todos que acreditaram em mim.

...De resto As Farpas hão-de viver porque elas são o mais interessante documento deste tempo: nelas encontra-se, muito viva, a impressão das duas grandes feições dos nossos dias – a risível incapacidade da burguesia dirigente, e a grande corrente da revolução científica, que ruge por baixo...

Eça de Queiroz

Carta a Ramalho Ortigão. 10 de junho de 1879.

RESUMO

Este trabalho propõe, a partir da análise d'*As Farpas*, que Eça de Queiroz desde os vinte e seis anos até o final de vida, se manteve fiel aos seus propósitos jornalísticos, literários e de crítica social. Partindo do julgamento que pouco se discutiu sobre a produção jornalística deste autor, especialmente sobre *As Farpas*, tal estudo tem por objetivo também entender a obra farpista como uma definição inicial da sua escrita, de seu estilo, de sua arte e de sua postura frente à sociedade portuguesa do século XIX. Metaforicamente dizendo, pode-se entender tal criação jornalística como um *incipit* da obra romanesca queiroziana. Assim, o aprofundamento e a análise dos artigos farpistas permitem reconhecer diversos fatores que contribuíram para o desenvolvimento das obras ficcionais de Eça de Queiroz, como a ironia, a linguagem inovadora, bem como a Verdade e a Justiça a serviço da arte e da reflexão crítica. No primeiro capítulo, delineou-se a visão jornalística de Eça de Queiroz, incluindo um breve histórico da imprensa e algum conceito sobre o jornalismo literário. No segundo capítulo, a intenção foi apresentar *As Farpas* com as suas características estilísticas e a influência desta obra no Brasil. O terceiro capítulo discutiu *As Farpas* a partir de uma primeira perspectiva, ou seja, sua observação dos fatos, por meio da leitura de jornais da época e de seu olhar perspicaz da realidade que o envolvia. No quarto capítulo, segunda perspectiva, partiu-se d'*As Farpas* para a produção ficcional. Por fim, abordando fundamentos teórico-analítico-críticos, desenvolveram-se argumentos favoráveis, a fim de que se perceba n'*As Farpas* a origem de um estilo e do um discurso, consagrados mais tarde em romances e contos.

PALAVRAS-CHAVES: Escrita literária de Eça de Queiroz; Jornalismo queiroziano; *As Farpas* queirozianas; *Incipit*.

RÉSUMÉ

Ce travail propose, à partir de l'analyse d'*As Farpas*, que Eça de Queiroz depuis les vingt et six ans jusqu'à la fin de vie, s'est maintenu fidèle à ses intentions journalistiques, littéraires et de critique sociale. En partant du jugement que peu s'est discuté sur la production journalistique de cet auteur, surtout sur l'*As Farpas*, telle étude a par objectif aussi comprendre l'oeuvre farpiste comme une définition initiale de son écriture, de son style, de son art et de sa position devant à la société portugaise du siècle XIX. Metaphoriquement en disant, se peut comprendre telle création journalistique comme un *incipit* de l'oeuvre romanesque queiroziane. Ainsi, l'approfondissement et l'analyse des articles farpistes permettent de reconnaître plusieurs facteurs qui ont contribué au développement des oeuvres de fiction d'Eça de Queiroz, comme l'ironie, la langue innovatrice, ainsi que la Vérité et la Justice à service de l'art et de la réflexion critique. Au premier chapitre, s'est délinéée la vision journalistique d'Eça de Queiroz, y compris un exposé historique de la presse et quelque concept sur le journalisme littéraire. Au second chapitre, l'intention a été présenter l'*As Farpas* avec ses caractéristiques stylistiques et l'influence de cette oeuvre au Brésil. Le troisième chapitre a discuté l'*As Farpas* à partir d'un premières perspectives, c'est-à-dire, son observation des costumes, através de la lecture des journaux de son époque et de son regard perspicace de la réalité qui l'entourait. Au quatrième chapitre, seconde perspective, s'est partie d'*As Farpas* pour la production de fiction. Finalement, abordant des fondements théorique-analytique-critiques, se sont développés des arguments favorables, afin que se perçoive des n'*As Farpas* l'origine d'un style et d'un discours, consacrés plus tard dans des romances et des contes.

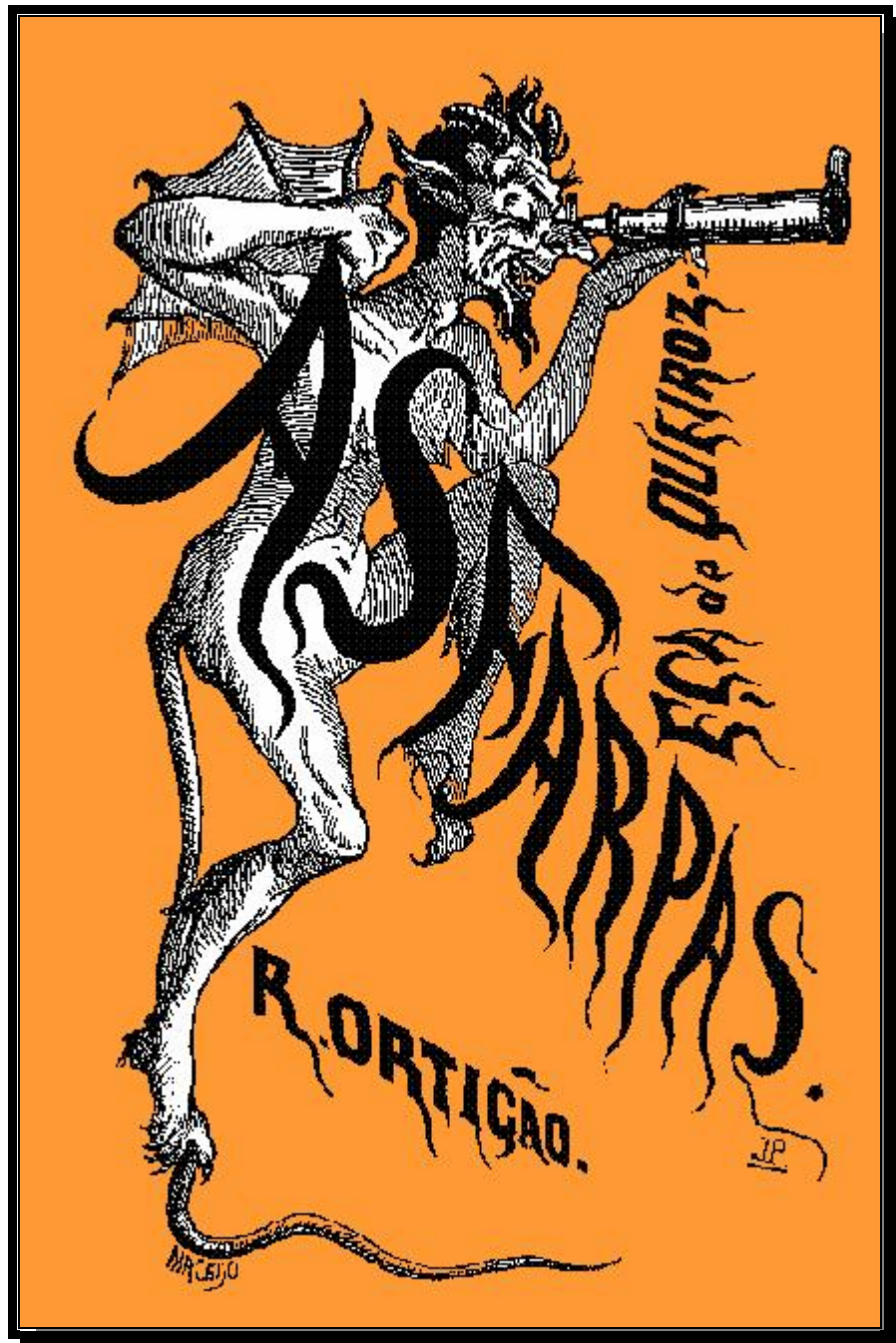
MOTS-CLÉS : Écriture littéraire d'Eça de Queiroz ; Journalisme Queiroziane ; *As Farpas* queirozianes; *Incipit*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
I – A VISÃO QUEIROZIANA DO JORNAL.....	19
1.1 Um breve histórico sobre o Jornalismo e o percurso jornalismo queiroziano.....	24
1.2 O jornalismo literário e Eça de Queiroz.....	33
1.3 Eça de Queiroz no jornalismo do século XIX: Leitor e Escritor	40
II – AS FARPAS: VISÃO GERAL.....	46
2.1. Alguns dados básicos.....	46
2.2. <i>As Farpas</i> e o Brasil: a polémica.....	54
2.3. <i>As Farpas</i> e o Riso.....	63
III. PRIMEIRA PERSPECTIVA: DA REALIDADE ÀS FARPAS....	72
IV. SEGUNDA PERSPECTIVA: D’AS FARPAS À FICÇÃO	94
CONCLUSÃO.....	120
ANEXOS.....	128
BIBLIOGRAFIA	
DE EÇA DE QUEIROZ.....	144
SOBRE EÇA DE QUEIROZ	146
GERAL	149
SITES.....	151

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

	PÁGS.
Capa d'As <i>Farpas</i>	11
Fotografia de Eça de Queiroz	18
Prensa móvel de Gutenberg	23
Fotografias de Eça de Queiroz; <i>Gazeta de Notícias</i> ; Capa d'As <i>Farpas</i> ; <i>Districto de Évora</i> ; <i>Gazeta de Portugal</i> ; <i>A Ilustração</i> ; <i>Palavras sobre o</i> <i>Jornalismo Constitucional</i>	32
Fotografia de Eça de Queiroz; Operários ao final de expediente.....	39
Capas d'As <i>Farpas</i>	45
Capa d'Os <i>Farpões</i>	53
Fotografia de Eça de Queiroz	62
Caricatura de Bordalo Pinheiro	71
Caricatura de Belmonte	93
Fotografia de Eça de Queiroz	119
Desenho de Eça de Queiroz	127
Capa d'As <i>Farpas</i>	129
Cronologia de Obras de Eça de Queiroz	132
Cronologia de Obras Póstumas de Eça de Queiroz	133
Caricaturas de Bordalo Pinheiro e do próprio Eça de Queiroz.....	134
Marca de cigarros <i>Superfinos</i>	136
Fotografias de Eça de Queiroz jovem	137
Fotografias de Eça de Queiroz com seus amigos e parentes	138
Fotografias da Fundação Eça de Queiroz	139
Fotografia de Dna. Maria da Graça Salema de Castro	140
Fotografia da “Torre da Lagarissa” – Douro	140
Fotografia da Igreja Mosteiro de Sta. M ^a . de Cárquere – Douro	141
Fotografia de Leiria	141
Fotografia da Universidade de Coimbra	141
Fotografia da estátua de Teixeira Lopes – Eça contemplando a justiça...	142
Fotografias de Póvoa do Varzim	143



INTRODUÇÃO

Muito já se discutiu sobre Eça de Queiroz, bem como a respeito de suas obras, pois como diz Calvino, *...um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer...* (CALVINO, 1993, p. 11). Neste sentido, a produção literária queiroziana sempre expressa algo a mais.

Entretanto, e a sua escritura anterior à ficção literária? Ou seja, que dizer da sua produção jornalística?

Ao se comparar o número de investigações realizadas em torno das obras de Eça de Queiroz, nota-se que pouco se tem pesquisado a respeito do jornalismo queiroziano. Todavia, ao se tomar conhecimento da fortuna crítica queiroziana, observa-se que seu trabalho jornalístico é sempre mencionado, e, sobretudo, o jornal é visto como um veículo de estréia do jovem literato.

Aliás, Jacinto Baptista, no *Dicionário de Eça de Queiroz*, afirma que a imprensa do século XIX é *...um superior exemplo de que não existe necessariamente incompatibilidade de gêneros ou precedência de uma das atividades (jornalismo) em relação à outra (literatura), antigamente, modos e tempos, de expressão distintos. ...* (BAPTISTA, 1988, p.322). Portanto, para Eça de Queiroz, a tarefa de conciliar jornalismo e literatura não foi difícil, pois *...não há essencial diferença qualitativa entre o jornalista e o escritor se estas duas condições de exprimir convergem num artista tão genialmente dotado como foi o Eça ...* (BAPTISTA, 1988, p.322).

O jornal esteve sempre presente na vida de Eça, desde sua juventude (até a maturidade) como exemplo disso, podemos citar sua freqüente referência à imprensa e/ou jornal, em seus romances, seja para informar os leitores (por meio de artigos, relatos de fatos importantes) ou para mostrar o vital valor desse veículo de comunicação no século XIX.

Desta forma, considerando-se que Eça inicia sua carreira de escritor pela imprensa jornalística e permanece nela até o fim de sua vida, acredita-se que seria

interessante a elaboração de uma pesquisa mais atenta acerca desta atividade, sem deixar de lado sua produção ficcional.

Assim, a partir de uma leitura mais cuidadosa, em que o interesse especial esteve voltado para o jornalismo de Eça de Queiroz, fizemos uma seleção de seus textos, a qual constituiu o *corpus* deste trabalho.

Esta seleção inclui alguns artigos d'As *Farpas*, nos quais se observa, entre diferentes aspectos, ora um humor ácido e direto, ora sutil, bem como, metaforicamente dizendo, uma espécie de *incipit*¹ que demarca o projeto artístico do autor e de sua carreira literária.

O *corpus*, portanto, desta dissertação aborda alguns artigos selecionados das **Farpas originais queirozianas**, que foram publicados entre os anos de **1871 e 1872** (e não aqueles revistos e reeditados nos anos de 1890/91, com o título de *Uma Campanha Alegre*). Estes últimos, por ventura, puderam ser úteis para possíveis comparações quanto ao progresso e maturidade de concepção de mundo e de arte do autor.

Cabe dizer que, como fonte de pesquisa e para as citações desta dissertação, nos baseamos na edição d'As **Farpas – crônica mensal, da política e dos costumes**, publicadas sob coordenação geral de Maria Filomena Mônica, com notas, tabela onomástica e glossário de Maria José Marinho, 3ª edição, do ano de 2004, Editora Principia – Cascais – Portugal.

Além da atenção especial voltada às *Farpas*, também houve a necessidade de se retomar conceitos de estudiosos, como, por exemplo, Aristóteles, seguido posteriormente pela leitura dos formalistas russos e pela análise do ensaio de Andréa Del Lungo. Neste ínterim, encontramos bons subsídios para melhor entender o conceito de Literatura e também colher referências a respeito dos procedimentos alcançados pelos artistas a tal consideração, como, por exemplo, o conceito de *incipit*, a fim de aplicá-lo, de maneira simbólica, naquilo que entendemos como papel estratégico d'As *Farpas*.

¹ De origem latina, *Incipit*, significa “começo”. Segundo os autores do *Dicionário de narratologia*, Ana Cristina M. LOPES e Carlos REIS, *incipit*, na narrativa literária, é uma demarcação de fronteira, a qual situa o leitor entre seu mundo real e o mundo ficcional que lhe será apresentado. É um sintagma de abertura à seqüência narrativa ou ao capítulo na sua totalidade, suscitando o interesse no leitor. “A pertinência semântica do *incipit* confirma-se por sintonia com a fronteira final do texto (*explicit*)”, exprimindo o pensamento e a visão de mundo do romancista. (REIS, LOPES:2002, 199-202). E, segundo Andrea Del Lungo, o *incipit* seduz o leitor. E esta sedução deve ser entendida em seu sentido mais amplo, pois designa uma certa estratégia textual complexa, capturando o leitor, a fim de que se interesse por ler outros textos equivalentes.

Como afirma Andréa Del Lungo o *incipit*, na moderna narrativa literária, é a promessa de leitura, isto é, apresenta informações esclarecedoras, as quais dão existência à obra; fazem surgir uma realidade que até então não existia para o receptor do texto.

Assim, o *incipit* oferece dados variados ao leitor sobre o texto, sobre o mundo (referente), e sobre a própria narração, seduzindo quem lê. Desta maneira, *As Farpas* têm múltiplas funções: informativa, temática, verbal, temporal, espacial e estilística sobre a obra ficcional de Eça de Queiroz. Apresenta, portanto, os temas, o estilo, os lugares etc, salvaguardando as óbvias e naturais evoluções de visão de mundo, e de enriquecimento de estilo, que todo bom artista vai adquirindo no decorrer de sua vida.

No mesmo sentido, *As Farpas* proporcionam dados para legitimar e orientar as respostas às seguintes questões: “onde?”, “o quê?” “de que forma?” “quem?” e “quando?”, que mais tarde serão encontradas e tratadas com clareza em vários textos ficcionais queirozianos, como, por exemplo, *n’O Crime do Padre Amaro*, *n’O Primo Basílio*, *n’O Conde de Abranhos*, entre outros, que, também, se expressam com estilo marcadamente irônico e crítico.

Isto posto, passou a impor-se uma reflexão sobre o jornalismo queiroziano, em relação aos temas, à visão crítica e irônica e sobre as particularidades de sua escrita que revelam características do seu estilo e de sua estética, já presentes n’*As Farpas*, tendo sido possível estabelecer também uma inevitável correlação delas com algumas outras produções artísticas suas, marcadas igualmente pelo seu estilo irônico e pela sua atitude crítica perante o mundo.

Além disso, refletindo sobre as palavras de alguns estudiosos queirozianos, e a respeito do conceito de *incipit*, mostrar-se-á que o projeto literário queiroziano já está presente n’*As Farpas*, e, mais tarde, será delineado com maior precisão, inclusive mostrando no seu itinerário analítico crítico, a ironia e os elementos imprescindíveis que marcam um texto como literário.

Assim, para ficar mais claro, *As Farpas* poderão ser entendidas como uma definição inicial da escrita de Eça quanto aos aspectos da seleção temática e trabalho especial com a palavra, bem quanto ao aspecto estético geral, como, por exemplo, a ironia. Características, todas elas presentes, posteriormente, nos textos de Eça de Queiroz da maturidade.

Portanto, percebe-se que *As Farpas*, além de revolucionarem o jornalismo português da época, mostrando-se preocupadas com a *...polis, o ethos nacional...* como diz Medina (2000, p.130), também se apresentam como um contexto embrionário do futuro Eça de Queiroz.

Assim sendo, houve necessidade de selecionar algumas obras queirozianas, a fim de se fazer uma comparação entre os artigos farpistas e trechos da ficção, tais como: ***O Crime do Padre Amaro, O Primo Basílio, A Relíquia, Os Maias, A Correspondência de Fradique Mendes, A Ilustre Casa de Ramires, A Cidade e As Serras e o Conde de Abranhos.***²

E cabe, também, deixar aqui claro que, utilizamos para citações e comentários de Eça de Queiroz, a edição ***Eça de Queiroz - Obra Completa***, com organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de Beatriz Berrini, em 4 volumes, publicados nos anos de 1997/2000, Editora Aguilar – Rio de Janeiro.

Espera-se, deste modo, encontrar uma espécie de abertura de caminho para os textos romanescos de Eça de Queiroz, nos quais já sobressai a promessa de uma leitura permeada pela observação realista do mundo, unida ao estilo inconfundível do autor.

Esta pesquisa também se apoiará em algumas teorias acerca do riso, do humor e da ironia, desde os antigos clássicos até os teóricos contemporâneos (como Bergson, Kierkegaard e Bakhtin), idéias que, embora nem sempre coincidentes, aparecem já em Sócrates, presente sempre a ironia cujo objetivo é provocar o leitor e tirá-lo de seus preceitos sedimentados, a fim de que se renove e perceba o “novo”.

É preciso, também, pontuar algumas características que se acredita serem relevantes no jornalismo queiroziano como, por exemplo, o discurso muito próximo ao oral, que por isso muitas vezes se constitui em íntima conversa com o leitor, com uma clara crítica à sociedade, à política, ao jornalismo, à literatura de Portugal no século XIX, sendo seus textos sempre entremeados por um humor muito particular e uma estratégia textual com clara intenção de oposição ao discurso oficial.

Após estas reflexões, leituras e comparações, uma questão se impôs: *As Farpas*, de Eça de Queiroz, anunciam ou não a crítica, o discurso, o humor (ou a

² Ver em Anexos, cronologia das obras de Eça de Queiroz, pp.132/133.

ironia), bem como o estilo e a estética de sua futura obra ficcional? Ou seja, *As Farpas* constituem, metaforicamente, o *incipit* das obras ficcionais de Eça de Queiroz?

Para responder a isto, será necessário analisar a fortuna crítica de Eça de Queiroz, bem como os embasamentos teóricos, a fim de que estes possam fundamentar a nossa hipótese de trabalho que pretende investigar se *As Farpas* constituem ou não o seu projeto literário no gênero romanesco.

Outrossim, também é de relevância, buscar em suas cartas, informações a respeito dos seus planos literários e jornalísticos, sendo de notar que Eça sempre manifesta em sua obra o seu ideal de jornal: preocupação com a Justiça e a Verdade.

Também, mostrou-se necessário fazer o levantamento dos temas recorrentes n'As *Farpas*, tais como a política, a mulher, a educação feminina, o clero etc, estabelecendo-se uma hierarquia entre eles e, em seguida, preciso foi abordar alguns aspectos, e proceder-se à análise e caracterização de cada um. Ao lado disso, verificar-se-á de que maneira os fatos são tratados pelo autor. Ou seja, a análise da linguagem, do procedimento artístico, do estilo mostrarão de que maneira se encaminham, fundamentando assim a sua arte literária, isto já em suas primeiras produções jornalísticas, como, por exemplo, o emprego da ironia.

Assim, quanto à metodologia, partirei sempre da leitura e análise dos textos d'As *Farpas*, contemplando-as à luz da realidade de sua época; e, em paralelo, indicaremos como elas projetam e auguram uma nova sociedade ideal em relação à portuguesa, sua contemporânea.

No decorrer desta dissertação, serão estabelecidas duas perspectivas:

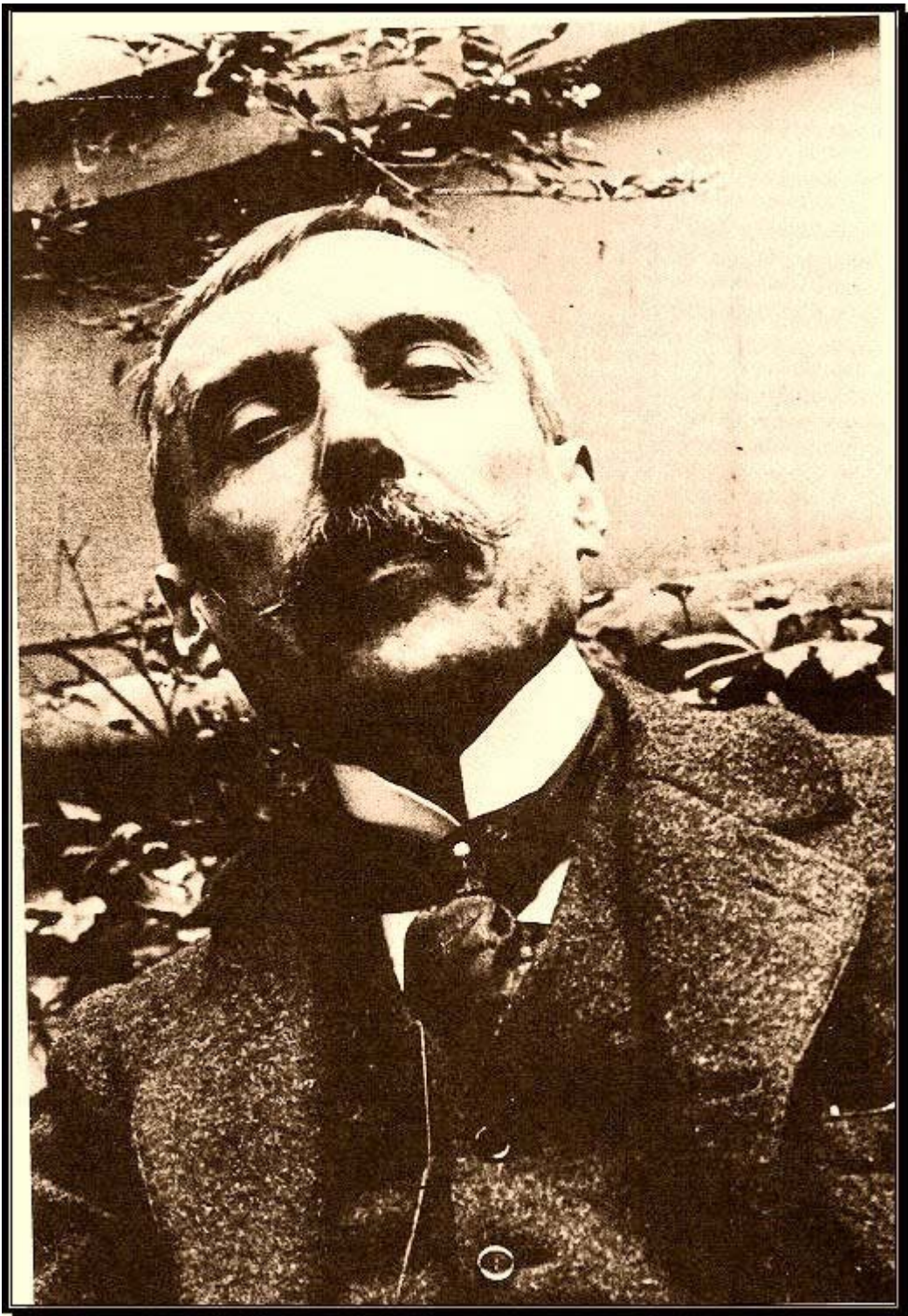
1. Da realidade observada por Eça de Queiroz para o jornalismo – da realidade às *Farpas*;
2. E de seu jornalismo para a produção ficcional – d'As *Farpas* à ficção.

E, assim, pretende-se mostrar que é a partir da análise da realidade dos fatos observados no dia-a-dia e na leitura dos jornais da época que Eça cria *As Farpas*; e a partir delas que se vão esboçando as estruturas básicas dos seus textos literários, propriamente ditos.

E como fonte de pesquisa e confronto com a realidade observada nos jornais da época, assim como para as citações, adotaremos o jornal **A NAÇÃO – jornal religioso e político**, certos textos originais, fotocopiados na Biblioteca Nacional de Lisboa, pela da Prof^a. Dr^a. Beatriz Berrini, referentes aos meses de junho, julho e agosto, do ano de 1871.

Além disso, serão delineados os perfis jornalísticos de Eça de Queiroz, sua relação com o leitor e o que se entende, segundo a sua visão, por escritor. Também, será indispensável traçar algumas linhas sobre a História do jornalismo na Europa, a repercussão d'As *Farpas* em Portugal e no Brasil, a importância de Eça de Queiroz como colaborador na imprensa brasileira e em relação o tipo de humor utilizado pelo autor, entre outros aspectos que se fizerem necessários.

Enfim, esperamos ter colhido dados suficientes, os quais devam comprovar a nossa hipótese e responder ao nosso problema que questiona, principalmente, se o jornalismo de Eça de Queiroz, especificamente d'As *Farpas*, constituem ou não uma espécie de *incipit* de sua produção romanesca.



***Leitor de bom senso(...)
Aproxima-te um pouco de nós, e vê...***

Eça de Queiroz - *As Farpas* – Maio de 1871.

I. VISÃO QUEIROZIANA DO JORNAL

Eça de Queiroz fez do jornalismo um laboratório de estudo da realidade e de sua expressão estilística, no qual iniciou e terminou sua carreira. Era por meio dos jornais que o autor acreditava ser possível levar à nação o esclarecimento, a orientação, a crítica à sociedade da época (com o objetivo de reformá-la, atualizá-la), uma vez que não havia outro meio mais acessível, além do jornal, à grande massa populacional.

Sua maior característica era a de caricaturizar e exagerar situações e personagens reais, a fim de que pudesse chegar, por meio do bom senso, à profunda reforma lusitana, educando, desta forma a opinião pública. Assim, por meio de sua fina e perspicaz observação, e expressando-se pela ironia, envolvia-se, Eça e, com ele, o leitor em situações que incomodavam e irritavam, como, por exemplo, o constitucionalismo artificial de 1830 *...que gerou certos aspectos alarmantes do Portugal do século XIX...* (LINS, 1965, p. 282).

Foi, portanto, a partir do exercício e aperfeiçoamento daquela observação da realidade que o cercava que Eça se revelou como escritor. Entretanto, e acima de tudo, Eça de Queiroz foi um jornalista extremamente consciente da sua missão na sociedade. Além de ter demonstrado, já na imprensa, estilo e arte.

Aos vinte e dois anos de idade, concomitantemente à colaboração na *Gazeta de Portugal*, Eça escreveu, a partir de 1867, integralmente um bisemanário político alentejano, criando e dirigindo *O Distrito de Évora* – jornal de oposição – no qual, segundo Elza Miné, exerceu vários papéis, como o de crítico de artes, repórter, cronista, correspondente, analista político, resenhista etc, deixando claro que o jornalista deveria ser versátil e maleável.

Ainda, segundo Miné, em prosa inaugural da rubrica *Revista crítica dos Jornais*, Eça de Queiroz definiu funções e potencialidades do jornal. Além disso, ele focalizou

os deveres primordiais de um órgão de imprensa: informar, interpretar, atuar e intervir. (MINÉ, 1986, p. 15).

Em artigo sobre o Jornalismo – *Revista Crítica dos Jornais* (in: *Distrito de Évora, Revista da Imprensa*, nº 1, em 06 de janeiro de 1967), com seus poucos 22 anos de idade, Eça deu uma lição sobre o que é ser, verdadeiramente, jornalista: ...*O Jornalismo, na sua justa e verdadeira atitude, seria a intervenção permanente do País na sua própria vida política, moral, religiosa, literária e industrial...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 3, p. 568).

E mais adiante explicou que ...*A atividade do jornalismo nunca deve abrandar, a sua consciência deve ter sempre o mesmo vigor, a sua pena o mesmo colorido, o seu sentimento moral a mesma justa intensidade....* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 3, 568).

Se em *O Distrito de Évora*, Eça enunciou a “teoria do jornalismo”, bem antes em um artigo publicado em julho de 1870, no jornal *A República*³ - o qual possuía o subtítulo de *Jornal da democracia portuguesa*, redigido por Antero de Quental e Oliveira Martins -, expôs Eça a sua visão crítica sobre o jornalismo constitucional de Portugal. Partindo do levantamento e da crítica da prática negativa do jornalismo constitucional, Eça deixou claro que um jornal não poderia ser a expressão de uma idéia ou de um sistema e nem corresponder a uma convicção, a um regime, se não defendesse uma idéia sem lógica, sem **Justiça**⁴ e sem **Verdade** – motes que desde muito jovem defendeu.

Desta maneira, mostrando as falhas do jornalismo constitucional de Portugal, o autor conceituou o verdadeiro e justo jornal, partindo do pressuposto que este deveria nascer ...*dum princípio, da fé que se pode pôr numa idéia, ter individualidade e lógica, ação determinada...* e não ser a voz deste ou daquele grupo de interesse – como o poder público e a igreja.

Fica claro, portanto, neste artigo, que a imprensa não deveria desconhecer, repelir ou temer a Justiça, muito menos, viver ...*longe do rumor fecundo das idéias, dos sistemas, isolada no culto dos velhos provérbios idiotas...* A crítica de Eça de Queiroz apontava, então, para os jornais que apenas conheciam “palavras”, e ignoravam ...*as*

³ Eça de QUEIROZ, *Palavras sobre o Jornalismo Constitucional*. In: *Obra Completa*, Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de Beatriz BERRINI, 1997, Rio de Janeiro: Aguilar, v. 3, p. 1634 - 1637.

⁴ Ver em Anexos, figura da estátua “Eça contemplando a Justiça”, p. 142.

cousas, as suas aplicações e as suas relações... (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 3, p. 1635 -1636).

Também reprovou a atitude daqueles jornais que se perdiam em questões de *...indivíduos, de nomes, deste que tem o cabelo louro, contra aquele que não tem cabelo de cor nenhuma: nesse mesmo campo, não aprecia os caracteres, as tendências, as idéias que possam estar por trás dos homens, as educações, os temperamentos...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 3, p. 1635 -1636).

Além disso, Eça afirmou que a imprensa da época *...nem sequer tem as qualidades da forma, nem sequer é literária. O seu estilo é banal, frouxo, gasto, passado. (...) A retórica substitui a crítica: a declamação está em lugar da lógica...* (IDEM), deixando claro que sua preocupação, além de informar e formar a opinião pública, estava voltada para a estética.

Logo, para Eça de Queiroz, a avaliação de jornalismo abordava, além da questão de Verdade e da Justiça, a defesa de uma postura que tivesse idéia, dignidade, sistema e ciência, bem como a forma e a literatura. O autor demonstrava consciência plena da sua atividade de jornalista e reconhecia a utilidade pública do jornal, características que também o acompanharam até o fim da vida.

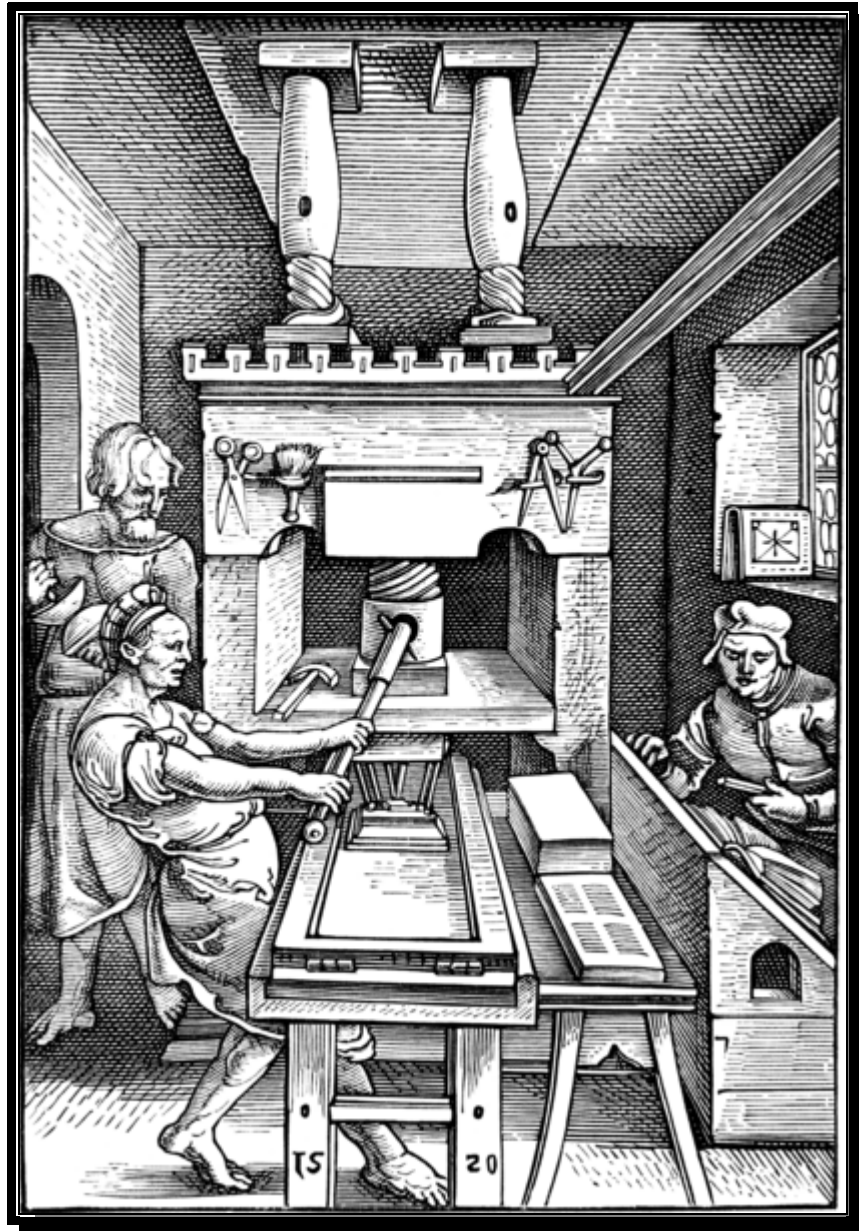
Portanto, a “apreciação” de jornalismo, para Eça, envolvia, sobretudo, a liberdade de expressar ideais, sem advogá-los a favor deste ou daquele e ainda: a discussão crítica justa das coisas, a lógica e a coerência, o respeito ao público, buscando o equilíbrio social, econômico e moral – essenciais para a vida humana e para Portugal.

E como já foi mencionado, Eça mostrou um jornalismo muito específico, pois sua intenção não era meramente usual, ou seja, da simples informação dos fatos, dos acontecimentos. Tinha, pois, o objetivo de formar o cidadão por meio de uma linguagem específica e de procedimentos típicos da literatura, fato que, inevitavelmente, encaminha a uma análise do texto jornalístico como obra literária.

Eis os princípios e características do texto queiroziano para o jornal *A República*, de que apresentamos os excertos mais representativos:

...Se [o jornalismo constitucional] tivesse ao menos o espírito fino, delicado, mordente, ágil. Mas não. A sua graça é brutal, animal, mal pode andar com as suas grossas pernas e o peso da sua gordura. O artigo de fundo (...) enfileira-se ali em períodos frouxos, uns sobre os outros, especados com advérbios: tudo aquilo se equilibra velho, podre, carunchoso, mole, desfeito: não tem verdade, nem idéia, nem realidade, o espírito de intriga, procura sustentar aquela construção... (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v.3, p. 1636).

Assim, para Eça, o jornalismo era um modo de expressão – consciente, revelador e crítico; era um meio que lhe permitia, graças às suas características, alcançar aquele fim que tinha em mente. Ou seja, o seu modo de dizer não traduzia somente a realidade, por meio de uma forma pragmática e elaborada, porém era, sobretudo a expressão de uma idéia e, para alcançar tal objetivo, precisava ser justa e exata, - o que só alcançava se fosse trabalhada esteticamente.



Prensa móvel de Gutenberg

O JORNALISMO, na sua justa e verdadeira atitude, seria a intervenção permanente do País na sua própria vida política, moral, religiosa, literária e industrial.

Eça de Queiroz – Distrito de Évora

(Revista Crítica dos Jornais) – 06 de janeiro de 1867.

1.1. Um Breve histórico sobre o jornalismo e o percurso jornalístico queiroziano

Para entender melhor a postura jornalística de Eça de Queiroz, é necessário conhecer a imprensa de sua época e, de maneira muito rápida, o histórico jornalístico europeu.

O jornalismo, segundo o dicionário Houaiss, significa: *1. a profissão de quem apura, redige e publica notícias; 2. imprensa.* Todavia, esta parece uma definição extremamente simples para um assunto tão complexo, natural num dicionário.

Partindo de informações anteriores ao advento do jornalismo, a História revela que o papel, invento chinês, que segundo a lenda remonta ao ano de 105, já era empregado no Oriente em larga escala e veio substituir o pergaminho, que era um material bem mais caro que o papel, já utilizado pelos chineses.⁵

O papel chegou à Europa no século XII, em 1144, introduzido pelos árabes e, no final do século XVIII, as máquinas, com instalação na Espanha, começaram a auxiliar sua confecção (NETO, 2003, p. 103)⁶.

A primeira prensa, com tipos móveis de que se tem conhecimento, data de 1440. Johannes Gensfleisch Gutenberg (1394-1468), nascido na Mogúncia, Alemanha, inventou tal prensa com tipos móveis de metal e assim imprimiu, posteriormente, a Bíblia (dita de “Gutenberg”) - símbolo da fusão entre a tecnologia e a arte renascentista.

Antes deste invento, os livros eram manuscritos pelos monges e mantidos nas bibliotecas dos mosteiros, dificultando a divulgação da cultura, problema intensificado também pelo fato de que os letrados eram em número muito reduzido nessa época. Portanto, a história da imprensa se confunde com a da leitura e do acesso do povo à cultura letrada.

⁵ Newton FREITAS, *Jornalismo*, [Http:// www.newton.freitas.nom.br](http://www.newton.freitas.nom.br)_Acesso em 07/05/2005.

⁶ João Augusto Mattar NETO, *Metodologia científica na era da informática*, 2 ed., 2003, São Paulo: Saraiva, p. 103.

Com a Revolução Industrial e a exigência de mão-de-obra especializada para novas funções, houve a necessidade de uma população urbana alfabetizada e, assim, iniciou-se um processo de alfabetização pelos regimes europeus. Contudo, isso não implicava, necessariamente, educação.

Neste contexto, os jornais, na seqüência dos livros, supriram as necessidades culturais dos “novos leitores”, ocupando, em parte, o lugar dos livros, artigo tão caro aos assalariados.

Os primeiros periódicos surgiram no século XVI e não eram publicados diariamente. Neste mesmo século, a informação passou a ser comercializada, sendo vista como mercadoria e massificando a cultura.

O editor francês Emile Girardin, do jornal *La Presse*⁷, foi o primeiro a notar esta necessidade de cultura do mercado e convidou escritores para trabalharem em seu jornal. Assim, por volta de 1840, segundo Massaud Moisés, nasceu a novela disposta em capítulos, denominados folhetins, os quais foram traduzidos e reproduzidos pela imprensa em todo o mundo, inclusive no Brasil. (MOISÉS, 1974, p. 232).

Logo, foi apenas no século XIX, que a literatura e jornalismo começaram a caminhar lado a lado, pois escritores renomados passaram a colaborar na imprensa como cronistas ou então produzindo os folhetins romanescos, dentre outras formas literárias. Este tipo de jornalismo foi conhecido por “Jornalismo Literário”, ou seja, o jornal passou a ser concebido e elaborado de uma maneira especial, com textos mais enriquecidos, já que havia a presença maciça de escritores ficcionistas na imprensa.

Inúmeros autores da literatura universal passaram pelo jornal. No Brasil, não se pode esquecer Machado de Assis que, além de publicar romances, contos e crônicas nos folhetins, cobria, também, como “jornalista”⁸ notícias do Senado. Assim como Machado, outros autores da Literatura Universal trabalharam na imprensa, como, por exemplo, o romancista e contista Charles Dickens que, simultaneamente ao trabalho literário, cobria o parlamento inglês; Mark Twain passou por todos os setores do jornal e também Balzac, que escreveu toda a sua obra em forma de folhetim. Já Dostoievski, retirou das páginas criminais do jornal matéria para o seu livro *Crime e Castigo*.⁹

⁷ Segundo o *Almanaque* Abril, em 1836, o jornal *Le Presse* é o primeiro, também, a publicar anúncios pagos.

⁸ O termo “Jornalista”, segundo artigo do jornalista Newton Freitas em Internet, começa a ser utilizado por volta de 1700, na França, na Inglaterra e na Itália.

⁹ HÉRIS ARNT. Contemporânea / Jornalismo e ficção: as narrativas do cotidiano. <http://www2.uerj.br/~fcs/contemporanea/n3/artigoheris03.htm>. Acesso em 06/05/2005.

Para Eça de Queiroz, o jornalismo acompanhou toda a sua produção literária. Ainda estudante, em Coimbra, o autor publicou diversos textos (1866- 1867) na *Gazeta de Portugal* e em 1880, após a colaboração no jornal *Atualidade*, começou a trabalhar na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, além dos trabalhos realizados na *Revista de Portugal* e *Revista Moderna*.

Elza Miné destaca o grande valor da obra jornalística de Eça de Queiroz publicadas no Brasil, especificamente as colaborações que endereçou à *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro (1880-1897), depois recolhidas nos volumes *Cartas de Inglaterra*, *Ecos de Paris* e, ainda, parte de *Notas Contemporâneas*.

Na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, Eça de Queiroz desempenhou as funções de correspondente na Inglaterra e depois em Paris, bem como trouxe a novidade de seu *Suplemento Literário*, o primeiro do gênero a ser publicado no Brasil.

Sua importância, além do relato dos fatos acontecidos fora do país, deriva da ocorrência de manter os brasileiros informados do que se passava na Inglaterra, na França, enfim na Europa; também está na maneira como transmitia os acontecimentos, por meio de suas avaliações, interpretações e julgamentos, formando assim a opinião pública brasileira.

Ainda, Elza Miné, em *Imagens finisseculares do novo mundo no jornalismo de Eça de Queiroz*¹⁰, afirma que, ao pensar a presença de Eça de Queiroz na imprensa de seu tempo, não se pode tirar da mente duas vertentes: a primeira, o fato dos jornais e revistas acolherem a produção literária dos escritores do século XIX; a segunda, estes jornais e revistas são lugar de inscrição de textos jornalísticos, ou seja, os escritores têm função específica de jornalistas.

E confirmando tal comentário, Jacinto Baptista, em *Eça Jornalista*, in *Dicionário de Eça de Queiroz*, acrescenta que *...Todo o escritor de Oitocentos tem sua costela de praticante deste gênero jornalístico não noticioso, mas predominantemente literário ou magazinesco...* (BAPTISTA, 1988, p.321-322). Este tipo de jornalismo foi muito prestigiado: situava-se no rodapé da página nobre do jornal, normalmente a primeira, e podia continuar nas páginas interiores.

¹⁰ Elza MINÉ, *Imagens finisseculares do novo mundo no jornalismo de Eça de Queiroz*, In: *Actas do Congresso de Estudos Queirosianos (IV Encontro Internacional de Queirosianos)*, 2002, Coimbra: Livraria Almedina Ed., p. 30 – 42.

Desta forma, a literatura melhorou a qualidade dos textos da imprensa e o jornal passou a ser o espaço adequado para atingir a cultura de massa, tornando-se um meio de comunicação mais barato e acessível, já que visava a população como público alvo.

Conforme Luiz Costa Lima, em prefácio à *Teoria da Cultura de Massa*, nos séculos XVII e XVIII, o interesse se voltou à cultura superior ou escolarizada com Voltaire, Diderot, Rousseau. (LIMA, 2002, p. 34). Foi somente no século XIX, que o Capitalismo¹¹ e a industrialização contribuíram, de maneira quantitativa, para a disseminação, embora incipiente, de textos que favoreceram uma cultura estendida às massas. Grandes nomes da literatura, como, por exemplo, Dumas Filho, mantinham oficinas de escritores anônimos, que compunham enredos com “marca de fábrica” – o *vaudeville*¹², tornando a literatura uma mercadoria vendável a um público que lia qualquer tipo de texto, às pressas e sem a consciência crítica de um leitor atento.

A propósito deste assunto, Eça de Queiroz, em artigo sobre o adultério, n’*As Farpas*, de Setembro-Outubro de 1871, se expressou com certa indignação a respeito desta literatura fácil e desprezada da preocupação estética. Comentou sobre jornais que tiveram *a ...ingenuidade de pedir ao sr. Alexandre Dumas Filho – a sua opinião e a sua prosa...*, pois escritores/jornalistas, como ele, estavam muito mais preocupados com o escândalo e o sensacionalismo – características marcantes, segundo Alceu Amoroso Lima no seu texto, do mau jornalismo e, portanto, não literário -, do que com a consciência moral por meio da apreciação coerente de um fato.

Referindo-se a Dumas Filho como o Senhor do “*Vaudeville*” (“*Sr. D’Ideville*”), Eça o condena e o aponta como um dos culpados por incentivar os maridos a matarem suas esposas adúlteras (ou supostamente adúlteras), usando textos inconseqüentes e vazios, já que *...Foi assim que o sr. D’Ideville provocou L’homme femme. (...) tudo correu pelo faro do escândalo. Ganiu-se um grande charivari filosófico – com panfletos, com livros, com artigos e com vaudevilles...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 542). Desta forma, em Portugal, o jornalismo e a literatura coerentes não existiam, bem como a precisa e séria informação.

¹¹ Capitalismo, como sistema e como, segundo Weber, uma modalidade de razão dirigida a certa meta, a qual interfere *diretamente* nos agentes de ordem econômica e social. (LIMA. 2002. p. 35).

¹² Segundo Massaud Moisés, in: *Dicionário de termos literários*, *Vaudeville* tem caráter burlesco, no sentido mais amplo da palavra, ou seja, é obra em que a marca artística desaparecera quase por completo. Com característica ingênua e de fácil consumo, no século XIX, tornou-se o entretenimento favorito dos que procuravam apenas distração. (MOISÉS, 1974, p. 507).

...E o amor, o casamento, a virgindade, a maternidade, o pudor, o adultério, a mulher, saias e consciências, tudo foi sacudido, resolvido, remexido, voltado ao sol e a vil publicidade, como um guarda-roupa na tristeza de um leilão... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 542).

É certo que muitos passaram a ver a literatura, apenas, como uma maneira de ganhar dinheiro, sem se importarem com o conteúdo apresentado. Conseqüentemente, visavam tão somente um público desatento, o qual consumia tais folhetins sem a menor reflexão. Portanto, se de um lado, escritores, entre eles alguns oportunistas, garantiram espaço no mercado da imprensa; por outro lado, os bons escritores também ganharam espaço nos jornais para divulgarem suas obras e se desenvolverem na profissão de jornalistas/escritores. Como afirma Jacinto Baptista (BAPTISTA, 1988, p.321-322), escrever em jornais tornou-se *o laboratório de um estilo*.

Percebendo o anonimato deste público e, em contrapartida, sentindo necessidade de se comunicar com um leitor real e consciente, bem como informá-lo e formá-lo – características de um bom jornalismo -, Eça de Queiroz em prefácio aos *Azulejos do Conde de Arnoso*, esclareceu a respeito dos tipos de leitores de sua época, bem como de escritores, dizendo que

Nos tempos em que Voltaire, já depois de Candide, mesmo já depois da Pucelle, se contentava com cem leitores – tempos que nos devem parecer incultos, neste ano de Graça e de voraz leitura em que o Petit-Journal tira oitocentos mil números, e Germinal é traduzido em sete línguas para que o bendigam sete povos – esses cem homens que liam e que satisfaziam Voltaire eram tratados pelos escritores com um cerimonial e uma adulação, que se usavam somente para os Príncipes de sangue e as Favoritas. (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 3, p. 1791).

Como se percebe, anterior ao advento da imprensa, o número de analfabetos era grande, pois *...o alfabeto ainda não se tinha democratizado: quase apenas sabiam ler as Academias, alguns da Nobreza, os Parlamentos, e Frederico rei da Prússia...* (IDEM). E, como já foi mencionado, embora o número de alfabetizados tivesse

crescido devido à necessidade das indústrias, pois para que as máquinas fossem manuseadas havia necessidade do mínimo de leitura por parte de seus usuários, a qualidade de leitura ainda não agradava à avaliação de Eça.

O jornal havia favorecido a geração de Eça de Queiroz e fez com que se percebesse quem era o seu leitor e escrevesse de acordo com o seu público. Cada jornal possuía um público alvo. Antes, ...*O Escritor, há cem anos, dirigia-se particularmente a uma pessoa de saber e de gosto (...) e que se chamava “o Leitor”: e hoje dirige-se esparsamente a uma multidão azafamada e tosca que se chama “o Público”...* (IDEM).

Diferenciando os Leitores e Escritores¹³ (com maiúsculas no texto), de outros leitores e escritores (com minúsculas), bem como procurando ser transparente e coerente, Eça de Queiroz procurou, incansavelmente, colaborar para que a imprensa de sua época tivesse, sobretudo, qualidade.

Conforme Jaime Brasil, in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, bons escritores, inseridos na imprensa, ansiavam por publicações ponderadas e dignas e suas atitudes críticas e, desta forma, refletiam o culto pela dignidade do jornalismo. ...*Só um jornalista de vocação, mais: de paixão, como Eça foi, ousaria escrever contra o mau jornalismo as páginas cadentes que escreveu...* (BRASIL, 1945, p.517).

E prossegue, dizendo que somente quem conhecia o verdadeiro ofício do jornalismo, reconhecia e sofria com os podres e as mazelas da imprensa corrupta e mesquinha. De um lado, o público-leitor, já cansado das contradições das gazetas, pressente ter sido e estar sendo enganado por elas. De outro lado, os jornalistas que queriam ver a sua profissão prestigiada, e com o objetivo único de vender dignidade, como era o caso de Eça de Queiroz, castigava, nos mais duros termos, a corrupção, a ignorância dos pretensos jornalistas.

Em linhas gerais, a imprensa colaborou para o desenvolvimento social e cultural do homem ocidental. Segundo Foucault, a imprensa contribuiu para a cultura ocidental, pois ...*A imprensa, a chegada à Europa dos manuscritos orientais, o aparecimento de uma literatura que não era mais feita pela voz (...) – tudo isso testemunha, (...) o lugar fundamental assumido, no Ocidente, pela Escrita...* (FOUCAULT, 2002, p. 53).

¹³ Assunto que será tratado com mais atenção no Item 1.3. desta dissertação.

Como se observa, o Jornalismo é muito mais do que, simplesmente, a imprensa ou a profissão de quem apura, redige e publica notícias. O bom Jornalismo, principalmente o do século XIX, foi significativo para o acesso à cultura, à crítica, à arte e, conseqüentemente, ao desenvolvimento do homem como ser pensante e capaz de mudar a ordem das coisas ao seu redor.

Conforme Beatriz Berrini, em *A Geração de 70, a ...imprensa era um espaço natural de diálogo com o público...* e, sem dúvida um meio importante para a nação, basta avaliar nas ficções de Eça de Queiroz que a imprensa estava sempre presente em trechos substanciais, como: tramóias que se armam nas redações de jornais ou a manipulação do público leitor por meio da palavra jornalística, entre outros (BERRINI, 2003, p. 51).

Hoje, temos a instantaneidade da informação via Internet, televisão e rádio. Todavia, o fato de termos mais facilidade de acesso a tais meios de comunicação de massa, não faz com que a população automaticamente eleve seu padrão de cultura.

Ainda, atualmente se discute, principalmente nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, a necessidade da leitura. Isto, infelizmente, demonstra a carência da formação de juízo de valor, a respeito das informações que chegam às pessoas a cada minuto, pelos olhos e pelos ouvidos, bem como a falta de capacidade e habilidade para a interpretação crítica do mundo em que vivem.

Em última análise, o jornalismo continua preenchendo um espaço importante na formação do ser humano. No entanto, ainda temos a necessidade de avolumarmos a lista de escritores e/ou jornalistas sérios, a exemplo de Eça de Queiroz, a fim de que a imprensa procure em sua essência, além do princípio investigativo, também o enriquecimento do pensamento, da criação, da expressão e da informação. É o que nos afirma Eça de Queiroz, ainda muito jovem, já no início de sua carreira como jornalista, no jornal *O Distrito de Évora*:

É o grande dever do jornalismo fazer conhecer o estado das cousas públicas, ensinar ao povo os seus direitos e as garantias da sua segurança, estar atento às atitudes que toma a política estrangeira, protestar com justa violência contra os atos culposos, frouxos, nocivos, velar pelo poder interior da Pátria, pela grandeza moral, intelectual e

material em presença das outras nações, pelo progresso que fazem os espíritos, pela conservação da justiça, pelo respeito do direito, da família, do trabalho, pelo melhoramento das classes infelizes.(EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 3, p. 568).

Em suma, o ideal de perfeição jornalística foi dado em “receita” a ser seguida, fruto da sapiência queiroziana; para alcançá-lo basta empregar as concepções e os conselhos do próprio Eça de Queiroz, ou seja, como o autor afirmou n’*As Farpas*, é necessário que se “aproxime” e que “veja”.



Eça de Queiroz



[A imprensa] ...De resto, nem sequer tem as qualidades da forma, nem sequer é literária...

Eça de Queiroz – Palavras sobre o jornalismo constitucional – 1879.

1.2. O Jornalismo Literário e Eça de Queiroz

Afirmar que o jornalismo de Eça de Queiroz é específico porque, além da preocupação com a informação, também, possui um cuidado com a formação e com o modo como se informa/forma a opinião pública, admite uma abordagem sobre o jornalismo artístico, ou melhor, como gênero literário.

O conceito de gênero já foi amplamente discutido, desde os gregos até os mais modernos e renomados críticos e teóricos. Segundo Vitor Manuel de Aguiar e Silva, no plano especificamente literário, o gênero encontra-se ligado a conceitos como os de tradição e mudança literárias, modelos, regras etc.

Aristóteles, um dos primeiros a discutir o tema, afirmou que o gênero é um tipo de construção-estética, a qual é determinada por um conjunto de normas a serem obedecidas. Para este clássico antigo, os gêneros variam conforme os homens em ação. Assim, os poemas épicos de Homero representam os homens melhores. E os de Cleofante, imitam os homens semelhantes aos reais, assim como a tragédia tende a imitar os homens superiores aos reais e a comédia, os imita com características piores. Os “modos” como o artista imita a realidade são relevantes para determinar a qualidade estética da obra, assim como o seu gênero.

Partindo das assertivas de Alceu Amoroso Lima, in: *O Jornalismo como Gênero Literário*, 1960, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, nos tempos clássicos, a arte tinha missão catártica, sendo um fim e não um meio. Assim, era evidente que sua forma exterior deveria obedecer, também, a critérios normativos. Outrossim, na modernidade, o gênero tem caráter vital para a evolução das letras, pois a arte é considerada uma consequência da concepção intelectual, além de representar formas de expressões do artista.

Segundo Welleck e Warren ¹⁴, a moderna teoria dos gêneros é, claramente, descritiva e representa uma soma de esquemas estéticos, os quais estão à mão do escritor e são inteligíveis ao leitor.

¹⁴ Apud: LIMA, 1960, p. 17.

Desta maneira, Alceu Amoroso Lima, não define gênero como um conjunto de normas objetivas que todo artista (e obra) deve obedecer – conceito clássico -, mas como *...um tipo de construção estética determinado por um conjunto de disposições em que se distribuem as obras segundo as suas afinidades intrínsecas e extrínsecas...* (LIMA, 1960, p. 18). Por ser flexível, esta é uma concepção, conforme o crítico Amoroso Lima, que compreende o jornalismo como gênero.

Assim, o jornalismo também é incluso no domínio mais amplo de literatura, ou seja, a arte da palavra compreendida como expressão verbal com ênfase nos meios e não com exclusão dos fins. E tal expressão não deve ser entendida como qualquer palavra, pois na literatura, esta é um elemento e não um instrumento, porque nela recai uma determinada acentuação que passa a ter seu valor de belo.

...A literatura não exclui nem a verdade, nem o bem, nem a história, nem a autobiografia, nem a filosofia, nem as ciências, nada... (LIMA, 1960, p. 22). Se tudo é possível na literatura, desde que no seu meio de expressão haja uma ênfase e que o “modo” como se emprega esse meio de comunicação seja acentuado e diferenciado, o jornalismo poderá ser literatura.

É bom lembrar que o fato de a literatura não excluir o possível, não implica na aceitação de qualquer palavra como arte. Ou seja, assim como a má poesia não é literatura, nem todo jornalismo o será. Se o jornalismo utiliza a palavra como mero meio de comunicação ou como um instrumento de transmissão de fatos, não é literatura.

É nestes termos que Eça de Queiroz se destaca, pois não fazia somente uso pragmático da palavra com o fim de informar os fatos. Seus objetivos iam além, como se pode perceber desde a verdura de seus anos, e início de seus trabalhos como escritor, até o fim da vida.

Suas superiores qualidades, já evidenciadas, por exemplo, no *Distrito de Évora*, se manifestaram com força n’*As Farpas*. O domínio da língua portuguesa, a vasta cultura, sobretudo literária, a preocupação com a conscientização do público com relação aos desmandos dos poderosos, à injustiça social, aos jornais noticiosos e sensacionalistas, tudo isto faz com que o jornalismo queiroziano seja abordado como literário.

Além disso, seu procedimento não se limitava a uma linguagem referencial, pois denunciava e criticava os fatos com muita sagacidade, muito sarcasmo e ironia, fazendo da notícia um gênero literário. Tirando ...o essencial do acidental, o permanente do corrente (...). Tudo isto é o que o distingue do simples noticiário. Fazer da informação um gênero literário, é o sinal do bom jornalista... (LIMA, 1960, p. 47).

Eça de Queiroz, portanto, atinge um jornalismo com finalidade moral e social, indo além da finalidade puramente informativa por meio da palavra amplamente enriquecida por um estilo muito particular.

Conforme Alceu Amoroso Lima, a função da palavra, além de comunicar, é representar. Portanto, se literatura é a arte da palavra, toda a arte, de certa forma, é comunicação. Além de comunicar, a arte também possui o caráter de apreciação, ou seja, tem como dominante o juízo a formar. No caso do jornalismo, há a apreciação de acontecimentos. Desta maneira, o bom jornal deve seguir quatro caracteres: arte verbal em prosa, prosa de apreciação e uma apreciação dos acontecimentos. O jornalista deve formar e informar seu público, quer dizer, informa para formar. Sua grande finalidade, portanto, é moral e social.

A crítica com fins moralizantes é evidente em Eça. N'As *Farpas* de Maio de 1871, o autor deixa claro esta preocupação:

...O país perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos, as consciências em debandada, os caracteres corrompidos. A prática da vida tem por única direção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido. Não há instituição que não seja escarnecida. Ninguém se respeita. Não existe nenhuma solidariedade entre os cidadãos. Ninguém crê na honestidade dos homens públicos. Alguns agiotas felizes exploram. A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 16).

Comentar a informação, enriquecê-la com sua apreciação, informar e formar, criar e orientar a opinião pública, conforme Alceu Amoroso Lima, é uma arte social –

que, aliás, Eça de Queiroz tão bem sabia alcançar. Portanto, o bom jornal tem por sua meta a ênfase na estilística, na informação social e na formação moral.

Manter contato com o fato, com o concreto e com a objetividade – traços naturais do jornalismo -, não o torna menos literário, pois como já foi comentado, o importante é não esquecer o “modo” de expressão verbal.

A preocupação com a verdade é essencial para o jornalismo como gênero, já que o jornalista nunca pode deixar de lembrar da veracidade dos fatos, de ser sempre honesto com o seu público – qualidades intrínsecas ao estilo individual do artista-jornalista. Este traço é o que distinguirá o jornalismo como gênero literário.

Eça de Queiroz transformou a palavra meramente utilitária em palavra com valor de meio em si, ou seja, empregou a expressão verbal com ênfase nos modos de expressão, depurando-a pela ironia, por exemplo.

“*A galhofa ao serviço da justiça*” (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 17), era o refrão de Eça e humoristicamente, fazia com que os cidadãos vissem a decadência de Portugal.

Não optou em fazer um jornal *...político, inteiro, com todas as suas inépcias, todas as suas calúnias, vasto logradouro de idéias triviais que desmaiam de fadiga entre as mãos dos tipógrafos...* (IDEM). Preferiu produzir um jornal que *...conversasse um pouco, rindo muito...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 18), e este riso, segundo o próprio Eça, castigava, filosofava e salvava.

Visando, sobretudo, informar/formar o público-leitor, Eça orientou a opinião pública atingindo o que Alceu Amoroso Lima chamou de arte social. E, conseqüentemente, o autor d’*Os Maias* alcançou a beleza do jornalismo que *...está precisamente em ultrapassar a beleza estética para alcançar a beleza intrínseca, ligada à função e à finalidade para-estética...* (LIMA, 1960, p. 48).

Conforme o crítico acima citado, a formação da opinião pública é uma finalidade extra-estética, já que é de domínio social, político, moral, coletivo, civilizador. Todavia, é parte integrante da caracterização da atividade como gênero literário.

Em suma, Eça de Queiroz produziu jornalismo-arte, considerado gênero literário, uma vez que apresenta o traço diferencial daquilo que se considera como não-literário,

pois põe ênfase no estilo, como meio de expressão, com marcação específica da apreciação em prosa dos acontecimentos.

Seus textos têm peso de arte, já que educa o homem e a opinião pública, por meio de uma linguagem trabalhada de maneira muito especial e diferenciada. Uma linguagem concisa, precisa, clara, inovadora, irônica, a qual não perde de vista, de um lado, a preocupação intelectual, social e moral. E, de outro lado, o contato duplo com o acontecimento e com o leitor. Portanto, além do estilo próprio, o jornalista português, obrigatoriamente, e antes de tudo, informava/formava o seu público-leitor.

Segundo Guerra da Cal, reconhecer um estilo e defini-lo em termos abstratos gerais é um problema difícil. Podem ir desde o elemento verbal e gramatical àqueles que *...o identificam ontologicamente*¹⁵ com o próprio homem... (CAL, 1981, p. 52).

E prossegue, afirmando que estilo literário vai muito além do verbo. Ter estilo não é, apenas, possuir uma técnica de linguagem, aborda a concepção de mundo e conseguir expressá-la com uma forma adequada. É, como se nota, uma projeção do homem essencial. E para chegar a este objetivo, o artista realiza uma seleção de seus meios de expressão.

Eça de Queiroz era inovador para a sua época, rompeu com as normas e padrões considerados fundamentais para a literatura, como, por exemplo, com o Romantismo, sem deixar de lado a verve.

Adaptou as estruturas estabelecidas à necessidade da nova Escola Literária (o Realismo), bem como às suas, as quais se baseavam em *...um meio expressivo direto e impressionável, que fosse flexivelmente capaz de comunicar as mais delicadas gradações de matizes de pensamento e da emoção...* (CAL, 1981, p. 61).

E assim, o estilo queiroziano não se limitava, meramente, ao trabalho gramatical e verbal. Conseguia se expressar, de maneira que, por mais degradante que fosse o fato transcrito, seu estilo irônico, seus adjetivos superlativos, os neologismos (como, por exemplo, a palavra “conselheiral” – adjetivo que está ligado às características semelhantes às do Conselheiro Acácio), a ordem indireta das orações para dar ênfase ou destaque aos fatos e pessoas, a utilização do galicismo com novos efeitos e novas combinações, enfim, sua capacidade de apreensão e compreensão o levam a um

¹⁵ Ontologia, segundo o dicionário Houaiss, é a ciência que considera o ser em si mesmo, independentemente de como ele se manifesta.

exercício intelectual, gramatical e verbal de repúdio à realidade portuguesa de sua época.

Quando o público leu Eça de Queiroz pela primeira vez na *Gazeta de Portugal*, foi acusado de escrever em outra língua, tamanha era a inovação que o autor operava em seus textos jornalísticos. Contudo, grandes escritores, seus contemporâneos, como, por exemplo, Camilo Castelo Branco, não lhe pouparam elogios ao dizerem que Eça era brilhante, admirável, audacioso na linguagem e que tomava a vanguarda de todos os romancistas.

Em síntese, em se tratando de textos ficcionais, Eça de Queiroz derrubou uma estrutura literária ultrapassada em Portugal e, anterior a isto, nos textos jornalísticos, também, impôs uma linguagem diferente e nova. Ao mesmo tempo, ainda mantinha vivas em sua mente a Justiça e a Verdade.

Ao criticar o jornal católico *Bem Público*, Eça brinca com a sonoridade das palavras e de seus significados. Combina os vocábulos “bem”, “bom”, “mal”, “mau” e finaliza o artigo aconselhando àquele jornal que tivesse modéstia, honestidade, a fim de que pudesse aspirar à estima e aos aplausos dos antigos egressos. E termina dizendo: ... *Toma contigo o teu rapé, querido, e usa sempre flanela: e serás grande ó Bem! o bom Bem! ó Bem bom! Bum!* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 320), deixando transparecer a inovação jornalística, o jogo com as palavras, com os sons, com os significados.

Outrossim, obcecado pela perfeição, este é um propósito que segue até o fim da vida, tem o cuidado de solicitar aos amigos que lessem os seus textos e que lhe enviassem suas críticas, pois a opinião pública sempre o preocupava. A exemplo disto, podem-se citar as três versões diferentes de *O Crime do Padre Amaro*, revisadas e melhoradas. A primeira em 1875, a segunda em 1876 e a última em 1880. E, mais tarde, em 1890/91, a “*toilette*” que achou necessária ao publicar suas antigas farpas.

Eça respondeu, enfim, a tudo que o bom jornalismo exige enquanto gênero e, também, a um temperamento inerente à sua natureza, que diz respeito à estética, ao seu estilo individual.



...Tenho-me posto no mau hábito de ler todas as manhãs montões de jornais: e esta grossa massa de política cai-me no cérebro, não é digerida...

Eça de Queiroz - em carta para Ramalho Ortigão – 10 de julho de 1879.



...o homem de letras viu diante de si a turba que se chama o Público, que lê alto à pressa no rumor das ruas...

Eça de Queiroz – Prefácio aos *Azulejos* do Conde de Arnoso – 1886

1.3. Eça de Queiroz no jornal do século XIX: o Leitor e o Escritor

Eça de Queiroz, em 24 de maio de 1885, escreveu uma carta ao amigo Mariano Pina, solicitando-lhe jornais franceses que falassem da morte de Victor Hugo, porque, estando em Bristol, a imprensa inglesa não trazia muitos detalhes. Em seguida, comentou sobre a idéia que teve em escrever um pequeno folheto intitulado “Victor Hugo”. Mas, depois refletiu que nada teria de novo e de muito profundo para escrever e disse ter esquecido o tal pensamento.

Em carta posterior, datada de 7 de junho de 1885, Eça agradecera os jornais franceses recebidos e voltou a repetir sobre o desejo de escrever *uma pequena coisa sobre o Hugo* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v.4, p. 177), contudo sendo um “*hugólatra*” sua única vontade era a de *...deitar flores sobre o seu caixão...* (IDEM). Todavia, o perseguia um novo plano de escrever algo sobre a influência do grande autor falecido em sua geração.

Nesta carta, sugeriu a Pina que este estudo poderia ser em forma de carta. E prossegue com os seguintes dizeres: *... – supondo que Você me pedia para eu lhe dar uma idéia, para a Ilustração de qual foi a influência de Hugo na minha geração, isto é há 20 anos...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v.4, p. 178).

Em 18 de julho de 1885, Eça de Queiroz remeteu *...a coisa sobre o Hugo...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v.4, 179) a Pina, exprimindo o desejo de que o amigo poderia publicar com o título que lhe parecesse melhor, desde que tivesse uma curta nota *...- lembrando que me pediu para eu lhe dizer etc, e que eu respondo etc...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v.4, p. 179).

Aqui, esta passagem não cabe para discutir a influência hugoana na vida literária e na geração de Eça de Queiroz, embora isto seja um fato. Serve para apontar a real necessidade que Eça tinha de se comunicar e de escrever para um real leitor.

Talvez, a carência de um ouvinte real, a necessidade de “falar” com alguém concreto, explique sua solicitação ao amigo Pina e o seu artigo adquira a forma de uma

resposta em carta – meio de comunicação em que o receptor, na maioria das vezes, é determinado.

Conforme Beatriz Berrini, embora o estudo de Victor Hugo fosse dirigido ao público em geral, a carta destinada a Mariano Pina parecia facilitar o exercício da escrita, *...Como se para ele, Eça, fosse necessário ter diante de si um receptor concreto, mesmo que invisível e silencioso, com quem pudesse dialogar. Não lhe era fácil dirigir-se a uma entidade abstrata...* (BERRINI, 2000, v.4, p.20)¹⁶.

Também tem maneira de correspondência, o prefácio aos *Azulejos* (1886), endereçada ao Conde de Arnoso – autor do livro em questão. Nele, Eça de Queiroz destacou a diferença que se travava entre o “leitor” e o “público”. Quer dizer, outrora, alguns poucos letrados, em sua solitária leitura, tinham o escritor como um companheiro, muito próximo e amigo. Depois, *...tomou-se a Bastilha. Tudo se resolveu: e mil novidades violentas surgiram, alterando a configuração moral da Terra. Veio a democracia (...), instalaram-se a máquina Marinoni que imprimem cem mil jornais por hora (...) e para as grandes massas...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 3, p.1792).

Esta massa de leitores lia os jornais, bem como os folhetins, às pressas e sem alguma reflexão, portanto, sem aproximação com o escritor e seu texto. Desta maneira, a máquina contribuiu para o desaparecimento da individualidade, extinguiu-se “o Leitor”, o qual cedeu espaço ao “Público”, que lia às pressas no rumor das ruas ou das praças.

Segundo Eça de Queiroz, a carícia adúladora era inútil e o escritor se tornou impessoal. Mas, entre leitores apressados e escritores impessoais, ainda sobreviveram, Escritores (com maiúscula) que se deixavam seduzir pelas maneiras clássicas e acabavam encontrando Leitores “*dos velhos tempos*”.

Tal Escritor, para Eça, confiava, sobretudo, nesse Leitor ideal, considerado um amador raro das *...lindas flores modernas de Fantasia e de Estilo...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 3, p.1793). Isto faz lembrar o modelo de leitor e de escritor contido em sua teoria de jornalismo, assim como na sua avaliação de bom jornal, já mencionada.

¹⁶ BEATRIZ BERRINI, *Introdução Geral*. In: EÇA DE QUEIROZ, *Obra Completa*. 2000, Aguilar, Rio de Janeiro, v. 4, p. 20.

Se para atingir um jornal transparente e verdadeiro é necessário que os escritores tenham consciência, idéia, ciência, verdade, justiça e ainda, que saibam interpretar, atuar e intervir; para alcançar os mesmos objetivos, também é necessário que os leitores tenham bom senso, reflexão, crítica, ciência, verdade etc.

Ocorria, então, em Eça de Queiroz, a insatisfação com o desaparecimento do “Leitor”, e o incomodava a idéia de um “Público” distante e impessoal, que lia às pressas, bem como de um “Escritor” maquinal que produzia textos por encomenda, em uma indústria de enredos. Neste ínterim, Eça de Queiroz se via obrigado a tentar mudar tal perfil, traçando o contorno do “Jornal de bom senso” para um “leitor de bom senso”.

N’As *Farpas* de maio de 1871, no artigo sobre as conferências democráticas do Cassino Lisbonense, delineavam-se aspirações queirozianas a respeito daquilo que deveria ser o jornal e seus leitores. Dirigindo-se diretamente aos leitores, e incluindo-se em suas assertivas, disse: *...Sejamos lógicos. As Farpas não são o legitimismo, nem a república, nem o constitucionalismo, nem o sebastianismo. Desejam simplesmente ser a lógica e o bom senso...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 43).

Portanto, a lógica e o bom senso são indispensáveis para que haja, entre escritor e leitor, uma comunicação honesta e séria – princípios, segundo Alceu Amoroso Lima, do jornal como gênero, já que é a partir destes propósitos que se pode chegar a uma expressão verbal honesta, com ênfase no trabalho elaborado da palavra.

Todo bom jornalista, sobretudo Eça de Queiroz, tem necessidade de escrever com seriedade e honestidade. O leitor (ou o público), que deseja ser informado e formado, tem a necessidade de ler, com lógica e bom senso, os fatos apresentados.

E desta forma, para Eça de Queiroz, os jornais deveriam ser sinceros, *...Se não são, então faltam duplamente à dignidade porque desconsideram os outros enganando-os, e desconsideram-se a si mentindo...(IDEM). O autor d’O Primo Basílio tinha consciência do que significava ser um bom jornalista e, também, das conseqüências das atitudes do mau jornalismo, afirmando que estes eram ...perturbadores de profissão; [queriam] lançar, de caso pensado, o ceticismo no espírito público, para o interesse da sua intriga. [Pertenciam] ao ministério público...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 43).

Não resta dúvida de que havia preocupação, por parte de escritores sérios e conscientes, como Eça de Queiroz, com a utilidade pública do jornalismo, no sentido de esclarecer, criticar, informar. Mas, esta apreensão não se limitava à escritura, como também dizia respeito à leitura. Na verdade, o nosso autor português se inquietava com a postura dos leitores, solicitando, nas mesmas *Farpas*, de maio de 1871, bom senso de seus receptores, pedindo-lhes a aproximação.

Em uma conclamação, e ao mesmo tempo numa conversa íntima com o leitor, Eça demonstrou respeito pelos seus receptores e, com uma postura muito própria, de um verdadeiro artista, adverte:

Leitor de bom senso¹⁷ - *que abres curiosamente a primeira página deste livrinho, sabe, leitor - celibatário ou casado, proprietário ou produtor, conservador ou revolucionário, velho patuléia ou legitimista hostil - que foi para ti que ele foi escrito – se tens bom senso*¹⁸!

Aproxima-te um pouco de nós, e vê¹⁹... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 16).

E é desta maneira que o jornalismo literário, bem elaborado, tem papel preponderante na formação dos leitores e abre caminhos para características literárias, sobretudo insiste no diálogo do escritor com os leitores. E Eça, utilizando o jornal como meio de comunicação, abriu a percepção do homem à questão do literário e não, apenas e meramente, limitou-se à apresentação de fatos acontecidos e relatados.

Aquela era uma época em que a imprensa se tornara um espaço muito almejado e apreciado pelos escritores, tanto para sua sobrevivência econômica, constituindo um dinheiro suplementar, com o qual se poderia contar, como também para fomentar uma relação funcional íntima de escritor/leitor, encaminhando-a para a reflexão e crítica.

Em carta a Ramalho, no ano de 1879, Eça se mostrou ávido pelas notícias de jornais, afirmando que se tinha posto *...no mau hábito de ler todas as manhãs montões de jornais: e esta grossa massa de política cai-me no cérebro, não é digerida, e pela*

¹⁷ Grifo meu.

¹⁸ Idem.

¹⁹ idem.

sua presença impede o jogo regular das faculdades artísticas... (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 4, p.136-137). E ainda, depois de lidas, tais informações eram referidas por ele como “fezes” e tinha a necessidade de *...purgar a inteligência destas fezes. Quero um vaso. O Jornal do Comércio parece-me poder preencher esta função útil...* (IDEM).

Isto aguçava sua vontade de escrever condignamente, sem que a remuneração se destacasse como o aspecto mais importante, já que ele não queria *...evacuar grátis: e é esta outra feição da questão que é importante considerar: (...) – o fato da remuneração não é essencial, contento-me com uma quantia que ressalve suficientemente a dignidade das letras...*(IDEM). Na verdade, prevalecia a necessidade de que o jornal fosse sério e consciente em relação às notícias que eram passadas ao público leitor.

Os escritores utilizavam-se da realidade observada ao seu redor e daquelas lidas em jornais. Portanto, exerciam o papel de leitor e de escritor, ao mesmo tempo. Tais leituras fertilizavam e nutriam o trabalho de autor; portanto, havia uma relação útil com os periódicos, mesmo com aqueles jornais que não eram tão coerentes e não utilizavam o bom senso para com o público leitor. E para tanto, era imperativo que os leitores fossem ávidos, lógicos e de bom senso.

Mesmo aqueles jornais desprezíveis, convinhavam como fonte de observação, como podemos notar, por exemplo, que n’*As Farpas* Eça se referia a inúmeros jornais, como o *A Nação* – jornal tradicional católico e tendencioso -, o qual lhe servia de subsídio para se degustar aquilo que Eça não digeriria.

Em conclusão, na relação entre leitor e escritor, Eça de Queiroz se incluía, já que era um ávido leitor (de jornais e de literatura, em geral), bem como exímio escritor. Sua visão crítica e irônica o encaminhava a uma postura transparente, honesto e sério, pois diante de sua experiência como receptor, fazia a si próprio uma exigência extra quando escrevia ao seu público. Nisto tudo, quem saía ganhando era o leitor, que recebia atenção merecida, culta e inteligente.

A necessidade de escrever para alguém concreto, levava o escritor Eça, amador do estilo, a procurar, incansavelmente, esse leitor ideal, inclusive dentro de si mesmo, dotado de bom senso e lógica. Ao encontrá-lo, não faltava, nesta comunicação digna, a Verdade e a Justiça.



...Suponhamos porém que, (...) há alguém que em honra de sua inteligência (...) delibera passar um pouco de tempo comprometendo-se. O que sucede?

Eça de Queiroz- *As Farpas* – Maio de 1871.



...É por este motivo que dois homens, que não querem ser deputados, nem ministros, nem viscondes, nem agiotas, criam estes livrinhos mensais que se intitulam As Farpas... (IDEM).

II. AS FARPAS: VISÃO GERAL

2.1. Alguns dados básicos

O convívio dentro da geração, a chamada geração de 70 – grupo de intelectuais e de artistas portugueses que realizavam reuniões de estudo e debates em torno de problemas importantes de Portugal, como a política, a religião, a cultura, a arte etc – temas encontrados n’*As Farpas* com frequência -, foi extremamente salutar para Eça de Queiroz.

Assim, embora cada um tivesse uma formação diferente, os ideais em comum os uniram com o propósito de modificar Portugal por meio da revolução da palavra ²⁰. Além disso, muitos destes amigos ²¹ proporcionaram a Eça de Queiroz sua inauguração na imprensa e suas primeiras experiências jornalísticas.

Terminados os estudos em Coimbra ²², Eça passou a se reunir em Lisboa, aproximando-se de Antero de Quental e Batalha Reis, no chamado *Cenáculo*, que mais tarde, culminaria com as *Conferências do Casino*.

A princípio, as reuniões começaram na casa de Batalha Reis, na Travessa do Guarda-Mor, 19 (hoje, Rua do Grêmio Lusitano). Sob influência de Antero de Quental, os jovens estudavam grandes pensadores, como, por exemplo, Proudhon – “o grande construtor da revolução”, como afirmou Eça de Queiroz quando se referiu à morte deste pensador ²³.

Desta maneira, Proudhon, entre outros, serviu de base a todos que se reuniam em torno do poeta, que participaram e beberam dessa mesma fonte ideológica, inclusive a Eça de Queiroz. Proudhon foi algumas vezes mencionado nos artigos

²⁰ Beatriz BERRINI, *Brasil e Portugal: A geração de 70*. 2003. Porto: Campo das Letras, p. 20 – 23.

²¹ Ver em Anexos, figuras dos amigos e familiares de Eça de Queiroz, p. 138.

²² Ver em Anexos, foto da Universidade de Coimbra – local onde Eça estudou e utilizou como cenário para várias obras, p. 141.

²³ C.f. A. Campos MATOS. *Districto de Évora*. In: *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2 ed., 1988, p. 285.

farpais, como por exemplo, na farpa de Novembro de 1871 em que Eça se declarou seu discípulo.

Antero de Quental, o mais velho do grupo e responsável em apresentar Proudhon aos amigos, por meio de incansáveis leituras, encaminhará discussões interessantes a respeito do espírito novo que envolvia a Europa na década 60/70 do século XIX. A posição queiroziana frente à decadência de Portugal, muitas vezes foi exposta n'As *Farpas* e em outros artigos, sem deixar de lado, é claro, o que resultava do seu dom inato de observação, inquietação, crítica, ironia e desejo de modificar seu país.

Segundo Isabel Pires de Lima, em *Antero visto por Eça*, in *Dicionário de Eça de Queiroz* (MATOS, 1988, p.99- 104), a conformação do mito do “Santo Antero” é de responsabilidade do autor de *Os Maias*. Em *Notas contemporâneas*, Eça publicou o celebrado texto: *Antero de Quental – Um Gênio que era um Santo* e nesta transcrição, além do perfil mítico de Antero, também se percebe a presença de ideais nascidos das posições intelectuais deste amigo, que estão presentes n'As *Farpas* -, como: a consciência, o humor e o bom senso.

Sobre o relacionamento Eça/Antero, Álvaro Lins disse que *...De Antero, porém, Eça aproveitou (...) o exemplo das atitudes pessoais e das virtudes humanas. Ficará para sempre diante dele como na primeira vez que o vira em Coimbra – quase aos seus pés, escutando-o, num enlevo...* (LINS, 1965, p. 31).

Um dos mais íntimos amigos de Eça (senão o mais íntimo), Ramalho Ortigão²⁴, que fora seu mestre no Porto, em 1868, ao assumir o cargo de oficial na Secretaria da Academia das Ciências, reencontra Eça, já então bacharel em Direito. A partir daí, travaram uma parceria na escritura d'*Mistério da Estrada de Sintra* (1870) e no ano seguinte, 1871, ambos publicaram o primeiro fascículo de *As Farpas*.

Este reencontro permitiu, não apenas a incidência de objetivos em comum que almejaram a reformulação de Portugal e que possibilitaram a produção de artigos interessantes, críticos e irônicos n'As *Farpas*, como também permitiu que assim se

²⁴ Segundo João Gaspar Simões, Ramalho foi professor de francês, no Colégio da Lapa, a partir do ano 1860, estabelecimento frequentado por Eça de Queiroz nos anos de 1855 a 1861. Entretanto, segundo Beatriz Berrini, em nota preliminar do volume I de *Obra Completa*, Ed. Aguilar, Eça entrou no Colégio da Lapa em fins de 1861, com 16 anos.

saboreasse as primeiras produções queirozianas, as quais evidenciam, claramente, as futuras produções ficcionais.

Em 17 de junho de 1871 ²⁵, Ortigão e Eça publicaram o folheto mensal, em formato de fascículo de 11 X 14 cm, com 96 páginas²⁶, que recebera o título de *As Farpas, crônica mensal de política, das letras e dos costumes*, as quais possuíam capa em cor beije ou meio alaranjada, desenhada por Manuel Macedo, com uma singular figura, segundo introdução de Maria Filomena Mónica e Maria José Marinho na edição que há pouco fizeram dos textos originais farpistas, de um diabo chamado Asmodeus. Este era um gênio impuro de que falam as sagradas escrituras e tal diabo sorridente observa, através de um óculo, o cenário da realidade portuguesa.

A princípio, os “farpistas” não assumiram individualmente a autoria dos seus textos, tamanho era o *...mimetismo recíproco de estilos, atitudes e idéias (...), pois só no título dos pequeninos folhetos os dois nomes aparecem, mostrando bem que o resto da publicação é de ambos...* (MEDINA, 2000, p. 16).

Embora fosse uma obra coletiva, cada um, Eça e Ramalho, produziu seus artigos separadamente, pois Eça, nesta altura já doente, morava no Norte do país e Ramalho em Lisboa.

Os primeiros textos farpais envolvem Eça de tal maneira, que nem a doença lhe tira o empenho e a vontade de escrever, mesmo que fosse com muita dificuldade. Em correspondência a Ramalho, em junho de 1871, afirma que continuava *...a passar vida de doente: regime, ferro, passeios, etc. A minha única agitação tem sido escrever para as Farpas...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v.4, p. 95).

Todavia, escrevendo devagar e com o espírito de um anêmico, *...Felizmente, graças a Deus, creio que estou melhor. Mas quando aqui cheguei – querido Ramalho – a coisa não estava lisonjeira! Peste!...* (IDEM). Mesmo assim, sua animação em escrever os artigos farpistas o envolvia e lhe dava forças.

A parceria Eça/Ortigão seria desfeita mais tarde e quando resolveram publicar os textos separadamente, não houve dificuldade, pois a produção era originalmente autônoma.

²⁵ *As Farpas* desta publicação aparecem datadas com o mês de Maio, mas só foram publicadas em Junho.

²⁶ Ver em ANEXOS uma breve análise da capa d’*As Farpas*, p.130/131.

No primeiro fascículo d'*As Farpas*, já no prólogo, o leitor depara-se com a sátira à burrice, à inabilidade e ao vazio da imprensa lusa. Assim, desde os primeiros artigos em jornais, destacando *As Farpas*, até sua produção ficcional, Eça sempre evidenciou preocupação com um jornalismo sem compromisso partidário, sem concessões à mediocridade, sem complacências para com uma sociedade falsamente civilizada, como afirma João Medina.

As Farpas revolucionaram, enfim, a sociedade lusitana. Tal inovação passou pela crítica ao jornalismo, à religião, aos costumes, à cultura, à Arte. Sua recepção foi de impacto e sucesso, despertando tão grande interesse no público que o primeiro número teve uma segunda edição.

Os objetivos deste folheto mensal, segundo Eça de Queiroz, era em primeiro lugar *...promover o riso. O riso é a mais antiga e ainda a mais terrível forma da crítica. Passa-se sete vezes uma gargalhada em volta de uma instituição, e a instituição alui-se...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 3, p. 1750). Seus artigos cáusticos e sarcásticos *...tinham esta maneira: fazer rir do ídolo, mostrando por baixo o manequim...* (IDEM).

Elza Miné afirma que n'*As Farpas*, Eça não teve ação de *...articulista, cronista, correspondente...* (MINÉ, 2000, p. 16) como teve, por exemplo, em *O Distrito de Évora*. Apesar disso, é nesta obra jornalística que o autor confirmou todo o conhecimento que possuía dos problemas reais de seu país, constituindo, conforme João Medina, um verdadeiro tratado de sociologia e da história de Portugal.

Logo, *As Farpas* criaram um novo gênero: o jornalismo de idéias. Sua fórmula era caçoar dos erros e, por meio do riso, combater tudo aquilo que significasse a Decadência Nacional e a Miséria Portuguesa. E segundo Antônio José Saraiva, *As Farpas* se assentam sobre três noções fundamentais: a consciência, a justiça e a igualdade – teoria prodhoniana que se encontra ao longo da obra queiroziana.

A co-autoria queiroziana se estendeu até 1872, colaborando apenas nos primeiros 15 fascículos, já que teve de se afastar, neste mesmo ano, para o estrangeiro, dissolvendo *...este espírito comum dos folhetos mensais...* (MEDINA, 2000, p. 16).

Ramalho, a partir de 1886, demonstrou interesse em reeditar os textos queirozianos publicados nos anos de 1871 – 1872 e, assim, sugeriu tal projeto a Eça

de Queiroz. Em correspondência ao mesmo amigo, de novembro de 1888, a respeito da venda de sua parte de *As Farpas* ao Corazzi²⁷, Eça disse que persistia

...na idéia de vender de antemão a minha parte de Farpas ao Corazzi. Como lhe disse, porém, não tenho um único elemento para fazer uma proposta: e é v. querido Ramalho, que, calculando pelos seus próprios proventos, tem aí de decidir por mim se o que ele oferecer é eqüitativo... (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 4, p. 163).

E continua dizendo que gostaria de saber quando publicaria a sua colaboração, mas havia um impedimento, pois não tinha um único exemplar das velhas *Farpas* e, assim, a revisão que Ramalho solicitara era-lhe difícil e concluiu perguntando se o Corazzi possuía aquela velha coleção.

Mais tarde, em 1890 / 1891, Eça faz uma profunda revisão nos textos originais d'*As Farpas*. Emendou, aperfeiçoou e fez supressões na escrita original, reeditando-as sob o título de *Uma Campanha Alegre* e abdicou do título original, pois dizia que pertencia de direito a Ramalho. Sobre este assunto esclareceu em carta a Ortigão, datada de Outubro de 1890, justificando que quanto ao título *... Aqui tenho razão, mil vezes razão, no que disse. O título de Farpas é seu, é o que V. deu à totalidade da sua obra, na qual eu não entrei nem colaborei...* (Eça de QUEIROZ, 2000, v. 4, p. 169).

Se à sua nova publicação, feito de sua colaboração, desse também o título de *Farpas*, fazia dela uma continuação, um suplemento da obra do amigo *...O único subtítulo que [ela] pode ter é este: - Artigos das Farpas – como frontispício o meu livro só pode ter este: Uma Campanha Alegre. (Artigos das Farpas).* (IDEM).

Pelos inúmeros cortes, o novo volume é, muitas vezes, tão diferente das primeiras *farpas juvenis*, que se pode afirmar que se trata de uma produção paralela e ampliada pelo pensamento já amadurecido de um homem experiente e mais consciente.

Em *Advertência* – texto publicado para a reedição revista de *Uma Campanha Alegre* – o autor, convencido de que nos tempos da juventude a *...tolice tem cabeça de*

²⁷ Vulgarmente chamado por edição Corazzi, por ser de propriedade do editor David Corazzi. (MATOS, 1988, p. 149).

touro..., reconheceu que, depois de uma leitura mal feita de Proudhon, se apressara a *... gritar pela cidade em que entrava – Morte à tolice!...* Entretanto, destes tempos lhe ficara a idéia de uma campanha muito alegre, na qual a ironia se punha a serviço da justiça.

Após vinte anos, ao reler suas farpas amareladas pelo tempo, percebeu um riso tumultuoso e desabalado, mas com uma profunda verdade. Assim, valia a pena recolher este riso, por causa de uma *... tocante superstição de amizade...* - pelo seu camarada Ramalho Ortigão -, e atenuou a caçoada tornando-a menos ridícula.

Em Novembro de 1890, em correspondência a Ortigão, comentou que já havia remetido *As Farpas* ao Corazzi e que foi forçado a *... limpar, catar e endireitar muito o estilo...*, pois não permitiria *... deixar aparecer ao Público, páginas assim desalinhasdas, e por vezes despidas da própria gramática...* E nisto, nota-se o zelo e atenção dada ao leitor. Pensando em seu receptor Eça disse que teve *... de refazer uma toilette a cada artigo. Mas nem uma só frase foi alterada na sua intenção ou no seu feitio de humour...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 4, p. 170).

Desta maneira, percebe-se, por meio das palavras do próprio Eça, aquilo que o impeliu a reler e rever as *Farpas* originais e, também, entende-se a obsessão que tinha em fazer de suas obras algo perfeito, harmônico e coerente, pois Eça de Queiroz demonstrou sempre preocupação com as provas dos textos a serem publicados, bem como com a gramática, com o estilo etc.

Assim, reedita as suas farpas, com um *riso ... que peleja. Que peleja por aquilo que supunha a Razão. Que peleja contra aquilo que supunha a Tolice...*

Eça preocupou-se com o feitio original das *Farpas*, que constituía a sua força especial e com a sinceridade genuína dos primeiros textos. Não se importou, contudo, que as atuais farpas se mostrassem sem brilho e sem gume. O que lhe valia e o encantava e o deixava feliz e orgulhoso era a camaradagem de se encontrar ainda *... junto de [seu] amigo em volumes repletos, calmos, dorés sur tranche, que vão repousar no decoro e na paz das Bibliotecas...*

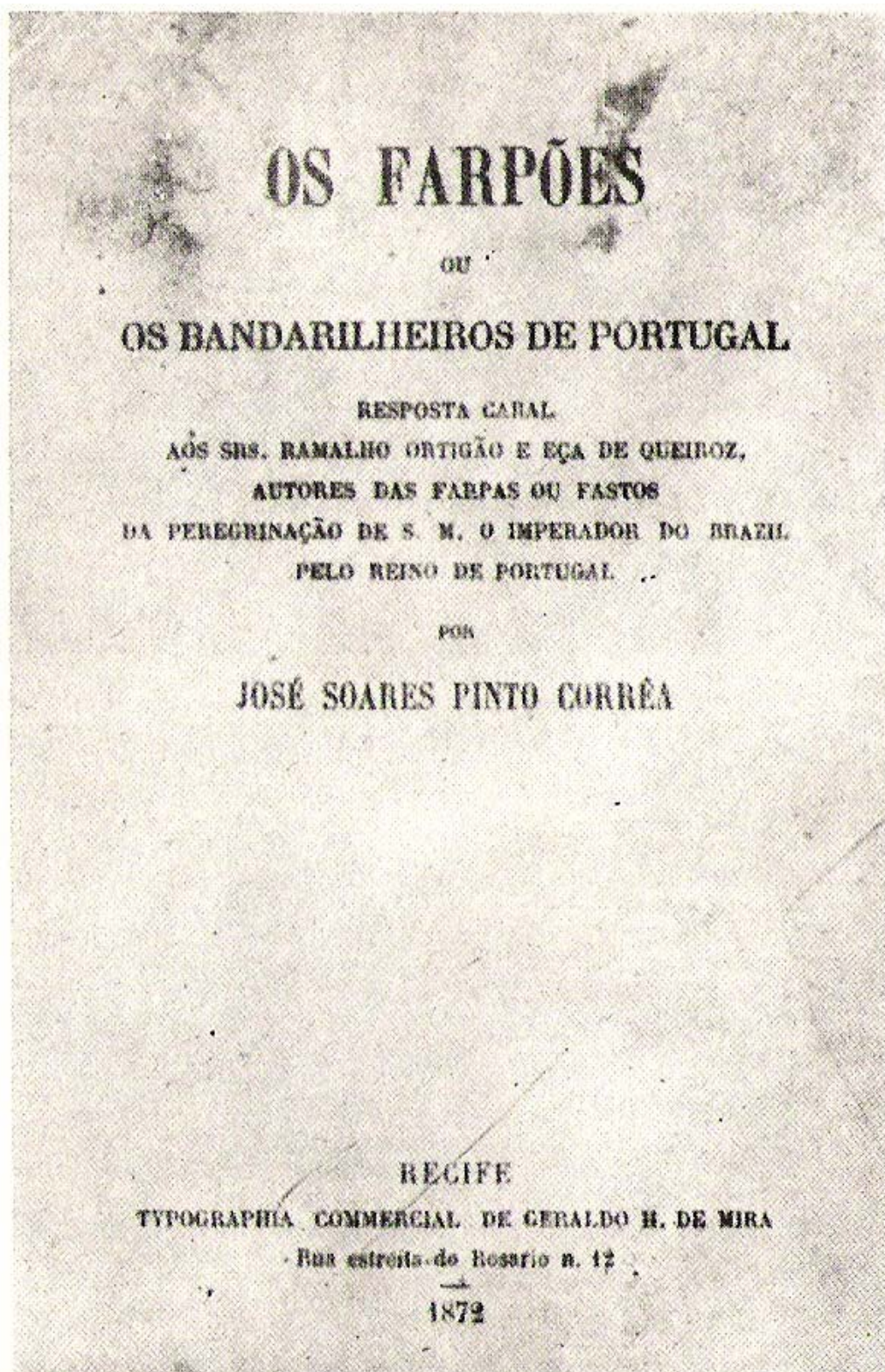
Portanto, fez a reedição da sua colaboração n'*As Farpas* por duas razões: a primeira, foi por causa da consideração e amizade que nutria por Ramalho Ortigão. E a segunda, não transcrita aqui, mas muito evidente em suas correspondências, por

motivos financeiros, pois a publicação de *Uma Campanha Alegre* o ajudaria em sua vida pessoal.

Contudo, não se pode negar que em Eça, sobretudo n'*As Farpas*, encontra-se o olhar atento a tudo, a análise, o distanciamento crítico, a inquietação, a ironia, bem como a emoção, características muito evidentes em suas obras ficcionais. Aliás, as primeiras idéias sobre a mulher, o clero, a política, que mais tarde estarão presentes em seus romances e contos, já tinham aparecido naquela publicação.

Por fim, *As Farpas*, como disse Eça em 1878, são *...a obra mais viva da literatura portuguesa...*²⁸. Crente nas virtudes do riso, Eça o aplicou como cura específica para a sociedade portuguesa, com o propósito de corrigi-la e melhorá-la. A princípio, este procedimento é utilizado em sua produção jornalística, sobretudo n'*As Farpas* e depois em suas obras romanescas. Com um estilo *...flexuoso e sensual, 'tem veludoses de felino.'*... (MOOG, 1977, p. 177). É, portanto, com este riso social e moral, que *As Farpas* queirozianas troçam dos erros, sem ser mera galhofa, nem partidárias, nem doutrinárias. Utilizam a ironia como estilo, ao serviço da justiça, criticam os males estruturais de Portugal, com arte, forma e literatura.

²⁸ Apud: Ernesto RODRIGUES. *Cultura Literária Oitocentista*. 1999, Porto: Lello Editores, p. 250.



... Brasileiros, se estas páginas risonhas forem levadas por um vento feliz às vossas chácaras, lede-as sem rancor, entre ruídos dos engenhos e o bocejar da sinhá...

Eça de Queiroz - As Farpas – fevereiro de 1872.

2.2. *As Farpas* e o Brasil: a polêmica

Antes de descrever as reações às *Farpas* no Brasil, é necessário esboçar algumas linhas sobre o que elas provocaram no público português, pois o aparecimento d'*As Farpas* em Portugal suscitou irritações de muitos e elogios de poucos.

A verdade é que, a tiragem das *Farpas*, em Portugal, era de mais ou menos 2.000 exemplares, já que o número de assinantes, em 1872, era semelhante a este. Para uma nação, segundo João Medina, com um índice alarmante de 84,4 por cento de analfabetos em 1878 e 79,2 por cento em 1890, o número das vendas d'*As Farpas* era imenso, visto que havia pouco mais de 15 por cento de alfabetizados, provando, portanto, o enorme interesse incitado no público leitor.

O primeiro folheto farpista teve de ser reeditado, tamanho fora o sucesso - ou para alguns, o escândalo - que estes fascículos mensais despertaram. Era um jornalismo totalmente distinto e sem compromissos político-partidários e assim, *As Farpas* inauguraram, em Portugal do século XIX, uma revolução gerada por este jornal tão inédito.

Conforme Medina, o efeito explosivo, violento, revelador, sem precedentes, inédito e de impacto, instigaram os portugueses, fazendo-os buscar com avidez nas livrarias aqueles pequenos folhetos de admirável verve, com feição literária, alegre, bem como educativos e justos.

Entre as reações irritadas, não se pode deixar de citar a polêmica que se travou entre *As Farpas* e o misterioso homem que assinou e publicou uma *Consciência/ Carta aos Ilm^{os}. e Exm^{os}. Snrs./ Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz/ redatores das Farpas*, com o pseudônimo de "Samuel".

Há a hipótese, segundo Medina, de que este censurador d'*As Farpas* fosse José Cardoso Vieira de Castro, o degredado. Era um criminoso passional célebre, que matara a esposa brasileira, na noite de 10 de maio de 1870, e depois, condenado ao degredo africano, veio falecer em Angola, com 34 anos, em 1872.

Este Vieira de Castro fizera, em 1866, uma visita ao Brasil, ocasião em que conheceu uma brasileira de posses – D. Carolina Guimarães, com quem se casou. Era um homem bem relacionado e pelas suas influências chegou a ser apresentado ao Imperador brasileiro.

Naquela carta, publicada em 1871, endereçada aos farpistas, Samuel saudou o “Demônio amigo”, em clara referência à capa do folheto, e censurou a abstenção partidária dos farpistas – fato que deplorava. E apontou, de maneira negativa, as idéias expostas nos folhetos sobre as mulheres, que aceitavam Deus como um *chic*, negando que *As Farpas* fossem o “bom senso”.

O próprio Eça respondeu à carta de Samuel, em julho de 1871, dizendo que a intenção das *Farpas* era de ...*Conversar um pouco e rir muito...* e mais tarde, insistia no tema do “bom senso”. Contudo, deixou claro que aquele jornal não eram ...*as doze tábuas da lei e a grande voz do deserto...*(EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 122). E quanto à ausência da política, disse Eça que *As Farpas* pertenciam a um profundo partido, ou seja, ...*aquele que estava na platéia, comodamente sentado com binóculo na mão, o bilhete de ópera nos joelhos, e no bolso – o Tratado dos Temperamentos*²⁹. *Ora, as Farpas são evidentemente uma das glórias deste partido – interessante e interessado!...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 123). E, em seguida, despediu-se do “desconhecido” Samuel, lhe desejando boas tardes, se fosse feliz. E se infeliz, que lesse Proudhon, já que este pensador ensinava a pessoa a ganhar serenidade pelo amor à humanidade.

No Brasil, enfim, *As Farpas* tiveram repercussão, sobretudo, por causa das inúmeras críticas ao imperador brasileiro. Em Pernambuco, nas cidades de Recife e de Goiana, houve uma grande agitação antiportuguesa, agravada por um artigo sobre o Brasil e os brasileiros – o qual sofreu drásticas modificações na reedição das *farpas* queirozianas, em 1890/91.

Em conseqüência deste artigo – segundo Ramalho, em novembro de 1872, na despedida de Eça de Queiroz d’*As Farpas* – os brasileiros escreveram panfletos (sete ou oito) e dirigiram – a Ramalho e a Eça – cartas anônimas, ameaçaram-nos de morte

²⁹ Segundo nota de rodapé da edição d’*As Farpas – crônica mensal da política, das letras e dos costumes*, coordenação geral e introdução de Maria Filomena Mónica e notas, tabela onomástica e glossário de Maria José Marinho, há a suposição de que se trata da obra *De temperamentis* do célebre médico e investigador Galeno (?-201).

e prometeram pauladas. E algumas foram, realmente, dadas nos portugueses que viviam aqui no Brasil.

A primeira vez que o artigo farpista sobre o imperador foi noticiado em terras brasileiras, foi em Recife, no jornal local republicano – *O Seis de Março* – em 15 de maio de 1872. Nele, o autor relatava a peregrinação de D. Pedro II e, por ser um jornal antimonárquico, satisfizera-se com as ironias e com as descrições atribuídas ao imperador como, por exemplo, a falta de asseio, o gosto pelo breviário e o rosário, a apreciação pelo hebraico e a galhofa sobre sua inseparável mala.

Um editor de Recife, Manuel Rodrigues Pinheiro, aproveitou as críticas ao imperador como propaganda a favor dos ideais republicanos, e *...fez uma edição contrafeita dos fascículos mensais de Eça e Ramalho, dispensando-se para essa contrafacção, de qualquer opinião dos seus autores...* (MEDINA, 2000, p. 27).

Em fevereiro de 1872, um manifesto farpista “antibrasileiro”, com treze páginas, falava indistintamente dos nativos do Brasil e dos “brasileiros” portugueses. Nele, Eça revelou uma certa fobia a tudo que se referisse ao Brasil – desde a alimentação à cultura. Tal antipatia, como se sabe, foi amenizada no decorrer de sua vida, graças ao convívio com nobres brasileiros como: Eduardo Prado, Joaquim Nabuco, Barão do Rio Branco, entre outros.

O “roubo” dos direitos autorais, pelo recifense Manuel Rodrigues Pinheiro, foi o principal motivo para que a polêmica fosse acirrada. No fascículo d’*As Farpas* de abril de 1872, Eça dedicou ao assunto comentários irritados e de desprezo pela reedição da revista e disse que o Brasil levava aos extremos a fraternidade com Portugal, até a ponto de reproduzirem *As Farpas* e de as venderem por sua conta. Agradeceu, com muita ironia, pelo carinho dispensado e pediu para que não se esquecessem de recomendar ao editor, no próximo número dos folhetos, a integridade de um parágrafo em especial.

Este parágrafo, nesta citação, não está na íntegra, porém destacam-se as exasperadas ironias. Assim dizia:

...Eu, abaixo assinado, editor na cidade de Pernambuco da notável publicação intitulada As Farpas (...), declaro que roubei aos Srs. Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, únicos redatores e únicos

proprietários da publicação acima referida (...). Declaro mais que, (...) fora do alcance das leis que punem este roubo (...) deixem de me considerar (...) como um criminoso./ Ladrão muito atento e obrigado/ Manuel Rodrigues Pinheiro... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 463).

Necessário se faz abrir um parêntese neste momento. O discurso irônico, acima citado, tem o estilo e a marca queiroziana. E a exemplo disto, muitos anos depois, na publicação d'*Os Maias*, Eça de Queiroz usou os mesmos termos na carta que João da Ega impingiu a Dâmaso, como maneira de se retratar das injúrias atiradas a Carlos da Maia.

O mesmo Carlos lembrara a João da Ega a necessidade de um documento em que Dâmaso escrevesse uma coisa simples: *...Eu abaixo assinado declaro que sou um infame...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v. 1, p. 1419).

E no romance póstumo, *O Conde de Abranhos*, o deputado Peixoto exigiu de Abranhos as seguintes explicações: *...Declaro que, quando disse que o meu amigo Albino Peixoto era um vendido, menti...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v.2, p. 1017), provando que *As Farpas* constituem o *incipit* de algumas obras suas ficcionais, oferecendo informações temática, verbal e estilística do autor, as quais já eram trabalhadas em textos jornalísticos juvenis.

Assim, *As Farpas* queirozianas ofereciam dados variados ao leitor, procurando a perenidade de suas idéias. No artigo farpista sobre os brasileiros nota-se a galhofa e o sarcasmo – estratégia que, mais tarde, será reformulada e reutilizada pelo próprio autor em suas ficções.

Fechando o parêntese, e voltando à polêmica d'*As Farpas* no Brasil, Eça de Queiroz acusou os brasileiros de terem o péssimo hábito de reeditarem textos portugueses sem autorização de seus autores e sem lhes prestarem contas.

Enfim, o artigo de Eça sobre os brasileiros, bem como as acusações de roubo, provocou uma verdadeira revolução no Brasil. Os chistes e as troças antibrasileiras tornaram a figura do brasileiro como *...o depósito do riso...* (Apud: MEDINA, 2000, p. 31) e os recifenses, mais exatamente a cidade de Goiana, reagiram contra os

imigrantes lusos, havendo a necessidade da presença de tropas do Recife, para protegerem os bens materiais e os portugueses, tamanha fora a cólera.

O brasileiro – *aquela vítima da tapioca* – agora antilusitano, também suscitou artigos indignados, como o *Meteoro* – jornal acadêmico do Recife – oferecendo em troca, uma zombaria do avô monarca de D. Pedro, julgando-o um covarde e medroso por fugir *...de casa com medo, deixando em prantos uma cidade e um reino entregue aos furores de um exército invasor...* (Apud: MEDINA, 2000, p. 23).

Contudo, *Os Farpões* – um tipo de paródia d'*As Farpas* – foram mais significativos, em termos de polêmica. Violentos e ultrajados, eram a réplica de Recife. Intitulavam-se: *Os Farpões ou os Bandalheiros de Portugal/ Resposta cabal aos Snrs. Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz/ autores das Farpas ou Fastos da Peregrinação de S.M. o Imperador do Brasil pelo reino de Portugal* e seu autor era José Soares Pinto Correia.

Tais fascículos semanais referiam-se aos farpistas como audaciosos, parasitas sociais e nojentos répteis. E *As Farpas*, foram definidas como um parto hediondo.

Ameaçando-os de uma sova, José Soares – autor dos *Farpões* – afirmou que lhes mostraria *...como crescem nas matas brasileiras a raiz da gameleira e o verdadeiro cipó-pau de rego e quiri, próprios para o lombo dos agressores e petulantes!...* (Apud: CAVALCANTI, 1983, p. 101, 102).

Se de um lado, *As Farpas* se referiam aos brasileiros como grotescos, estúpidos e agiotas, de outro, *Os Farpões* chamavam os portugueses de burgueses *...como um porco e tosco como uma broa...*

E ainda, parodiando as descrições dadas aos brasileiros, Soares definiu os portugueses como *...pescoço nauseabundo, colete de sarapilheira, chapéu bem largo enterrado pela cabeça sebosa, guarda-sol enorme e de cor dúbia, a voz rouquenha e ininteligível, ar assombrado e muitos vícios manifestos...* (Apud: CAVALCANTI, 1983, p. 100).

E em resposta às *Farpas* de junho/julho de 1872, Soares solicitou à população goianense que reagisse contra os “Portugas”. As lojas dos comerciantes portugueses foram depredadas e seus donos maltratados, sendo, como já foi mencionado, necessário chamar o exército para garantir a segurança dos emigrantes.

As *Farpas* reagiram a estas atitudes e em julho/agosto de 1872, Eça de Queiroz³⁰ escreve um artigo/carta ao *Exmº Sr. Presidente da Província de Pernambuco*, fazendo considerações sobre o brasileiro, como “bárbaro”, “bruto”, “invejosos da preponderância econômica de Portugal”, “insensível como uma moeda” e questionava se *As Farpas* teriam sido a causa ou um pretexto para que os brasileiros demonstrassem seu barbarismo. E ainda, se o Brasil tivera recaído na selvageria, haveria a necessidade de um novo Pedro Álvares Cabral para redescobri-lo e recomeçar pacificamente aquela obra.

O nome do autor dos *Farpões* logo ganhou notoriedade em Pernambuco. Seus exemplares andavam de mão em mão, sendo aplaudidos e comentados. Em poucas semanas, esgotaram-se a edição e o assunto do momento; desde as boticas até os círculos intelectuais, era a discussão entre pernambucanos e portugueses.

Em Lisboa, sabia-se da repercussão dos *Farpões* e os leitores das *Farpas* aguardavam, ansiosamente, pela resposta dos brasileiros. Quem era contra os artigos farpistas portugueses, lançava críticas em jornais sobre o mau gosto, elogiavam o imperador e os brasileiros. E quem era a favor, esperava as respostas, e criticava as *farpas* da nação auriverde, em seus jornais e revistas. Editoriais estabeleciam paralelos entre as *Farpas* e os *Farpões*.

Segundo Paulo Cavalcanti, era de espantar a celebridade com que as coisas do Brasil repercutiam em Portugal, e, vice-versa. Em princípios de julho, a imprensa de Recife pôs *Os Farpões* à venda e no mesmo mês, em Lisboa, *As Farpas* contestaram. É por isso que elas, mal chegadas ao Brasil, os brasileiros contra-atacavam. Houve uma segunda publicação dos fascículos recifenses; entretanto, o novo volume não fora todo reservado à resposta aos panfletários portugueses, mas também a um Honório – homem lusitano que mandara uma carta com virulentas expressões.

Dos acontecimentos graves em Goiana, todo o império soube. Jornais noticiaram, debates tiveram lances de grande emoção. Também, em Portugal, ecoaram os sucedidos e toda a imprensa comentou. O corpo diplomático português fez um pronunciamento, tanto na Corte como na Província. E o cônsul, Domingos Maria

³⁰ Segundo João Medina, in: *Reler Eça de Queiroz – Das Farpas aos Maias*, 2000, descobre-se que o artigo, em forma de carta ao Presidente da Província de Pernambuco, fora escrita por Ramalho Ortigão. Porém, Paulo Cavalcanti afirma que fora de Eça de Queiroz. Pelo estilo de escrita, sobretudo, pelo estilo irônico, acredito que seja mesmo de Eça de Queiroz. Assim considero que esta farpa é queiroziana.

Gonçalves, exigiu providências, com urgência, a fim de que se suspendessem tais atentados, e que se procedesse criminalmente contra os autores de tais atrocidades.

E as *Farpas* circulavam, avidamente, na Província. E, claro, também Os *Farpões*.

A repercussão das *Farpas* no Brasil, a julgar pelo “roubo” de seus direitos autorais e a “revolução” antilusitana, foi de explosão. Todavia, quando Eça de Queiroz chegou à maturidade e resolveu editar suas antigas farpas (1890/91), revisando todas elas, inclusive as antibrasileiras, imediatamente, colocou entre parênteses que não era o brasileiro nascido no Brasil – mas o português que emigrou para o Brasil e voltou rico.

Passaram-se seis anos, após aqueles fatídicos acontecimentos em Recife, para que Eça se firmasse como grande autor no Brasil. Fato que se deu com a publicação d’*O Primo Basílio* (1878).

Segundo Manuel Bandeira, in: *Livro do Centenário de Eça de Queiroz, ...A maior nomeada de Eça de Queiroz começou depois da publicação do Primo Basílio, em 1878. O romance teve grande repercussão no Brasil, suscitando críticas acerbas e apologias entusiásticas...* (BANDEIRA, 1965, p. 168). E no mesmo ano, ainda segundo Manuel Bandeira, em julho, se representava num teatro do Rio uma peça extraída do romance por A. Cardoso de Meneses.

Em carta ao amigo Ernesto Chardron, datada de 4 de julho de 1878, Eça comenta sobre o sucesso da obra. Afirmou que recebeu um jornal do Porto *...em que numa correspondência do Rio de Janeiro, se fala no Primo Basílio: parece que a sensação causada ali tem sido enorme...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 4, p. 830). Conforme o correspondente não havia um só exemplar à venda e todos os que apareciam eram logo absorvidos.

Eça de Queiroz conquistou o Brasil com seu riso, com sua crítica e em fins do século XIX, foi adotado por muitos intelectuais como padrão literário.

O “ecianismo” era moda no Brasil. Segundo Clóvis Ramalhete, no Maranhão um grupo de escritores fundaram a “Padaria Espiritual de Eça de Queiroz”. Houve, até, a criação de uma marca de cigarros – superfinos – em sua homenagem.³¹

³¹ Ver em Anexos – curiosidades, p. 136.

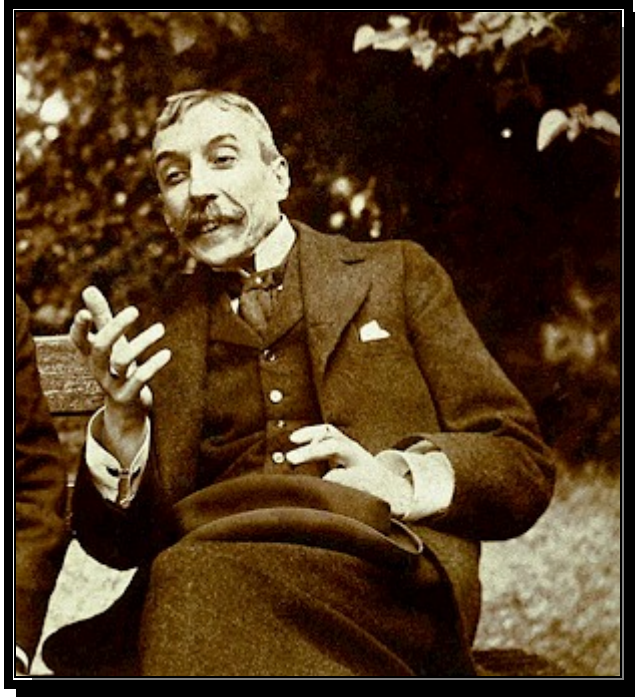
Enfim, o autor português iluminava as rodas literárias e era considerado um deus por muitos.

E não se pode esquecer, a enorme colaboração posterior como correspondente estrangeiro do jornal *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*, no qual Eça informava aos brasileiros das novidades políticas, sociais, acontecidas na Europa e, ao mesmo tempo, formava novas opiniões, a partir de suas interpretações lúcidas, lógicas e honestas. Tais colaborações não constituíram os únicos textos queirozianos publicados na *Gazeta de Notícias*: algumas ficções também ocuparam as páginas desse jornal carioca, como, por exemplo, *A Relíquia* e algumas cartas de Fradique Mendes.

E a despeito de tudo que acontecera em Recife, talvez um dos lugares brasileiros onde mais se cultua Eça de Queiroz, seja, justamente, Recife, além de São Paulo e Rio de Janeiro.

A verdade é que, mais uma vez, vem a se confirmar que *...Foi na redação das Farpas que Eça aprimorou a sua arte de escrever e de ironizar, rindo com mestria, aquele 'riso tumultuoso, lançado estridentemente através duma sociedade como seu comentário único e crítica suprema'...* (CAVALCANTI, 1983, p. 195/6).

Finalmente, isolados os incidentes provocados em Recife, não se pode negar que foi a partir das *Farpas* que o Brasil teve a oportunidade de produzir um folheto semelhante ao seu, tanto nas ironias, no olhar crítico, quanto na revolução causada no público leitor. Talvez, depois de tudo passado, Eça risse muito e ficasse muito satisfeito em provocar o leitor, a ponto de fazê-lo produzir um jornal com forma e literatura.



Vamos rir, pois. O riso é uma filosofia. Muitas vezes o riso é uma salvação. E em política constitucional, pelo menos, o riso é uma opinião ...

Eça de Queiroz – As Farpas – Junho de 1871.

... só a alegria dá alma e luz à Ironia, à Santa Ironia – que sem ela não é mais que uma amargura vazia.

Eça de Queiroz – Carta a Ramalho – Havana, 1873.

2.3. As Farpas e o riso

Tendo como filosofia o riso – é a expressão que Eça de Queiroz emprega: *...Vamos rir, pois. O riso é uma filosofia. Muitas vezes o riso é uma salvação. E em política constitucional, pelo menos, o riso é uma opinião...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p.19). E crendo no aforismo de Juvenal, *ridendo castigat mores*³², o humor queiroziano, altamente social e com elevado propósito ético, deseja pelo riso corrigir e melhorar a sociedade e o indivíduo, usando da palavra – o que caracteriza seu jornalismo como literário.

Portanto, Eça acreditava nas virtudes morais deste riso e qualquer assunto, por mais grave que fosse, servia-lhe para provocar o humor e a ironia.

Distinguir humor e ironia não é tarefa fácil e, em se tratando de Eça de Queiroz, a questão fica ainda mais difícil. Como afirma Vergílio Ferreira, in *Dicionário de Eça de Queiroz* (MATOS, 1988, p. 500 – 503) para alguns, Eça é irônico e para outros, humorista, havendo a necessidade de determinar a natureza do cômico em Eça de Queiroz.

N'As *Farpas* queirozinas de julho de 1871, Eça disse que *...a única crítica é a gargalhada...* E, ainda, com um tom de galhofa, afirmou que sobre a campa da política portuguesa a oração fúnebre *...será – Ah! ah! ah! – A nota que a teu respeito se lançará na história será – Ih! ih! ih! A tua recordação entre os homens será – Uh! uh! uh!...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 124).

Portanto, entende-se que, para Eça, a crítica tinha de provocar o riso solto, a gargalhada. E em *A Decadência do Riso*, afirmou que *...Foi o grande mestre Rabelais que disse: Riez! Riez! Car le rire est le propre de l'homme!*³³...

Esta citação, inevitavelmente, nos encaminha aos estudos de Aristóteles (367 ou 366 a.C. – 322 a.C.) acerca do riso e, inevitavelmente, aos de Bakhtin (1895 – 1975), o qual trabalhou com o universo da cultura popular da Idade Média e do

³² Aforismo que se pode traduzir livremente como “Reformar os costumes pelo riso”.

³³ Ria! Ria! Porque o riso é próprio do homem!

Renascimento retratado por François Rabelais, autor que viveu durante o Renascimento, crítico de costumes da sociedade e da burguesia nascente.

Para Bakhtin, o grande porta-voz do riso carnavalesco popular na literatura mundial foi Rabelais, abrindo caminhos à penetração desse riso na natureza complexa e profunda.

Conforme o crítico russo, há em Rabelais o tom satírico essencialmente paródico, porque se constrói por meio do rebaixamento de personalidades (reais ou fictícias), instituições e temas que, segundo as convenções clássicas, deveriam ser tratadas em estilo elevado.

E, é neste momento que se faz necessário lembrar o raciocínio queiroziano a respeito de seu humor n'*As Farpas: ...rir do ídolo, mostrando por baixo o manequim...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v.3, p. 1750).

Assim, a sátira ri de assuntos e pessoas “sérias”, para denunciar o que há de errado na sociedade. Por tudo isso, Bakhtin afirma que o tom dominante em Rabelais é ambivalente.

A ambivalência é uma idéia fundamental que Bakhtin introduziu na literatura. Segundo o crítico russo, in: *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o conceito de François Rabelais*, afirma que o discurso ambivalente reúne o que é aparentemente discordante como, por exemplo, o riso e a tristeza, o sério e o grotesco, o sagrado e o profano, a vida e a morte. Trata-se de uma dialética dialógica em que os contrários são aceitos e tolerados. Esta ambivalência, para Bakhtin, é crítica e se opõe ao discurso oficial, proporcionando uma inevitável mudança do homem pela coexistência dos contrários que dialogam e fazem refletir.

Por fim, o riso rabelaisiano não comporta apenas o lado negativo, como também o positivo, o qual representa a capacidade de regeneração da vida. Esta tensão dos opostos também caracteriza o riso queiroziano, já que seus textos irônicos, e conseqüentemente ambivalentes, visavam à mudança da sociedade portuguesa.

O riso satírico, além de ambivalente, também possui o sarcasmo, o grotesco, que mostra a deformação do personagem ou do fato satirizado como uma alegoria dos seus defeitos morais. Desta forma, o riso tornava-se uma filosofia, visando o conhecimento do objeto satirizado com o fim de desmascarar a mentira.

Conforme Bakhtin:

...a obra de Rabelais reflete na sua própria base os interesses, as esperanças e os pensamentos mais radicais do povo, que não se solidarizava completamente com nenhum dos movimentos relativamente progressistas da nobreza ou da burguesia... (BAKHTIN, 1999, p. 118).

Com uma natureza bastante particular, o riso rabelaisiano mantém uma determinada concepção de mundo, favorável ao universalismo mas, com ambivalência, mantendo relação com a sua época; ou seja, possui raízes nos fenômenos reais e sérios, com uma estreita afinidade com a verdade que, segundo Bakhtin, *...expurga a consciência da seriedade mentirosa, do dogmatismo de todas as afetações que a obscurecem...* (BAKHTIN, 1999, p. 120-121).

Encontra-se, entre o procedimento estilístico de Eça de Queiroz e os estudos da obra do autor francês renascentista, uma direta similaridade, já que Eça se apoiava na realidade observada para satirizá-la e ironizá-la, construída por meio do exagero que rebaixava fatos e pessoas (reais ou fictícias), a fim de reformar o que estava errado.

Oportuno se faz, neste momento, exemplificar os coincidentes pontos de vista a respeito da Igreja, analisadas por Bakhtin, na obra de Rabelais, e a crítica que Eça tece à mesma instituição religiosa.

Na análise bakhtiniana, nas oito sátiras da obra de Rabelais, a Igreja católica é descrita como uma cozinha gigantesca que cobre o mundo todo. *...os campanários são as chaminés; os sinos as caçarolas; os altares mesas de sala de jantar; os diferentes ritos e preces são apresentados como outros tantos pratos: assim, o autor oferece uma nomenclatura culinária de extrema riqueza...*(BAKHTIN, 1999, p. 159).

E continua dizendo que essa sátira protestante – oriunda do realismo grotesco – rebaixa a Igreja católica, bem como o seu ritual, transportando-os para o *...baixo material e corporal, figurado aqui pela comida e bebida... (IDEM).*

N'As *Farpas*, em artigo datado de abril de 1872, a partir de uma notícia que circulava nos jornais do Porto, Eça criticou a recomendação que os missionários faziam às pessoas devotas para se confessarem em suas próprias casas ou nas casas dos padres. E assim, excluía-se os templos e os altares, sendo substituídos pela sala de jantar.

Neste caso, a igreja e sua santa decoração, as imagens consagradas, o sacrário tornaram-se inúteis e a religião abandonou os templos, hospedando-se na casa particular dos senhores padres.

...Os utensílios da casa servem de alfaias do culto. Como a alcova é confessionário, o púcaro de água é cálice. Para os santos óleos emprega-se o azeite que se emprega para a pescada. Os cadáveres serão levados a (sic) casa de suas senhorias e responsados na capoeira ou na sentina. E a criança ao entrar na vida e no cristianismo, será batizada na pia da cozinha do senhor abade! ... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 444 - 445).

Pelo exposto, devido às evidentes semelhanças, pode-se afirmar que Eça de Queiroz, n'As *Farpas*, utilizava o riso sarcástico, muito parecido com o cômico rabelaisiano, produzindo os mesmos fins corretivos. Conforme o pórtico ao livro *Língua e estilo de Eça de Queiroz* de Guerra da Cal, o autor Euryalo Cannabrava se refere ao humor queiroziano, lembrando Rabelais e assegura que *...O satânico em Eça está mais próximo de Rabelais. A forte e clara gargalhada lusitana, de arrebentar os cós das calças pelo impulso violento do ventre abaulado, assemelha-se à gargalhada rabelaisiana de ressonância pantagruélica...* (CAL, 1981, p. 18).

Todavia, mais tarde, em *Uma Campanha Alegre*³⁴, o autor escreveu que a gargalhada não era um raciocínio nem um sentimento; não criava nada, ficando claro que o importante era o riso útil, Eça deixa transparecer que sua maneira de produzir o riso havia mudado, já que passou a ser um “riso sutil”.

³⁴ Embora esta obra não faça parte de nosso *Corpus*, cabe salientar que ela nos serve aqui, apenas e tão somente, como comparação entre o riso solto d'As *Farpas* e o sutil de *Uma Campanha Alegre* – transformação que se processou em Eça de Queiroz.

Não se pode olvidar que o propósito de Eça de Queiroz era revelar a discordância de seus pensamentos perante a realidade na qual ele se inseria e, para tanto, servia-se do riso como um dos seus procedimentos estéticos. Seus textos, por conseqüência, não tinham como tema principal o humor, mas a caracterização de personagens e situações que se afastavam do normal e social, mas que, na escrita de Eça transportavam, inevitavelmente, ao riso.

Bergson (1859 – 1941) afirma que para provocar o riso é necessário colocá-lo *...em seu meio natural, que é a sociedade; é preciso, sobretudo determinar sua função útil, que é uma função social. Essa será – convém dizer desde já – a idéia diretiva de todas as exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social...* (BERGSON, 2001, p. 6).

Por iguais razões, Eça exercia a crítica social, fazia com que as pessoas interpretassem situações que conheciam e viviam, para, em seguida, as relacionar com a visão correta de mundo (normal, para Bergson) e, enfim, as corrigir. Sendo assim, este humor necessitava de um exercício mental.

Segundo Guerra da Cal, Eça possuía um eixo fundamental em seu estilo: o contraste. Entre constantes oposições e antíteses, o autor d'*As Farpas* incorpora a *... fórmula bergsoniana de que 'le réalisme est dans l'oeuvre quand l'idealisme est dans l'âme, et c'est à force d' idéalité seulement qu'on reprend contact avec la réalité*³⁵...(CAL, 1981, p. 81), reunindo Realidade e Poesia.

Nota-se que Eça, desde a juventude até a vida madura, era um idealista, sem, contudo, deixar de ser realista. A realidade que tinha à frente divergia daquilo que ele desejava que fosse. Por tal razão, a princípio nascia-lhe um riso jocoso, sem, necessariamente, ser troça. E na vida madura, suas obras manifestavam um humor mais sutil, quase malicioso. Todavia, mesmo nos primeiros escritos jornalísticos, não faltavam os pormenores, a análise, o discurso contraditório a fim de chegar à crítica corrosiva e corretiva. Neste sentido, conforme os estudos Kierkegardianos, entendemos este humor como ironia.

Kierkegard (1813 – 1855), estudou os textos antigos na obra: *A apologia de Sócrates e Fédon*; e, em conseqüência acreditava que a origem do uso da ironia vem de Sócrates, o qual se fazia de ignorante ou mais estúpido do que era, para forçar as

³⁵ “O realismo está na obra quando o idealismo está na alma, e que é só graças à idealidade que retomamos contato com a realidade” – in: BERGSON, O Riso, tradução de Ivone Castilho Benedetti, p.118.

peças a usarem o seu bom senso – o mesmo bom senso solicitado por Eça de Queiroz em suas farpas - *...Sócrates iniciava com a pressuposição de que nada sabia, assim ele terminava no resultado de que os homens em geral nada sabiam...* (KIERKEGGARD, 2005, p. 42). Assim, o filósofo grego se sustentava no conhecimento, a fim de que as pessoas pudessem perceber, por meio do bom senso, sua total ignorância. A tão conhecida expressão designada a Sócrates - “*Conhece-te a ti mesmo*” -, pode, de certa forma, resumir os objetivos que o filósofo desejava alcançar.

Aliás, Eça de Queiroz, em carta datada de 7 de novembro de 1879, solicitou ao amigo Ramalho uma crítica sobre *O Crime do Padre Amaro*. Pediu que escrevesse *...com justiça, sem piedade, com uma severidade férrea – o seu juízo – e remeta-m’o. Tenho absoluta necessidade disto (...) uma crítica externa, sem critério alheio, abismado na contemplação de mim mesmo...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v.4, p.115). Julgando-se imbecil e vulgar, afirmou que precisava de conselhos, direções, de *...conhecer-me a mim mesmo – para perseverar e desenvolver o bom, evitar o mau, ou modificá-lo e disfarçá-lo...* Para Eça, para que o homem se conheça, não deve tirar os olhos de si mesmo. E desta maneira, a partir das críticas, Eça aperfeiçoava sua escrita e provocava o leitor/crítico, fazendo-o também refletir.

Sócrates, em seu tempo, também provocava seu ouvinte. E, de igual forma, a ironia visa desafiar o leitor e tirá-lo de seus dogmas estratificados, promovendo o novo constante, pois *...Há em cada vida pessoal tanta coisa que deve ser rejeitada, tantos rebentos selvagens que devem ser arrancados: aqui de novo a ironia trabalha admiravelmente...* (KIERKEGGARD, 2005, p. 279). Por isso, a ironia pode levar à busca interior e ao questionamento para a existência, pois este tipo de humor torna-se uma ferramenta imprescindível no uso da razão, propondo ao homem um envolvimento com a sua história e sua possível transformação.

Para Kierkegaard, a ironia não se volta para este ou aquele fenômeno individual, e sim para toda a existência que se tornou estranha ao sujeito irônico. É por este motivo que o homem se envolve com a sua história. A ironia *...ensina a realizar a realidade...* (KIERKEGGARD, 2005, p. 279), a qual deve ser entendida com valor e como história.

Tal procedimento era muito semelhante ao de Eça de Queiroz, pois, como Kierkegaard, o autor d’*As Farpas*, acreditava que o riso levava as pessoas à correção de sua vida existencial, corrigindo as falhas da vida prática. A partir da reflexão, as

peças podiam buscar ideais capazes de refrear a maldade daqueles que agiam somente por interesse pelo poder.

Assim sendo, este riso exige do receptor total colaboração, havendo uma cooperação semântica e contextual entre autor/leitor, em uma operação contínua de raciocínio, atividade facilitada ao ser humano já que, segundo Aristóteles, *rir é natural do homem*, porque temos inteligência e raciocínio.

O riso solto é diferente do riso de Monalisa, num canto dos lábios e que exige para sua explicação um determinado raciocínio. Contudo, somente opera modificações no ser quando faz pensar e refletir, buscando o novo. Este humor mais pensado do que sentido, segundo Kierkegaard, é conhecido por ironia, já que, conforme seus estudos, em Sócrates *...a maneira discursiva de raciocinar é indicada imediatamente...* (KIERKEGGARD, 2005, p. 32).

Ainda, a respeito da literatura como imitação da vida, Kierkegaard afirma que a ironia não deve negar a realidade histórica passada, porque *...a nova realidade não é apenas uma conclusão da [história] ultrapassada, e sim contém em si algo a mais, não é um simples passado, mas é ao mesmo tempo um novo início...* (KIERKEGGARD, 2005, p. 226).

Pelo exposto, pode-se concluir que um dos principais procedimentos artísticos adotados por Eça de Queiroz – desde os textos jornalísticos até os ficcionais – é a ironia, por acreditar que o riso não era o centro de seu procedimento, mas um meio para fazer rir da realidade histórica vivida em sua época e, a partir daí, buscar um novo início, uma realidade “passada a limpo”.

Além disso, a ambivalência de seu discurso, fazia com que os leitores refletissem e usassem sua inteligência para perceberem o que estava errado. Pelo discurso positivo alcançava o negativo, e nesta tensão, chegava às gargalhadas, com fins corretivos.

Não se pode esquecer que para chegar a tais resultados, há a necessidade de uma certa desenvoltura e intimidade com as palavras, com as idéias que, como afirmou A. Campos Matos, Eça tão bem sabia fazer.

Além deste procedimento, também não se deve deixar de lado aqueles, já discutidos em outros capítulos desta dissertação, tais como: o trabalho com a palavra como fim e não apenas como meio de expressão verbal; o verbo com o objetivo de

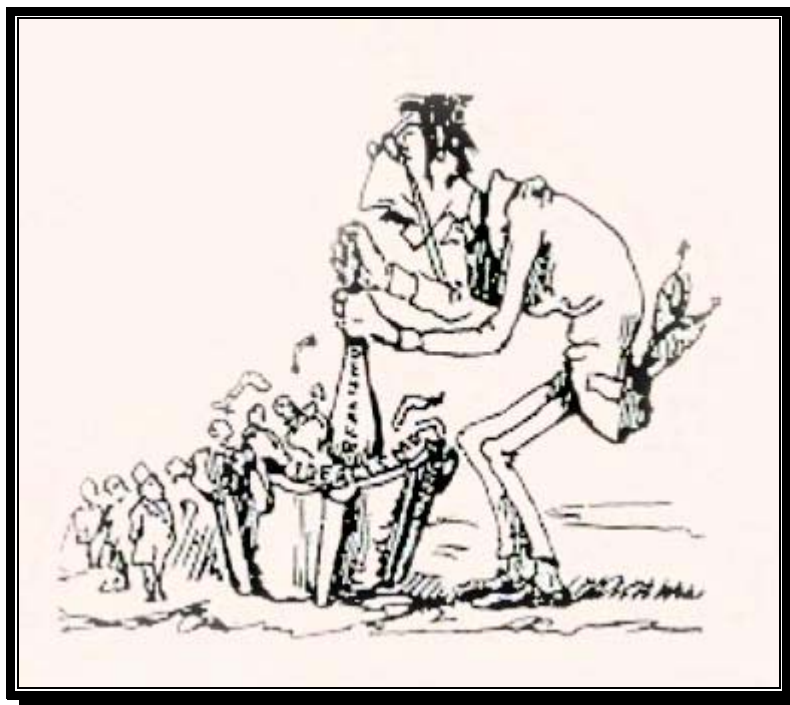
formar o cidadão; a conversa íntima e necessária com o público dos jornais; a preocupação com a sua escrita e a busca de um texto perfeito. E, embora Eça tivesse toda preocupação com a palavra (adjetivos, advérbios etc), cabe lembrar que ele inovou a maneira de escrever - na imprensa e na ficção - ao distanciar-se do classicismo e purismo verbais, transcrevendo, por exemplo, nos diálogos dos personagens, a “fala” do povo, criando novos adjetivos e utilizando-os como meio para concretizar o pensamento abstrato.

Em suma, a ironia – sutil ou não – em Eça de Queiroz é “marca registrada” e como se pôde analisar, por meio de críticos e filósofos, como Bakhtin, Bergson, Lukács, Kierkegaard e, com isso, seu discurso possuía um objetivo claro e impregnado de ironia, visando a renovação e a transformação da sociedade.

Neste ponto, não se pode deixar de citar Lukács, que considera a Ironia Romântica como uma *...mentalidade normativa do romance...* (MUECKE, 1995, p. 119), pois esta Ironia, grosso modo, consiste em valorar a autoconsciência artística e enfatizar o processo dinâmico de composição que é apresentado como arte e como imitação da vida. E, de certa forma, Eça também concebia a arte dessa maneira, ou seja, valorava a autoconsciência artística e enfatizava, em seus textos, a arte simultaneamente como mimesis, como imitação da vida, numa visão artística depurada, e dela se utilizava com a palavra carregada de ironia, visando corrigir as falhas possíveis.

Assim, ao ler os textos farpistas queirozianos, nota-se que eles não fugiam à historiografia, no sentido de que, embora tratando de temas contemporâneos, eram analisados a partir de um passado respeitável, tendo em vista a criação de uma sociedade superior àquela que, então, dominava Portugal. Por tal razão, a atualidade destes textos permanece até hoje, com grande penetração na massa leitora do século XIX e XX. Utilizava-se da ironia e do sarcasmo numa tentativa de melhorar aquilo que estava obscurecido por mentiras e enganos, por meio de seu discurso irônico.

Por fim, Eça de Queiroz, tomado pelo gosto e pelo dom inato de observar a realidade e de explorá-la com uma visão muito peculiar, foi seduzido pelo jornal e esteve mergulhado no mundo da imprensa por toda a vida, fazendo uso da ironia e do sarcasmo para chegar a críticas arrasadoras na escrita jornalística, para depois transpô-la e adaptá-la à ficção.



Caricatura de Bordalo Pinheiro

***Assim vamos. E na epiderme de cada fato contemporâneo
cravaremos uma farpa. Apenas a porção de ferro estritamente
indispensável para deixar pendente um sinal!***

Eça de Queiroz – *As Farpas* – Maio de 1871.

III. PRIMEIRA PERSPECTIVA: da realidade às *Farpas*

Para análise d'*As Farpas*, duas perspectivas serão tomadas, a saber: em primeiro lugar, analisar-se-ão textos publicados, por exemplo, no jornal católico *A Nação*, e far-se-á depois um confronto com os artigos d'*As Farpas*; ou seja, a intenção é partir da realidade, vinculada pelos jornais contemporâneos, às *Farpas*; em seguida, partir-se-á das *Farpas* para os textos ficcionais.

Quanto à análise da produção jornalística de Eça de Queiroz, seria interessante começar com uma reflexão de Elza Miné – uma das mais conceituadas estudiosas do jornalismo queiroziano – sobre quais as direções tomadas pelo autor, ao escrever para o jornal. É bem verdade que tal comentário abrange, especificamente, a colaboração queiroziana para a imprensa do Brasil. Todavia, sua observação corrobora com a perspectiva que se pretende traçar neste capítulo.

Segundo a estudiosa queiroziana, Eça de Queiroz, esquematicamente, utilizava-se de duas direções: *...a primeira descreve um percurso que parte do fato ou notícia apreendida [no caso] na fonte inglesa, enveredando pelo caminho da consideração crítica...* (MINÉ, 1986, p. 24). Fica entendido que o autor observava criticamente a realidade que o cercava e vivenciava-a, para, em seguida, partir para a segunda direção em que se servia dos fatos *...como mero ponto de partida espraiando-se em relatos em que podem se fazer presentes certas feições típicas de ficção...* (IDEM).

Pode-se dizer que, também nas *Farpas*, Eça de Queiroz tomou a realidade como ponto de partida para suas considerações críticas e, em seguida, evoluiu das *Farpas* para a ficção, utilizando, portanto, a realidade que o cercava como princípio norteador para continuar a fazer suas críticas irônicas e, por vezes, sarcásticas à sociedade.

Percorrendo através de leituras e releituras d'*As Farpas*, nota-se que o objeto de análise queiroziana envolvia o mundo constitucional do seu tempo, a sua política, as suas idéias, os homens, as instituições e suas práticas.

E para isto, o pensamento do autor d'*As Farpas*, de certa forma, seguia um roteiro mental, com os seguintes movimentos: leitura crítica dos fatos publicados nos jornais e, partindo dessa fonte, observava os acontecimentos a seu redor com olhar crítico; a seguir expunha o tema de seu texto que pretendia elaborar: argumentava com ironia e chegava a uma conclusão propondo, portanto, ao público leitor o tema revestido da sua apreciação crítica.

Seus assuntos eram variados e criticava aquilo que necessitava de profundas reformas, como a situação do clero; a educação religiosa e o poder da Igreja unido ao poder político; a educação da mulher; os jornalistas e o jornal português; a Literatura e a arte em geral; a política; a situação das colônias portuguesas; o imperador do Brasil; a família; o adultério; a estética realista X a estética romântica; a emigração; o brasileiro e em contrapartida personagens da sociedade lusitana – personagens tomadas como exemplos a não serem seguidos, pelas suas posturas e atitudes negativas.

Freqüentemente, os nomes de personalidades portuguesas - como, por exemplo, Carlos Bento, Melício, Pinheiro Chagas, Osório de Vasconcelos, Vidal, Ávila e Bolama, Fontes, Enes -, são analisados e criticados como *tipos*, já que Eça tomava como método as propostas do Realismo, Darwinismo, Proudhonismo. Tratava-se, no geral, de pessoas preocupadas apenas com o bem individual, esquecendo-se do coletivo, embora muitas vezes com posições elevadas na sociedade.

Especificamente, os temas mais freqüentes n'*As Farpas*, pela ordem de incidência, são: a política (inclui-se aí, a Câmara de Portugal); o Clero; os jornais (principalmente os tradicionais, católicos e não liberais). Pode-se adicionar, também, as respostas às críticas feitas pela *As Farpas*.

O próprio Eça esclareceu, n'*As Farpas* de Janeiro de 1872, os assuntos tratados nestes artigos: *...As Farpas acusam a desorganização dos estudos(...) censuram a ineficiência da diplomacia(...) acusam o beatário imbecil(...) condenam o procedimento da câmara dos deputados(...) revelam a desorganização literária...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 340).

Quanto aos aspectos gerais das matérias tratadas n'*As Farpas*, pode-se afirmar que a abordagem é irônica, por vezes sarcástica, já que Eça considerava que o riso poderia castigar e reformular os costumes. E, quanto aos aspectos particulares, cada

assunto é desenvolvido de uma maneira bastante singular, sem perder de vista a crítica moral.

Seu estilo, como já foi comentado, é inovador. Sua linguagem clara, objetiva e pouco clássica para os padrões da época; não olvida a arte literária, já que enriquecia, comentava, apreciava a notícia dada, tendo como evidente objetivo formar e informar o cidadão português de uma maneira clara, objetiva, direta. Por isso, usou de um procedimento literário. A palavra, para Eça de Queiroz, além de instrumento de transmissão de fatos, deveria tornar-se representação do juízo a ser formado no público leitor. A palavra deveria ser, além de instrumento, a transmissão de idéias e fatos, um meio para formar o público leitor, tornando-o capaz de ler e julgar.

Examinemos um primeiro fato da sociedade portuguesa, abordado n'*As Farpas* : a situação do Clero.

Sobre o Clero português, Eça possuía uma visão bastante crítica, pois *...ser padre não é uma convicção, é um ofício; o sacerdote crê e ora na proporção da côngrua*³⁶. *E como acredita mais na secretaria dos negócios eclesiásticos do que na revelação divina, trabalha nas eleições...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p.19).

Mais tarde, poder-se-á ver que tal atitude clerical estará presente em *O Crime do Padre Amaro* – primeiro romance realista português – e perdurará n'*A Correspondência de Fradique Mendes*, por exemplo, na carta de número 14 – uma das últimas publicações de Eça de Queiroz que fala do padre Salgueiro.

E assim, entende-se que, para Eça de Queiroz, o grande mal da religião era o fato do clero não ter convicção religiosa, alheio à fé e à humildade. Havendo a ausência de tudo o que devia impelir um religioso ao exercício de sua vocação, o que lhe restava era a ambição de conquistar o poder político.

Portanto, *...desde que a fé se extinguiu (...) passou a existir (...) um vago e indefinido interesse espiritual, falando em nome da fé que ninguém possui, e da tradição de S.Pedro, que ninguém já sabe o que é...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 46).

Deste modo, a religião passava a ser, apenas, moda e se aceita...*Deus como chic*. A falta de vocação, bem como a observação perspicaz que Eça realizava deste

³⁶ Côngrua: Pensão recebida pelos padres para o seu sustento.

quadro, vinha a dar a origem às personagens eclesiásticas dos seus romances, os quais mais pareciam “profissionais da religião” que pessoas espiritualizadas, o que está presente também, por exemplo, n’*O Crime do Padre Amaro*, publicado três anos depois das publicações d’*As Farpas*.

Quanto à devoção religiosa, a História diz que, em tempos de Reforma Religiosa, Martinho Lutero criticou, entre outras coisas, a venda de relíquias. Por meio dos textos queirozianos, tem-se o conhecimento de que esta prática continuava a ser exercida em Portugal em fins do século XIX.

Em Outubro de 1871, os jornais portugueses contaram que, em Braga, vendiam-se cartas inéditas da Virgem Maria que, se diziam, endereçadas a pessoas dos tempos evangélicos.

Aliás, este assunto não lembra as beatas de *O Crime do Padre Amaro* com seus oratórios repletos de relíquias, bem como a obra *A Relíquia*?

Voltando às cartas da Virgem: Eça aproveitou esse artigo, lido em jornais, para exemplificar a história, que ouvira de um sábio professor de Coimbra, de um missionário que ali chegou com grande bagagem de *...rosários, contas, sudários, pedaços do santo lenho, fragmentos da túnica etc. Mas o desleixado, o imprudente, não trazia caixeiro!*(EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 220).

Faltando o auxiliar de comércio, para atender os “fregueses”, o missionário teve de se contentar com dois outros caixeiros, oferecidos por um negociante de panos. Colocados à porta da igreja, nas tardes de sermão, *...diante de tabuleiros de feira, enfeitados de toalhas bordadas e cheios de relíquias, dirigiam ativamente o seu negócio piedoso...* (IDEM).

E dando continuidade à história, Eça destilou sua mordaz ironia, dizendo que as vendas deixaram o padre inquieto. E isto não se dava pelas vendas das relíquias, mas porque o sacerdote não sabia a conta exata da vendagem, pois elas estavam sob exclusivo encargo dos caixeiros. Encontraram, assim, uma solução: missionário e padre faziam as suas contas quando, ao final do sermão, tudo o que havia sido comprado pelos fiéis, era levantado ao ar para ser bento e desta forma, faziam as contas, já que não confiavam no vendedor.

Ao final, uma questão é lançada: os missionários são negociantes, sendo que uma vez ou outra pregam sermões? Ou são padres que, além de pregadores de sermões, negociantes?

Qual a solução para este impasse? ...*Ah! o clero inteligente e sincero tem uma missão difícil: não é fortificar a religião, é extinguir o beatério!*...(EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 222).

E, pensando na receptividade das ironias e da crítica religiosa, pode-se questionar: a Igreja aceitava tal confronto?

É evidente que não. Em Julho de 1872, ao comentar os sermões dos sacerdotes, tais como: sermões políticos que pregavam a castidade - mas que não deixavam de ser obscenos, mostrando as verdadeiras intenções dos missionários - e palavras que difamavam em que no ataque, unia-se intenção religiosa, como, por exemplo: ...*‘Meus amados ouvintes. O sr. Fontes é um ladrão. Peço um padre-nosso e duas ave-marias’...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 486). O autor também se referiu a um acontecimento interessante, que diz respeito à coerção que a Igreja realizava sobre os farpistas:

...Quando o senhor Oreglia³⁷, núncio apostólico de Sua Santidade, partiu para Roma, levou consigo, como um documento vivo e atual, a coleção das Farpas, cheias de história eclesiástica: ‘Hei de dar isto a ler no Vaticano e há-de fazer seu barulho’ – disse sua Eminência. – E assim a crítica inquieta teve a honra de ir depor diante da imutável tradição! Pedimos a Monsenhor que deponha estas páginas verídicas, perfil exato dos sermões portugueses, aos pés do Santo Padre, - com a unção dos nossos respeitos e o beijo de paz nas suas mãos apostólicas... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 486).

Como se vê, Eça de Queiroz não se intimidava. Ria, criticava e continuava sua luta incansável contra a hipocrisia religiosa, a qual se encontrava nos templos, nas casas beatas e nos jornais católicos.

³⁷ Segundo nota de rodapé da edição de Maria Filomena Mónica e Maria José Marinho, Oreglia refere-se à pessoa de V. Luís Orégia di Santo Stefano, núncio do Vaticano em Portugal.

Assim, tais jornais, também, eram alvo de sua crítica moral irônica, conseqüência natural de sua análise do clero. Não é difícil, portanto, encontrar n'As *Farpas* inúmeros artigos que se referiam aos jornais católicos, como, por exemplo, à *Nação* e ao *Bem Público*.

Segundo nota de rodapé d'As *Farpas*, da edição que utilizamos como referência, o jornal *A Nação* foi fundado em 1847, pelo legitimista Jorge Locia Seibnitz, tendo sido publicado até 1928. Jornais e escritores liberais contestavam a postura conservadora e tradicional deste jornal católico.

O jornal *A Nação* não aceitava determinadas posturas assumidas por alguns intelectuais e escritores portugueses em finais do século XIX, como, por exemplo, a revolução incitada por Antero de Quental, a fim de que Portugal se modernizasse e se tornasse um país voltado às filosofias do momento, tais como o Positivismo, o Socialismo, o Determinismo, o Realismo, o Darwinismo.

Outro acontecimento concreto abordado n' *As Farpas* foram as Conferências do Casino Lisbonense. Em 1º de junho de 1871, tal jornal se referiu a questões, que envolviam democracia e revolução, dizendo que, ao lerem em alguns periódicos, o resumo de uma conferência feita sobre a Democracia, a melhor resposta seria, *...citando o Evangelho e fazendo-lhe uma pequena alteração, aplicarmos ao inspirado orador: Dimitte illi, Pater, nescit quod dicit.*³⁸ *E só assim se pode responder às atrocidades ditas na conferência do Casino pelo sr. Antero de Quental...*(JORNAL A NAÇÃO, 1871)³⁹.

Em seguida, o jornal católico censurou Antero de Quental pela ousadia de se apresentar em público e, sem consciência do que dizia (por ignorância ou por má fé), citar a seu belo prazer *...a história pouco ou nenhum conceito lhes merece, deturpam-na ou fazem-na a seu modo... (IDEM).*

Antero de Quental, bem como aos que dividiam com ele as mesmas idéias, estava longe da ignorância que *A Nação* lhe atribuía e tinha consciência do que dizia. Possuíam, os da geração de 70, muita clareza da situação política portuguesa, assim como do atraso intelectual pelo qual passava Portugal.

³⁸ Perdoai-os, Pai, pois não sabem o que dizem.

³⁹ *Jornal A Nação*, Lisboa, n. 6.997, 01.06.1871.

Diante da crítica vazia pronunciada pelo jornal católico, em junho do mesmo ano, Eça de Queiroz respondeu ao artigo sobre as Conferências Democráticas do Casino e se referiu ao jornal *A Nação* afirmando que era *...a primeira vez que a revolução sob sua forma científica tem em Portugal a palavra...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p.40,42).

Eça comparou as Conferências à revolução acontecida quando do aparecimento do cristianismo frente aos sofistas, os quais riram “daqueles nazarenos”. Da mesma forma diz : *...É o que faz agora o periódico a Nação, quando se trata da revolução. Não é original. Tenhamos bom senso: escutemos a revolução, e reservemo-nos a liberdade de a esmagar – depois de a ouvir...* (IDEM).

Como disse anteriormente, Eça de Queiroz era um voraz leitor de jornais, e pelo que se percebe em seus artigos farpistas, lia todos, inclusive aqueles que não iam ao encontro de seus ideais políticos e filosóficos. E por isso tinha direito de criticar as publicações e defender seu ponto de vista.

Conforme Elza Miné, o seu hábito de ler, desde jovem e diariamente, vem referido em sua correspondência particular *...constituindo-se assim, numa confirmação suplementar a esta convivência apreensível pela leitura dos textos enviados para Portugal e para o Brasil...* (MINÉ, 1986, p. 20). Como se percebe, esta prática de leitura freqüente e diária dos jornais e revistas, continuamente esteve presente em sua vida. E foi a partir da realidade observada, unida ao seu conceito de jornalismo, bem como da inserção da arte nele, que Eça produziu *As Farpas*, para depois passar à ficção.

Em carta a Ramalho, citada antes, Eça punha-se ao *...mau hábito de ler todas as manhãs montões de jornais: e esta grossa massa de política [caía-lhe] no cérebro, não [era] digerida...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 4, p. 136-137).

Assim, constata-se que Eça estava sempre atento às notícias publicadas em sua época. A seguir, pode-se, mais uma vez, confirmar esta assertiva, com mais um trecho d'a *Nação*, no texto publicado por ocasião das Conferências, que sem dúvida Eça leu e em seguida rebateu.

Aquele jornal não deixou de ridicularizar o discurso de Antero de Quental quando distinguia Catolicismo de Cristianismo. Aliás, quando se lê com atenção as

críticas do jornal católico, entende-se o que Eça de Queiroz quis dizer quando adjetivava o clero de “panfletário”.

Referindo-se a Antero como *...O orador democrata...*, o desordeiro da sociedade, bem como ignorante, afirmava que Antero seguia uma teoria que não podia e não sabia defender quando, em seu discurso, assegurava que *...o Catolicismo ao revés do Cristianismo fora causa do abatimento da península...* (JORNAL A NAÇÃO, 1871)⁴⁰.

Definindo para os seus leitores, provavelmente católicos, o que queria dizer a palavra “Cristão”, ou seja, *...a crença em Jesus Cristo e nas suas doutrinas...* e, ainda, sobre o significado da palavra “católico” - *...universal, porque toda a doutrina da Igreja deve ser crida sem discordância por todos aqueles que são filhos da Santa Igreja...* (IDEM), o jornal *A Nação* destacava a ignorância de Antero.

Portanto, *A Nação* não aceitava o discurso de Antero, principalmente no que dizia respeito à culpa que a Igreja levava pelo atraso português. Chamando-o de desconhecedor do assunto sobre o qual ousava falar, o artigo prossegue garantindo que *...Quem não sabe não fala ...* (IDEM).

Uma das coisas mais interessantes publicadas n’*As Farpas*, a partir dos ataques a Antero é a sua constante defesa feita por Eça. Se por um lado temos, no jornal de direita e católico, um Antero que era motivo de escárnio e de zombaria, por pretender a “desordem” na sociedade. Por outro, temos, na palavra de Eça, Antero de Quental como um gênio que era um santo, alguém que merecia respeito e admiração, por ter a coragem de erguer uma bandeira jamais levantada naquela sociedade: a da democratização e da modernidade.

Assim, em defesa de Antero, Eça responde ao jornal católico publicando as seguintes farpas, em julho de 1871:

...Diz a carta no seu artigo 145º: (...)

Temos pois adquirido à (sic) certeza dois pontos:

1º Que todo cidadão pode publicar o seu pensamento falando ou escrevendo;

⁴⁰ *Jornal A Nação*, Lisboa, nº 7.003, 08.06.1871.

2º Que o cidadão fica responsável pelo abuso do seu direito.

Por conseqüência, logo na primeira conferência:

1º o sr. Antero de Quental podia falar sobre a religião em toda a liberdade da sua opinião;

2º Se abusasse, o sr. Antero de Quental respondia pelo abuso...”
(EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 77)

Preocupado com o destino da política e da modernidade de Portugal e, sobretudo, com as opiniões publicadas em tais jornais, os quais poderiam informar, intervir, atuar e interpretar de maneira negativa, Eça não deixou de soltar suas farpas.

Com certa indignação, escreveu que era *...permitido à Nação publicar, em prosa impressa e permanente, ataques rancorosos à liberdade constitucional e à realeza constitucional e não pode ser permitido ao sr. Antero condenar as monarquias absolutas, e ao sr. Soromenho condenar os romances eróticos?...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 42).

E ainda, em julho de 1871, Eça de Queiroz publicou um artigo farpista, altamente irônico, a respeito da postura deste jornal com relação à restauração, referindo-se a ele como sendo um *...jornal de arqueologia e de piedade...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 80 – 90). A *Nação*, segundo o artigo, tinha se apresentado nos últimos tempos com ar de esplêndido triunfo e esperava a restauração na França com o conde de Chambord, na Espanha com Carlos VIII. Quanto a Portugal, o jornal não declarava o nome correspondente, colocando pontos de reticências. Tratava-se de D. Miguel, irmão de nosso D. Pedro I (Dom Pedro IV de Portugal) que fora exilado em Viena, após ter sido derrotado pelo irmão na disputa pelo trono.

Voltando ao artigo da *Nação*, Eça questionou se os pontos de reticências estariam ali por respeito, pudor ou por estratégia. Adiante, visivelmente irritado com tal atitude e com muita ironia, voltou a falar do assunto tão relevante para o bom jornalismo, censurando a imprensa quando não informava os fatos de maneira clara e verdadeira.

Sem tomar claramente partido de um nome ou de outro, para Eça, não significava imparcialidade ou apartidarismo. Deixava transparecer o defeito dos jornais da época.

Para ele, a exemplo d'*A Nação*, a imprensa em geral estava morta e velha; disse mesmo ao jornal católico que *...eras excelente – se fosses viva. Mas és um jornal sombra. Estás tão viva como Enéias. És tão contemporânea como Telêmaco...* (IDEM).

Reafirmando esta visão “arqueológica” e “velha”, *A Nação*, em 1º de junho de 1871, ao defender o poder em vigor e contrariando, novamente, a conferência de Antero de Quental, disse que em Portugal havia a mania, como em todos os países eivados da revolução, *...de falar constantemente nos direitos do homem, na liberdade de consciência e em todas as frases modernas que são apenas boas para captar os parvos e que nada significam...* (JORNAL A NAÇÃO, 1871).

Como se nota, há a sugestão de que aqueles, que na verdade, desejavam mudanças necessárias à sociedade, eram parvos e ignorantes. *A Nação* se apegava a um Portugal cheio de glórias passadas e, segundo o jornal católico, o “Sr. Antero” não poderia deturpar a história de seu país a seu belo prazer.

A exemplo do passado glorioso, o jornal católico citou as colônias como fonte de riqueza para Portugal. Se haviam definhado, de pouco serviam e *...o mal está nos governos, que de pouco servem, o mal está nos governos que tudo têm destruído e não nas próprias conquistas que tanto nos elevaram....*(JORNAL A NAÇÃO, 1871).

Como se observa, ao assinalar as colônias como uma das maiores fontes de riqueza da história de Portugal, em resposta à Conferência de Antero que inaugurou a série das Conferências do Casino, *A Nação* mostrou-se retrógrada, ou seja, este jornal ignorava que delas fora retirado ou explorado tudo, ou quase tudo e, ainda, transferia a culpa do fracasso das colônias a seus próprios governos.

Já Eça de Queiroz, homem de visão moderna e de sugestões interessantes para a melhoria não só de seu país, mas também daqueles que dependiam de Portugal, se expressou a respeito das colônias portuguesas com um parecer interessante, certificando que as colônias não davam rendimento algum e, da mesma forma, Portugal não lhes dava um palmo de melhoramentos. Às vezes, a metrópole remetia-lhes um governador e, agradecidas, *... as colônias mandam à mãe pátria – uma banana...*(EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 115-121).

E, avaliando com muita honestidade o outro lado, Eça adjetivou o povo das colônias como *...Povos novos e fortes...* que não queriam *...estar presos à nossa decadência; com elementos de riqueza não querem sofrer as fatalidades do nosso aniquilamento; vivos não querem estar amarrados ao nosso cadáver...*(IDEM).

Eça vislumbrou o futuro das colônias, certificou que aquelas fossem adiantadas, quando adquirissem consciência de si mesmas, fatalmente, iriam (e deveriam) se separar de Portugal.

Como se vê, Eça apresentava os fatos e os criticava n'*As Farpas*, por razões sociais, tanto os fatos cotidianos como os fatos de relevância para a sociedade portuguesa abordando o clero, a política, as colônias. É de se verificar que o autor se preocupava com os rumos que seu povo tomava frente a revoluções e mudanças ocorridas na Europa, e tinha a intenção de fazer com que sua nação estivesse equiparada, em questão de modernidade, aos outros países.

Portanto, Eça partia da realidade lida nos jornais, para poder argumentar com seus textos irônicos, por vezes, sarcásticos. Também se nota que o autor d'*Os Maias* sempre esteve atento a tudo que ocorria ao seu redor; desde os fatos mais agressivos, como assassinatos ocorridos em Portugal, até os casos mezinhos. Eis uma outra faceta de acontecimentos presentes n'*As Farpas*.

A exemplo podemos citar o artigo sobre os pescadores. Em Outubro de 1871, alguns pescadores foram presos por usarem rede de arrastar. Eça cita o caso de um homem pescador que passava o dia remando, molhado, quebrado da luta do mar. E para comer um pouco de sardinha, com seus filhos, levou sua rede de arrastar, com a qual trabalhava há muito. Quando *...desembarca ao pôr-do-sol, esfomeado, cheio de água, (...) encontra-se na frente do sr. regedor! ...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 239).

Trata-se de um ocorrido cotidiano, mas que afetava a percepção humanitária de Eça de Queiroz. Queixou-se da injustiça que se fizera ao prender pobres pescadores, quando infringiram uma lei – a qual nunca fora aplicada, mesmo que existisse desde 1867. Esta lei dizia respeito à proibição de redes de arrastar, já que prejudicavam a pesca, extinguíam a criação e causavam outros prejuízos à natureza.

A indignação de Eça estava no fato de que os humildes pescadores foram presos, os peixes leiloados e suas esposas ficaram na miséria. Como se vê, nada passava imperceptível aos olhos agudos de Eça de Queiroz.

Por razões morais, Eça também se preocupava com as instituições sociais como, por exemplo, a família, já que *...é a primeira a desmoralizar neste sentido a consciência (...) habitua-se a dobrar-se; dobrar-se diante do agiota, do credor, do criado, do merceiro, dobra-se sempre, propõe injustiças e aceita-as...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 31).

As famílias desmoronavam-se diante do quadro político português. Daí a causa de Portugal ser um país de pobres, voltado somente à agricultura (em uma época que a Europa se industrializava), pois possuía um sistema político arrastado e favorecido pelos eclesiásticos, que não se preocupavam com os mais necessitados.

Diante deste quadro, a saída mais eficiente e rápida que as famílias encontravam era a caça de dotes, deixando de lado a moral, o sentimento verdadeiro e o bom senso.

Portanto, a falência desta instituição baseava-se, sobretudo, na educação da mulher portuguesa, bem como na preocupação burguesa de casar as filhas com objetivos apenas financeiros. Em Maio de 1871, as *Farpas* foram claras quando mostraram que *...As mulheres vivem nas conseqüências dessa decadência...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 31).

Por serem pobres, elas precisavam se casar e a caça ao marido tornou-se uma instituição. Eram levadas aos teatros, aos bailes, aos passeios, para serem mostradas e lançadas à busca de maridos. *...Faz-se com a maior simplicidade esse ato, que é simplesmente monstruoso...*(IDEM).

Com evidente repulsa a este ato, o autor desta farpa continuou dizendo que a mira das meninas era o casamento rico, porque gostavam do luxo, da boa mesa, das salas estofadas e só um marido rico podia realizar tudo isso.

E aquelas que, por ventura, casavam ricas, desenvolviam outras vontades. Uma vez satisfeitas as exigências do luxo, *...algumas vezes aparecem as exigências do temperamento...* (IDEM).

Ainda, a respeito da educação feminina e da instrução em Portugal, Eça, em Março de 1872, afirmou que o valor de uma geração dependia da educação que se recebia das mães. Descreveu as meninas lisboetas como débeis e anêmicas, pois passavam os dias sem respirar, na preguiça de um sofá ou de uma cadeira. Quando muito, percorriam com passo miúdo o Chiado e as suas fronteiras, deixando penetrar em si os ares de infecção daquele lugar.

O espírito feminino espelhava seu físico, ou seja, afrouxado e repleto de grande tédio. Pensavam apenas em roer doces, fato que demonstrava a inferioridade de certas mulheres, segundo os árabes.

Outra doença das mulheres lisboetas eram as *toilettes*. Os “fardos” acumulados na cabeça, não lhes deixava arejar o crânio, inflamando-o com o cabelo oprimido. Apertavam-se e espartilhavam-se, dificultando a circulação, a respiração e a digestão - três causas da vida.

Todavia, tudo isto não era o maior problema das meninas de Lisboa. Seus hábitos e modos eram sinais da educação (romântica, profana e religiosa) que tinham recebido, resultando disso a indecisão, fraqueza, preguiça, medo.

Interessante notar que a crítica à educação e à mulher não se estendia a todo o país. Era uma crítica a Lisboa. Desta maneira, Eça fazia uma distinção entre a mulher que crescera em uma quinta e a urbana.

Grande diferença, pois a menina que andava da janela para o saguão, sem horizonte, sem árvores, sem tanque e sem natureza não podia desenvolver seus músculos, não pode ter ...*bom sangue, ampla respiração, cabeça fresca, digestão de aço...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 546).

E nos colégios? Reinava o tédio, que enfraquecia e anulava a alma. Este tédio era responsável pelo desinteresse em filosofia, nos livros. E, conseqüentemente, o refúgio das meninas seria a conversa, os segredos sem importância, sem ciência.

Por tudo isso, a mulher, na presença do mundo tentador, não tinha como se armar. Encontrava-se despreparada, pois não sabia pensar e não fora preparada para tal. Além disso, a fé – aprendida na infância, a justiça e a moral iam distanciando-se de suas mentes pouco a pouco.

Desta forma, a única coisa interessante a fazer consistia em procurar fortes emoções, a fim de que o tédio fosse preenchido com algo atrativo. Portanto, cair em “tentação” não estava difícil e, daí, para o adultério era um passo.

Aliás, ter amantes não significava, para elas, ter um homem que amavam. Ter amantes denotava ter ocupações, ter pequeninos afazeres tais como ...*escrever cartas às escondidas, tremer e ter susto: fechar-se a sós para pensar estendida no sofá; ter o orgulho de possuir um segredo...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 546). E pelo exposto, não se pode deixar de lembrar de Luísa, de *O Primo Basílio*, cujos detalhes e comparações serão demonstrados mais adiante.

Nota-se que a mulher urbana lisboeta era vazia, superficial e intelectualmente inferior, pois nas mesmas farpas, acima mencionadas, a mulher fazia questão de viver aventuras adúlteras, uma vez que encontrar seu amante em “surdina”, preparar-se para vê-lo, estar em uma ...*sala cheia de gente, e vê-lo a ele, sério e indiferente, e só eles dois estarem no encanto do mistério...* (IDEM), tudo isto, fazia parte do ...*maior dos encantos femininos! ...* (IDEM).

Enganavam-se, pois, os que pensavam que cometer adultério era um ato de ingenuidade. A procura de acontecimentos capazes de preencherem um enorme vazio - já que as mulheres lisboetas não liam, não pensavam, portanto não viviam -, faziam com que procurassem sensações diferentes. Assim ...*Há muita gente ingênua que supõe – que uma grande consideração para a mulher – é o terror da catástrofe...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 428). E, Satisfazia, de tal modo, o desejo mais violento da sua alma, ou seja, o ...*palpitar fortemente. O que se evita hoje, nesta excitação do mundo confuso, é o terra-a-terra, o trivial (...).O que se pede é a comoção, a sensação, o sobressalto, a palpitação...* (IDEM).

Seguida da explanação a respeito da educação feminina lisboeta, neste interessante artigo, Eça dá como exemplo a obra elaborada em co-autoria com Ramalho Ortigão – *O Mistério da Estrada de Sintra*. Entretanto, mais tarde, o romance que tratará deste mesmo tema será *O Primo Basílio*.

Em Outubro de 1872, Eça retomou, n’*As Farpas*, a questão do adultério e, mais uma vez, referiu-se aos artigos de jornais que, a partir de temas, tais como o amor, o adultério, o casamento e a morte, arrastavam desgraças.

Cita Dumas Filho, que folheando a Bíblia, dizia que a mulher, nestes casos, deveria morrer. Outros, com a navalha na mão, achavam que não deveria morrer. Alguns *vaudevilistas* diziam *...vai-a matando sempre!...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 543). E outros, achando que o caso mereceria algum estudo e consultas a dicionários, sugeriam: *...por ora não a mates! E no entanto, de faca na mão, os maridos esperam...* (IDEM).

Para uma ocorrência tão complexa - a qual tinha raízes em algo muito mais profundo do que, simplesmente, a traição, já que se fundamentava no problema de uma educação que priorizava o dinheiro e a máscara -, e que estava levando a sociedade a atrocidades, como, por exemplo, ao assassinato, Eça tratou com importância e, ao mesmo tempo, com muita ironia a educação feminina e como era de seu costume, não deixou de dar sua sugestão: *...De tudo isto uma consequência lógica: - procurando dar uma ocupação ao espírito disponível da mulher, impedir que ela procure as ocupações do amor...*

E desta maneira, como Eça afirmara em março de 1872, o valor de uma geração dependia da educação que recebera das mães. E neste ciclo vicioso, a família se abatia, por causa da educação, das máscaras sociais, bem como a política, o poder, a religião.

As mulheres entravam neste corrompido sistema como se fosse algo muito natural. E os homens aceitavam toda aquela situação achando-a muito cômoda. Portanto, uma sociedade de máscaras, de falta de amor e compromisso e de falta de respeito com o próximo, com suas vontades e pensamentos.

Neste sentido, a política desta sociedade, por exemplo, não poderia ser transparente, já que nela se inseriam seres humanos, os quais estavam acostumados àquele ciclo desmoralizado e àquela educação, porque “o valor de uma sociedade, depende da educação que recebe”.

Quanto aos políticos de Portugal, eles eram motivo de chacota e riso, já que estavam muito distantes do ideal filosófico que pairava sobre o século XIX, como a verdade e a justiça. E como procedimento, Eça apontava as “pessoas sérias” para rir de suas atitudes alouçadas, ou seja, *“...rir do ídolo, mostrando por baixo o manequim...”*.

Para Eça a política deveria estar distante da concentração de poder, de riqueza e de intimidação. É o que se pode perceber quando conceituou, n'As *Farpas* de Janeiro de 1872, a política como *...ocupação de ociosos, a ciência dos ignorantes, e a riqueza dos pobres ...*

Uma figura política, citada n'As *Farpas* com muita ironia, era o Marquês de Ávila e Bolama – responsável pela proibição das conferências no Casino de Lisboa, por serem consideradas subversivas. Em Junho de 1871, Eça refere-se ao ministro Marquês Ávila e Bolama, como uma pessoa que não possuía *... o mínimo direito e à rude supressão da palavra a prelectores de literatura, de arte e de pedagogia...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 78). Proibindo as Conferências Democráticas estava, portanto, *...fora da lei, fora do espírito do tempo e da lógica, está quase fora da humanidade...* (IDEM).

O marquês de Ávila era, constantemente, alvo de farpas que levavam a figura do político ao extremo do ridículo. Quando Eça questionava a legalidade da proibição das conferências, bem como o ponto de vista sobre o que é certo e o que é errado para o ministro em questão, punha em dúvida a seriedade de seus atos.

Assim, disse que no espaço do Casino Lisbonense podia haver *...cançonetas, mulheres decotadas até o estômago, com os braços nus, o olhar obsceno, a boca avinhada (...) gestos provocantes e de esgares infames – um repertório de cantigas impuras, materialistas, lascivas...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 80), mas não podia haver uma voz grave que gritava a justiça, a moral, a arte, a civilização.

Como se nota, o rigor aplicado pelos políticos a alguns termos, não era o mesmo a outros. Este fato causava revolta e censura em Eça. O poder instaurado, que dominava e encarcerava todo aquele ideal novo pregado nas Conferências Democráticas, estava em todas as repartições públicas, em todas as seções, em toda instância política.

Em Julho de 1871, *As Farpas* asseguravam que alguns jornais, quando mencionavam o ministério, freqüentemente, aludiam a um singular caso: ser o Marquês de Ávila e Bolama o único ministro que *...vive, decreta, que se manifesta, que inclui, que influi, que faz deputados, etc. – a única individualidade, ativa, agente, movente...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 70 -71).

Ninguém sabia com nitidez a maneira como aquele ministro havia sido constituído em seu cargo. E *As Farpas*, na voz irônica de Eça de Queiroz, revelaram a organização de tal ministério:

...Presidente do conselho – Marquês de Ávila e Bolama;

Ministro dos estrangeiros – Marquês de Ávila e Bolama;

Ministro do reino – Marquês de Ávila e Bolama;

Ministro da fazenda – Marquês de Ávila e Bolama, sob o célebre pseudônimo por tantos usado de – Carlos Bento da Silva;

Ministro das obras públicas – Marquês de Ávila e Bolama, sob o suposto nome de – Visconde de Chancelheiros;

Ministro da justiça – Marquês de Ávila e Bolama, sob o anônimo – Sá Vargas;

Ministro da guerra – Marquês de Ávila e Bolama, sob a denominação inexplicável de – José de Moraes Rego... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 70 -71).

O que levaria uma Câmara a atribuir tantos cargos políticos para um único homem? Ou, que confiança este homem operava sob Portugal, a fim de que pudesse ministrar todo o país?

A verdade é que o Marquês não ocupava todos os ministérios; por meio desse artigo, Eça mostrou a sua presença dominante no poder público. Uma das qualidades e atributos que, por exemplo, as personagens queirozianas, Conde de Abranhos e Pacheco (de *A Correspondência de Fradique Mendes*), possuíam.

A verdade é que o Marquês de Ávila compõe um *tipo*, ou seja, é a síntese que reúne características predominantes em políticos portugueses de sua época.

No *Dicionário de Narratologia*, há uma perfeita definição de *tipo*, segundo Lukács, que resume o perfil do ministro Marquês Ávila. E este resumo poderá ser útil em possíveis análises e comparações que possam vir a ser elaboradas mais tarde nesta dissertação.

Lukács assevera que o “tipo”, segundo o caráter e a situação, é uma síntese original que reúne organicamente o universal e o particular.

A personagem tipo caracteriza-se graças ao fato de que nele convergem todos os elementos determinantes, humana e socialmente essenciais, de um período histórico, porque criando tipos, há a possibilidade de se mostrar tais elementos *...seu grau mais alto de desenvolvimento, na revelação extrema das possibilidades que neles se escondem, nessa representação extrema dos extremos que concretiza ao mesmo tempo o cume e os limites da totalidade do homem e do período...*(LUKÁCS, 1973, p. 9)⁴¹.

Desta maneira, acredita-se que não é necessário fazer o levantamento dos outros políticos citados por Eça, já que a sùmula de todos se configura no ministro Marquês de Ávila e Bolama, uma vez que pode ser considerado “tipo” em textos queirozianos.

Pelo exposto, percebe-se que Eça tão intimamente familiarizado com a realidade que observava e incentivado pelo sistema político-social-religioso limitado de Portugal, fez denúncias com muito humor, sem esquecer o grande dever do jornalismo, que se mostrou inovador pela linguagem, pela criação de tipos, enfim, pelo estilo individual desenvolvido na imprensa – fato que, até aquele momento, era inovador.

O compromisso assumido por Eça com a verdade, justiça e com a arte, abordava, também, o seu conhecimento do estado das coisas públicas da sociedade de sua época, como o protesto contra as injustiças, a melhoria das classes infelizes, a atenção do povo às atitudes da política.

E para atingir tais objetivos, apropriava-se do conceito do bom jornalismo, já discutido antes nesta pesquisa, que era formar e informar o cidadão por meio da palavra escrita. Entretanto, esta palavra não tem valor, apenas, de meio. É entendida com valor de fim, ocorrência que diferencia a Literatura da História, da Filosofia, da Matemática ou da Física.

Como afirma Alceu Amoroso Lima, Literatura é a expressão pelo verbo, mas não toda e qualquer expressão verbal e para melhor esclarecer este ponto, pode-se citar o poeta e crítico francês Valéry.

⁴¹ c.f. Ana Cristina M. LOPES, Carlos REIS. *Dicionário de narratologia*, 2002, Coimbra: Almedina, p. 411. (LUKÁCS, G. *Balzac et le réalisme français*, 1973, Paris: F. Maspero, p. 9).

Para caracterizar a linguagem utilizada em um texto referencial e aquela empregada em um texto cuja função seja a poética, Valéry exemplifica com a diferença entre “andar” e “dançar”.

Para ele, o andar, como a prosa, visa o objeto preciso. É um ato dirigido com uma determinada finalidade, ou seja, atingir um verificado objeto. E quando atinge o lugar, o livro, a fruta, o objeto de desejo, essa posse anula definitivamente todo o ato (de andar), o efeito devora a causa e permanece apenas o resultado.

A dança, como a poesia, é diferente, pois tem seu fim em si mesmo. Não vai a parte alguma e se busca um objeto, é apenas ideal – *...um estado, um arrebatamento, um fantasma de flor, um extremo de vida, um sorriso – que se forma finalmente no rosto de quem o solicitava ao espaço vazio...* (VALÉRY, 1999, p. 204).

Assim, a linguagem útil – aquela que serve para exprimir um propósito, um desejo, um comando, uma opinião tem como único destino ser compreendida. E o poema, ao contrário, *...não morre por ter vivido...* A linguagem poética ressurge das cinzas e tende a se reproduzir em sua forma, já que é por meio da palavra que há uma troca harmoniosa entre expressão e impressão.

Parodiando Alceu Amoroso Lima, Literatura é, pois, expressão pelo verbo, mas não toda e qualquer expressão verbal, do mesmo modo que nem todo passo é dança. O andar é simples modo utilitário de locomoção e a dança é a finalidade do movimento. E é neste sentido que a arte é uma transformação de um meio em um fim. No colóquio, a palavra é apenas um instrumento e na Literatura ela é um elemento.

Ainda, segundo Valéry, é pela palavra inventada e trabalhada com arte que todo artista é crítico de primeira ordem, *...essa luta contra a desigualdade dos momentos, o acaso das associações, as distrações, as diversões externas. O espírito é terrivelmente variável, enganando e sendo enganado, fértil em problemas insolúveis e em soluções ilusórias...* (VALÉRY, 1999, p. 208). E, para que o poeta consiga este resultado, é necessário que uma raciocínio exato e pensamento abstrato.

É certo que jornalismo não tem a palavra com destino puramente estético, muito menos todo texto jornalístico é considerado gênero literário. Mas, se literatura é a arte da palavra – expressão verbal – e determinado texto jornalístico utiliza a palavra com ênfase nos meios sem excluir os fins, que não utiliza a palavra somente como um instrumento, daí pode-se acrescentar que há uma permissão no campo da literatura.

Portanto, é a integração de todos os valores, tal qual a Literatura, já que esta não exclui a verdade, nem o bem, nem a história, nem a autobiografia, nem a filosofia, nem as ciências.

Neste íterim, a produção jornalística de Eça de Queiroz não era puramente literária, muito menos somente informativa. Sua luta a favor de um mundo melhor era contínua e permaneceu na imprensa até o fim da vida e, mais tarde, encontrou uma maneira de transformar suas farpas em verve.

Com o passar da experiência de escritor, aquelas pessoas reais – apontadas no jornal – transformaram-se em personagens fictícias e fatos reais amalgamaram-se nos enredos romanescos cuidadosamente elaborados.

A princípio, a notícia do jornal se transformava radicalmente em outra coisa que, no espírito do público, era sentido, imaginado, modificando-a internamente dentro de si. E esta publicação periódica, no futuro, para Eça de Queiroz, passou d'As *Farpas* a conto, a romance.

Enfim, *As Farpas* se apresentaram como uma espécie de abertura pela qual se entende a proposta e o projeto ficcionais queirozianos, oferecendo informações específicas e claras – que já compareciam n'As *Farpas* e tempos depois foram enriquecidas, e não espelhadas, sobre o lugar, o tempo, as personagens e os temas dos enredos.

Segundo Andrea Del Lungo, no ensaio *Pour une poétique de l'incipit*, publicado na Revista *Poétique*, no ano de 1993, um *incipit*⁴² nos libera da angústia da página em branco, exprimindo-se como ponto estratégico do texto, a fim de que o leitor se interesse pela história que será contada, sendo capturado e julgando as palavras sobre a folha de papel. Encontra-se também, no *Dicionário de Narratologia*, a seguinte definição de *incipit*:

... corresponde ao lugar de demarcação de uma fronteira, de certo modo separando esse **mundo ficcional** que vai ser representado, do **mundo real** em que se encontra o leitor.(...) Trata-se, pois, juntamente com o final da narrativa(...), de um lugar estratégico do texto, tanto em

⁴² A origem da palavra *incipit* é latina e derivada de *incipere* que significa: dar início; começar. Designa, em geral, a primeira frase, ou as primeiras frases, de uma obra literária.

termos estruturais como semântico-pragmático... (LOPES, REIS, 2002, p. 199-200)

Sabe-se que Eça de Queiroz exigia um público leitor pensante e reflexivo. Portanto, as *Farpas* passam a ter papel importante, como caminhos investigativos e elucidativos àqueles leitores que recebiam os artigos com significação profunda.

As *Farpas* têm função informativa, não apenas dos dados que aparecem em suas obras, como também do estilo e posicionamento de ideais do autor. Além disso, ainda considerando o contexto informativo, os textos farpistas possuem função temática (apresentação do que se fala e referência a um saber fora do texto), função metanarrativa (organização da narração) e função constitutiva (construção de um universo ficcional). E neste contexto, percebem-se as funções verbal, temporal e espacial que *As Farpas* podem representar para as obras ficcionais de Eça.

Portanto, *As Farpas*, oferecem informações variadas ao leitor sobre o texto, sobre o referente (o mundo) e sobre a própria narração, seduzindo quem as lê. E assim, Eça de Queiroz a partir de fatos apontados nos artigos de jornal, constrói o desejo de entrar na história ficcional.

Os artigos farpistas, portanto, são o ponto de contato sedutor, e entende-se sedução no seu sentido mais amplo, pois designa certa estratégia textual complexa, capaz de atrair o leitor e de capturá-lo, a fim de que deseje ler outros textos.



Ilustração de Belmonte para o texto "Eça de Queiroz e a sua obra", publicado no Suplemento da Folha da Manhã.

***... porque as Farpas serão sempre o verdadeiro romance
realista...***

Eça de Queiroz – Carta a Ramalho – Novembro de 1877

IV. SEGUNDA PERSPECTIVA: d'As *Farpas* à ficção

Entre a literatura e a realidade há limites tênues, mas na arte, existe a invenção de novos mundos. Diante disso, segundo Aristóteles, a diferença entre a literatura e a realidade, reside no engenho e no talento que o texto expressa.

Erich Auerbach, em sua obra “Mímesis”, demonstrou que toda obra é realista porque sempre representa a realidade e busca, na verossimilhança, a lógica do mundo real, fazendo uso de eventos semelhantes aos reais e plausíveis. Contudo, numa narrativa de ficção, mesmo considerando obras realistas/naturalistas, não se pode deixar de considerar que as personagens – idealizadas segundo a imaginação do artista – pensam, agem obedecendo a uma lógica interna. Ou seja, o artista por ser fabulador (e imitador por excelência) compõe e recompõe os dados da realidade de forma a atingir seu próprio fim. Conseqüentemente, o artista (mesmo quando realista) conduz, segundo sua ordem, a ação dos personagens, segundo a verossimilhança interna da própria obra.

Assim, sem cair na mera reprodução de fatos históricos, Eça se apropriava de acontecimentos e situações (re)conhecidos por todos e os transformava em uma composição coerente e harmônica. Para tanto, dialogava com a realidade a que assistia, e a recriava a seu modo.

Sendo um artista, mesmo em se tratando de textos jornalísticos, Eça buscava estratégias que capturassem o leitor e, tais estratégias, já lhe eram claras desde a juventude. Como já foi mencionado em capítulos anteriores, partindo deste pressuposto, *As Farpas* serviam de ponto de partida para que Eça de Queiroz fizesse um pacto entre ele e o leitor, autenticando, ou justificando, a construção do universo ficcional, fornecendo informações temáticas, espaciais, temporais e de estilo. Tal universo surgia da realidade que contemplava diretamente ou de suas leituras dos periódicos.

Como se viu, não impôs qualquer limite temático aos seus textos. Tudo lhe era matéria para re-criação. Essa visão totalitária do real, desde a juventude, era extremamente abrangente e, por tal razão, podemos dizer que todo o Eça já está n'As *Farpas*.

As *Farpas* constituíram assim uma espécie de *incipit*, com função constitutiva, ou seja, com a função de, resumidamente, construção de um universo ficcional.

Desta forma, quando se lê as críticas ao clero, nos artigos farpistas, é impossível não se reportar à leitura de *O Crime do Padre Amaro* - publicado três anos depois d'*As Farpas*. E ademais, quando Eça critica a venda das cartas da Virgem, automaticamente, vem à nossa mente o romance *A Relíquia*. E ainda, quando aponta as falhas da educação feminina, imediatamente, passa-se às páginas de *O Primo Basílio* e, assim, sucessivamente.

A observação perspicaz que Eça realizava, por exemplo, do quadro religioso português, passou a ser a origem de personagens eclesiásticas dos seus romances, denominados “profissionais da religião” e distantes da espiritualização.

Cruzando os artigos farpistas e a estrutura do romance *O Crime do Padre Amaro*, fica claro, portanto, que Eça de Queiroz ao analisar, por exemplo, a vocação do personagem principal d'*O Crime do Padre Amaro*, a personagem homônima ao título entrou para a vida sacerdotal como um uma profissão a ser seguida, como faziam muitos moços da época, que não dispunham de fortuna própria e não tinham outra possibilidade de subir na vida.

A título de curiosidade, permite-se um parêntese neste momento sobre o cenário que Eça escolheu para o desenrolar da intriga do seu primeiro romance. Leiria é até hoje um cenário geográfico-literário visitado por turistas, principalmente a Sé e a casa de São Joaneira ⁴³. Segundo Campos Matos, nesta casa residiu Eça de Queiroz, quando foi administrador do Concelho.

N'*As Farpas* de Novembro de 1871, a descrição desta moradia permite perceber a transposição literária, realizada pelo romancista no romance em questão. Eça afirmou que *...morava numa rua estreita como uma fenda e triste como o destino de um monge: de um lado tinha as velhas paredes da Misericórdia (...) do outro as torres de Sé onde os sinos faziam a cada momento rolar pelo ar os seu prantos sonoros!...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 248). E mais adiante acrescenta que, em sua janela, em um caixote de pau, havia um arbusto de alecrim, que *...erguia constantemente para o céu...* (IDEM).

⁴³ Ver em Anexos, Leiria, p. 141.

No romance, quando Amaro chegou em Leiria, o Cônego Dias apresentou-lhe o que havia arranjado para sua morada. A descrição da casa de S.Joaneira é muito semelhante àquela farpista. *...Era estreita, de casas baixas e pobres, esmagada pelas altas paredes da velha misericórdia, com um lampião lúgubre ao fundo...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v.1, p. 108). O Cônego continua a exibição do “palácio” a Amaro e tem-se, mais uma vez, o traço similar que se encontra n’*As Farpas*:

...No primeiro andar duas varandas de ferro, de aspecto antigo, faziam saliência, com os seus arbustos de alecrim, que se arredondavam aos cantos em caixas de madeira; as janelas de cima, pequeninas, eram de peitoril; e a parede, pelas irregularidades, fazia lembrar uma lata amolgada... (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v.1,p. 108).

A distância entre a casa e a igreja era tão pequena que, como disse o Cônego Dias, Amaro podia rezar a missa de chinelos. Bem parecida com a imagem que Eça nos passou da visão que de seu quarto tinha para a Igreja da Misericórdia. Como se vê, Eça partia da realidade para *As Farpas* e delas para a ficção.

Voltando à crítica sobre o “sacerdócio-ofício”, a senhora marquesa de Alegros, que conservara Amaro em sua casa desde a morte de seus pais, *...resolvera desde logo fazer entrar Amaro na vida eclesiástica...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v. 1 p.114) e o fato de não ter vocação para o sacerdócio foi, talvez, o grande responsável pelas atitudes desta personagem. A senhora marquesa não se preocupou em saber se essa era a vontade de Amaro.

No século XIX, os moços que não eram os primogênitos (estes herdavam toda a fortuna dos pais) ou se encaminhavam para o exército ou entravam para o seminário. Ir para o seminário era sempre muito interessante, pois recebiam a cômputo, casa e comida de graça, bem como uma educação primorosa – que ia do latim à filosofia.

Conseqüentemente, o jovem rapaz, além de “mordomias”, conservava um certo respeito, já que poucos entre eles eram alfabetizados. Além disso, em uma sociedade tão “religiosa” e tradicional como a de Portugal no século XIX, a figura do padre impunha uma certa reverência, talvez comparada a que se tinha a Deus, de quem era o representante.

No caso da personagem Amaro, deixar a vida eclesiástica e se casar com Amélia não lhe parecia interessante. Deixar as “mordomias” e viver do suor do seu rosto não lhe passavam pela cabeça, sem falar na exclusão social, que os castigava. *...Os dias iam passando para Amaro, fáceis, com boa mesa, colchões macios e a convivência meiga das mulheres...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v. 1, p.154).

Por outro lado, receava que Amélia passasse horas a rezar com medo do inferno e se confessasse a outros padres *...que arrancavam às confessadas os segredos de alcova...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v.1, p. 197).

Vale lembrar que, em Abril de 1872, *As Farpas* já apontavam o costume de confessar as pessoas devotas na casa dos missionários, confirmando a convivência “meiga das mulheres”, nas suas alcovas, excluindo-se o templo e os altares. E abusando do poder “divino”, os missionários julgavam o lugar onde habitavam como consagrado.

Por causa da influência e poder que Amaro exercia sobre Leiria, ele próprio se julgava extraordinário. Sua soberba era tão grande que se estimava mais importante, até, que os anjos do céu *...fazendo-lhe o elogio das funções da superioridade do padre. No Egito, grande nação da antiguidade, o homem só podia ser rei se era sacerdote!...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v.1, p. 323).

O narrador de *O Crime do Padre Amaro* esclarece que não havia, em Leiria, autoridade como a sua, nem mesmo na corte do céu. *...O padre era superior aos anjos e aos serafins – porque a eles não fora dado como ao padre o poder maravilhoso de perdoar os pecados! ...* (IDEM).

É interessante perceber as semelhanças, irônica e situacional, presentes no romance e nas *Farpas* de Abril de 1872. Neste artigo, Eça escreveu que *...o padre é o sempre presente e o sempre visível: é o padre que os confessa, os comunga, os penitencia, os doutrina, os guia. (...) todo o poder, toda a sabedoria, toda a santidade a atribuem ao padre ...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 445).

Sem vocação, sem emoção, agindo por interesses próprios, Amaro era a representação ficcional dos padres, tais quais tinham sido observados em artigos jornalísticos.

As beatas *...aceitam Deus como chic...*, bem como faziam as filhas da Marquesa. Enfasiavam-se seus dias a coser os vestidos para os pobres, bordavam

frontais para os altares da igreja e ...*estavam inteiramente absorvidas pelo trabalho de salvar a sua alma; liam os livros beatos e doces; como não tinham S. Carlos, as visitas, a Aline, recebiam dos santos. Deus era o luxo de verão...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v.1, p. 114).

Passemos a outro fato: a aliança entre o Clero e o Poder Público. Nota-se que a vergonhosa ligação que havia entre o poder público, as eleições e a Igreja, bem como todas as atrocidades praticadas por sacerdotes e políticos, incomodavam profundamente Eça. E, constantemente, tal ligação foi por ele criticada.

N'As *Farpas* de Janeiro de 1872, por exemplo, Eça se manifestou quanto às eleições. Nesta declaração, ficou claro que os Srs. Eclesiásticos tinham de ter habilidade eleitoral e não eram sutis ao apresentarem a caça ao voto.

Também disse que a qualidade de católico era incompatível com a de agente eleitoral. Mas, mesmo assim exerciam as duas. Sua sugestão era a de abandonarem a uma das qualidades. Ou protegiam candidatos ou continuavam na sua missão de católicos.

Pelo que se percebe nestas *Farpas*, os eclesiásticos não assumiam que eram partidários deste ou daquele candidato. Todavia, aquela era ...*a missão mais clara, mais visível e mais produtiva...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 341 – 342).

E argumentou com um fato real, acontecido em uma diocese próxima de Lisboa, em que na última eleição, ...*a autoridade eclesiástica superior oficiou a todos os seus párocos, de todas as freguesias e concelhos, para que desenvolvessem o maior zelo, influenciassem por todos os modos – e outras doçuras! É por essa estrada de votos que se chega às boas paróquias...* (IDEM).

No romance, a personagem Amaro, com o propósito de se deslocar de Feirão para uma paróquia mais interessante do que a de uma aldeia no fim do mundo, recorreu a pessoas importantes da sociedade, como ao conde de Ribamar e ao sr. Ministro.

Na verdade, Feirão era uma paróquia pobre de pastores e, naquela época, quase desabitada. O propósito do jovem padre era uma paróquia mais populosa e com boas cômputas, como Leiria. Por isso, recorreu às autoridades civis.

Amaro recorreu, imediatamente, à filha mais nova da senhora marquesa de Alegros, a Sra. Luísa, a qual estava casada com o conde de Ribamar, conselheiro de Estado. *...Amaro daí a uma semana soube do seu despacho.(...) Ao outro dia, na Cidade [de Leiria], falava-se da chegada do pároco novo...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v. 1, pp.130-31).

Em outro momento, em diálogo entre o Conde de Ribamar e o ministro, assim se referiam sobre a “combinação” Clero/Estado:

- *A religião – disse ele – pode, deve mesmo auxiliar os governos no seu estabelecimento, operando, por assim dizer, como freio...*

- *isso, isso! – murmurou arrastadamente o ministro, cuspidando películas mascadas de charuto.* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v.1, p. 125).

E n’As *Farpas* de maio de 1871, Eça já dissera que *...A classe eclesiástica não significa a realização de uma crença; é ainda uma multidão de desocupados que querem viver à custa do Estado...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, 29 – p. 30), porque não tinham princípios nem possuíam fé. Assim, não poderiam, também, adotar costumes eclesiásticos. Portugal, segundo Eça, gozava de uma política de acaso, produzia uma literatura de cópia e sua legislação era desorganizada. Desta feita, só poderia ter uma moralidade decadente.

Vale lembrar que *O Crime do Padre Amaro* foi o primeiro romance realista de Eça de Queiroz, o qual nos mostrou evidências de temas e de estilo, sobretudo a ironia, já praticados nas *Farpas*. Outrossim, uma das últimas publicações de Eça – *A Correspondência de Fradique Mendes* -, na carta de número 14, *A Madame de Jouarre (trad.)*⁴⁴, a personagem padre Salgueiro era a síntese das figuras eclesiásticas romanescas queirozianas.

Padre Salgueiro lembra muito Amaro, pois suas *...relações portanto não são, nunca foram com céu (do céu só lhe importa saber se está chuvoso ou claro) – mas com a Secretaria da Justiça e dos Negócios Eclesiásticos. Foi ela que o colocou na sua Paróquia...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, p. 167), os sacramentos eram meros rituais,

⁴⁴ C.f. Eça de QUEIROZ, *A Correspondência de Fradique Mendes*, In: *Obra Completa*, Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de Beatriz BERRINI, 1997, Rio de Janeiro: Aguilar, v. 2, p. 164 -168.

sua ignorância era “deliciosa”, levantava-se às dez horas da manhã – horário classicamente adotado pelos funcionários do Estado – e era de inteligência prática e metódica. Deste modo, em Eça de Queiroz persistiam os mesmos ideais do início de sua carreira.

Ainda, interessante perceber que o jornal que Amaro assinava e lia não era o católico – *A Nação*, citado em análises anteriores, e sim o jornal *Popular*.

- O senhor pároco já não é assinante da *Nação*?

- Não senhor, leio o *Popular*.” (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v. 1, p. 378).

Eça de Queiroz não faria referência a esta passagem sem propósito algum. O jornal *A Nação* era reacionário, tradicional e católico. Bispos e padres assinavam os artigos deste periódico, portanto, ia ao encontro dos ideais daquela classe social.

Todavia, Amaro estava tão contrário a tudo que estivesse ligado à sua instituição religiosa, que nem mesmo o jornal católico, de maior circulação entre os padres, era de seu interesse. Ele preocupava-se, somente, em usar do seu “poder” sacerdotal para o próprio bem. Por voltar-se a tudo que era mundano, se interessava pelo jornal *Popular*.

Outra personagem que chama a atenção é o João Eduardo. Avesso, por inúmeras razões, às coisas da Igreja e em oposição a Amaro, sobretudo, porque logo no início dos acontecimentos era o único que percebia as verdadeiras intenções do jovem padre em relação à Amélia, elaborou o *Comunicado*, a fim de denunciar a situação clerical em Leiria.

João Eduardo desvendou as atrocidades do clero naquela cidade, causando escândalo e vendendo oitenta números avulsos. Por este motivo, esta personagem sofreu perseguições e represálias. Foi chamado de “o republicano”, fera, diabo.

Tal passagem é muito semelhante à perseguição que Antero de Quental sofreu pelo jornal *A Nação*.

Por ter apontado a Igreja como uma das causadoras do atraso português, Antero sofreu difamações. Um documento, assinado pelo ministro Marquês Ávila e Bolonha, o proibiu de falar e de prosseguir com as conferências, como vimos de início.

A mesma perseguição sofreu a personagem de *O Crime do Padre Amaro*, que possuía toda simpatia do narrador. Forças aliadas - do poder público e da Igreja de Leiria - fizeram o ex-noivo de Amélia sofrer até chegar à prisão.

Quanto às beatas de Leiria, em suas casas, é possível observar os móveis repletos de santos e santas, meninos Jesus e relicários. E, descrevendo de maneira hiperbólica, as moradas das beatas mais pareciam altares dos templos do que habitações comuns.

No relicário de Dna. Maria da Assunção, de sândalo forrado de cetim azul, tinha *...uma lasquinha da verdadeira Cruz, um bocado quebrado do espinho da Coroa, um farrapinho do cueiro do Menino Jesus...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v. 1, p. 295).

Ironicamente, o narrador demonstra o cuidado que Dna. Maria apresentava com as relíquias, pois eram guardadas com muito capricho, uma vez que lhe tinham custado trinta mil-réis. Apresentadas somente aos íntimos, a senhora católica temia que as relíquias lhe fossem tiradas, já que mereceriam estar no alto da Santa Sé.

Este tema nos remete à crítica farpista, que chamava a atenção do leitor para o que aconteceu em Braga. Os missionários vendiam as cartas da Virgem endereçadas aos cristãos e, inevitavelmente, lembra a obra *A Relíquia* - romance que gira em torno do beatismo mascarado e falso, e do apego às relíquias.

Para entender a correspondência que existe entre a crítica à venda das relíquias, presente n'As *Farpas*, e o romance em questão, há a necessidade de se retomar algumas passagens deste livro: Teodorico, personagem principal deste romance, atento à herança da Titi (mulher beata e sem coração), foi a Jerusalém, a fim de trazer a maior das relíquias com o objetivo de curar a tia, de satisfazê-la e de ter a sua confiança. Em terra santa, quando passou por um lugar deserto, encontrou uma árvore de espinhos que lhe causou inquietação. Com o aval do cientista Topsisius, denominou a grande relíquia: a santa coroa de espinhos de Jesus.

Por descuido, a tal coroa foi trocada por um pacote, no qual estava a camisa suja de sua amante - Mary. Chegando à casa de Titi, apresentou o pacote "pecaminoso" e Dna. Patrocínio o expulsou de casa, bem como retirado do testamento.

Após perder tudo, sem casa e sem dinheiro, Teodorico resolveu vender as relíquias que havia comprado em Jerusalém e a “fabricar” outras. Mas, o comércio não estava para as relíquias. Daí, ele passa dificuldades, contudo bem cedo percebeu que aquela profissão de requilharia estava saturada, mesmo que fosse por um preço irrisório.

Passou a escrever artigos para o jornal *A Nação* e solicitou a intervenção de um homem (Lino) com vastas relações eclesiásticas. O fato de um falso religioso e forjador de relíquias, tal como Teodorico, escrever para aquele jornal, recupera a crítica farpista queiroziana à imprensa falsa, moralista, panfletária e vazia. Sem esquecer da intervenção que determinadas pessoas buscavam no poder público, já discutido acima.

No pacote de Mary havia um bilhete assinado “M.M”. , com os dizeres: “o *muito que gozamos*”. E Raposo lamentou não ter falado que a camisa fora da Santa Maria Madalena e bem poderia afirmar que “*Deu-ma no deserto*”.

Quanto ao “*muito que gozamos*” poderia ter sido as suas orações, o muito que a santa gozara no Céu em recebê-las. Quem duvidaria? Afinal, *A Nação* não garantira a autenticidade das missivas que os ...*santos missionários de Braga, nos seus sermões, bilhetes remetidos do Céu, pela Virgem, que têm nas dobras a fragrância do Paraíso?...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v.1, p.1032).

Com esta passagem, acredita-se que fica claro e evidente, que Eça utilizou-se de fatos reais relatados e criticados n’*As Farpas* para seus textos fictícios, pois, como já foi mencionado no capítulo “da realidade às *Farpas*” desta pesquisa, Eça criticara o fato, noticiado em jornais, que em Braga vendiam-se cartas inéditas da Virgem Maria⁴⁵. E assim, percebe-se que os vícios da sociedade, apontadas n’*As Farpas*, compõem na ficção.

E não custa lembrar, repetidamente, que as *Farpas* foram a “pedra de toque” ou o *incipit* dos textos ficcionais, a fim de que os leitores tivessem um norteador em suas leituras e como um símbolo de abertura de caminhos seguidos por Eça em seus textos romanescos.

Entretanto, é bom, mais uma vez, deixar claro que esta atitude não é simples espelhamento da realidade, pois, como foi demonstrado, já n’*As Farpas* Eça era um escritor e os textos de sua lavra são acima de tudo literários.

⁴⁵ Em *Farpas* de Outubro de 1871.

Outro tema explorado por Eça e presente nas *Farpas* é a educação da mulher lisboeta e o seu comportamento na sociedade.

Luísa – principal personagem de *O Primo Basílio* -, casara-se com Jorge ...*sem o amar...*, portanto, por conveniência. Sua descrição e atitudes, inevitavelmente, a encaminham ao adultério, porque, como se sabe, por meio das *Farpas*, a mulher lisboeta, por ser vazia e desocupada, procurava aventuras e sensações diferentes.

A personagem d'*O Primo Basílio* lia romances românticos, preocupava-se com a *toilette*, em ...*aplicar o pó-de-arroz no pescoço, nas faces* e descansar na *causeuse...*, bem como ...*ambicionava um coupé; e queria viajar, ir a Paris, a Sevilha, a Roma...* Sempre aborrecida, sobretudo, durante a viagem de Jorge, ocupava-se como podia. ...*De manhã ainda tinha os arranjos, a toilette, algum romance...* e o resto do dia passava na solidão.

Leopoldina, amiga de Luísa, também é um ser entediado com seu casamento e procurava nas aventuras amorosas algum sabor a mais que pudesse temperar a sua vida de burguesa.

Logo, Luísa e Leopoldina são o retrato fiel da mulher urbana e burguesa de Lisboa, criticada em artigos farpistas.

E o colégio? A partir da leitura do romance, percebe-se que a única coisa que elas faziam era flertar e roubar beijos – muitas vezes das próprias colegas. Não comentavam as disciplinas que ali estavam aprendendo – um tédio.

Eça referiu-se a este tédio nos colégios, em Março de 1872, perguntando aos leitores se havia necessidade de entrar nos colégios para avaliar o que ali se passava:

...Será necessário que penetremos nos colégios? – Um nadinha. Espreitamos pela porta. Um dos grandes males do colégio – além dos que explica a medicina, a higiene e o realismo – é o tédio. O tédio tem este mal: enfraquece, anula a alma, o espírito, a vontade – e em todo este silêncio do organismo – uma só voz fala, reclama – a curiosidade. De quê? De Tudo, do imprevisto, do que se não tem, do que está na rua quando nós estamos em casa, do que está no vício quando nós estamos no dever... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 424).

Vejam, agora, uma comparação entre um trecho da ficção e outro do artigo farpista que trata deste assunto. Em *O Primo Basílio*, Luísa e Leopoldina, na ausência de Jorge, jantavam juntas e aquela “camaradagem” levou-as às recordações do colégio. Lembraram do rapaz que era conhecido por “Espinafre” e que ele *...era no colégio o homem, o ideal, o herói; todas lhe escreviam bilhetes, desenhavam-lhe corações donde saía uma fogueira... E quando a Micaela foi apanhada, no cacifro dos baús, a devorá-lo de beijos!... ..*(EÇA DE QUEIROZ, 1997, V.01, p. 563).

Adiante, temos o comentário do tempo em que as amigas estiveram “de mal” por causa de um beijo que Luísa dera em Teresa *...que era o (...) sentimento [de Leopoldina] (...)*. Em tom de nostalgia e entre risos, *...Puseram-se a falar dos sentimentos (...). Leopoldina tivera quatro; a mais bonita era a Joaninha, a Freitas. Que olhos...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, V.01, p. 564). E como se vê, naquele espaço havia todo o tipo de afazeres, menos o de estudar e o de se ocupar com algo que preenchesse o vazio de suas mentes e a ociosidade.

Já n’As *Farpas* de Junho de 1871, Eça assegurou que o grande mal da mulher era deixar *...de ter curiosidades de espírito; não [ler] um livro; não [conhecer] interesses de inteligência...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 32). E, em Março de 1872, Eça afirma que:

...a imaginação que se desenvolve nos colégios tem outro mal: é que produz, entre as colegiais, uma vida sentimental fictícia: daí as mil pequeninas coisas que todos sabem, inocentes no momento, mas que influem mais tarde: as senhoras mesmo depois de casadas, as contam rindo: (...) grandes paixões que têm umas pelas outras, com ciúmes, intrigas, vinganças, duelos: cartas que escrevem (...) um primo que se obtém... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 426).

Mais tarde, em artigos farpistas de Setembro/Outubro de 1872, quando Eça tratou do adultério, afirmou que a mulher era educada exclusivamente para o amor ou para o casamento, como uma realização do amor. E que desde pequena, era mal-educada:

...Educa-lhe primeiro o corpo para a sedução (...) Ensina-lhe a arte sentimental e inútil de bordar flores e pássaros (...) Depois ensina-se-lhe a música (...) Depois o seu espírito é como educado? Pelo romance, que lhe descreve o amor (...) Toda mulher que não se cansa, idealiza (...) E esta mulher assim formada, casa (...) Se o marido se conserva um amante – bem (...) Se o marido naturalmente, como deve ser, se ocupa dos negócios (...) – mal... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, pp. 542-554).

E, daí, *...O que resta a esta infeliz criatura, encolhida no tédio da sua causeuse? Resta-lhe a sua genuína ocupação, a que lhe ensinaram e em que é perfeita – o amor...* (IDEM). A educação que a mulher recebia, em casa e nos colégios de meninas, era uma das grandes causadoras de seu espírito vazio, levando-a a preencher sua desocupação com, por exemplo, um amante.

Como já houve a oportunidade de se analisar nesta dissertação, a sociedade já tinha uma solução para o adultério: a morte da adúltera, a exemplo dos *vaudevilles* de Dumas Filho.

Talvez, por este fato, logo no início do romance de *O Primo Basílio*, o desfecho da peça teatral do primo Ernestinho, sugerido por Jorge, tenha sido a morte da traidora.

Luísa, quando recebia os bilhetes de Basílio, demonstrava um certo orgulho por ter um amante, pois *...Tinha um amante!...* Tornava-se radiante e como dizia Leopoldina *...não havia como uma maldadezinha para fazer [a mulher] bonita*

Recordando *As Farpas* já mencionadas, por meio do discurso irônico, ambivalente, Eça de Queiroz disse que *...Nada tem um encanto tão profundamente atraente como a catástrofe. Ela satisfaz o desejo mais violento da alma – palpitar fortemente...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 428). Para Eça, o que se evitava era a trivialidade, a tranqüilidade, a virtude plebéia. *... O que se pede é a comoção, a sensação, o sobressalto, a palpitação...* (IDEM).

Não se pode negar que o artigo d'*As Farpas* sobre a mulher lisboeta irá orientar as atitudes de Luísa, como se pode confirmar na seguinte citação:

...escrever cartas às escondidas, tremer e ter susto: fechar-se a sós para pensar estendida no sofá; ter o orgulho de possuir um segredo: ter aquela idéia dele e do seu amor, acompanhando como uma melodia em surdina todos os seus movimentos, a toilette, o banho, o bordado, o penteador... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 456)

Luísa, de certa forma, tinha prazer em ter de guardar um segredo (segredo este que, diga-se de passagem, foi muito mal guardado, pois logo foi descoberto por Juliana), em possuir um amor “clandestino”. Tudo isto ocupava sua meninice e sua imaginação e preenchia seu tempo ocioso e sua cabeça vazia.

Na ocasião do encontro de Luísa com o banqueiro Castro, Leopoldina, em tom de desabafo, *...pôs-se a falar complacientemente dos escândalos de Lisboa...*, citou nomes e repetiu as idéias já expostas n’*As Farpas*, tais como: *...As que cansadas decerto duma virtude monótona, preparam habilmente o seu “fracasso” numa estação em Sintra ou em Cascais...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v.01, p. 697). E retomou o exemplo dado no artigo farpista, quer n’*O Mistério da estrada de Sintra*, quer neste romance: *O Primo Basílio*.

Não importava, portanto, a aventura ou a índole do amante, somente, que sua vida tivesse *...um sobressalto, a palpitação...* Mesmo que as conseqüências culminassem, segundo artigo farpista, na cena do marido “*de faca na mão*”, aliás como é proposto ao desfecho da peça teatral de Ernestinho.

Passemos às figuras políticas. Elas estão presentes desde o primeiro romance até os últimos. O *Conde de Abranhos*, por exemplo, personagem hipócrita, oportunista, egocêntrico e inculto, permaneceu na figura de Pacheco, d’*A Correspondência de Fradique Mendes* – uma das últimas publicações de Eça de Queiroz.

O Conde de Abranhos, segundo Eça em carta a Ernesto Chardron, *...é um estadista, orador, ministro, presidente do Conselho, etc, etc. – que sob a aparência grandiosa é um patife, um pedante e um burro*⁴⁶... (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v.4, p.

⁴⁶ Em carta a Ernesto Chardron – 23 de junho de 1878 (ou 79?).

840). O autor desejava produzir uma certa sensação com a publicação deste livro, em Portugal e no Brasil.

Explicou, nesta mesma carta, que ...*O fim do livro pois é – além duma crítica dos nossos costumes políticos – a exposição dos pequenezes, estupidezes, maroteirinhas, e pequices que se ocultam sob um homem que um país inteiro proclama grande...* (IDEM).

A descrição deste político nos lembra bem *As Farpas* de Outubro de 1871. Nelas, Eça disse que se fizessem aos ministros perguntas sobre a política internacional e sobre as instituições, o comércio e a ciência de Portugal, todos ficariam pálidos de surpresa, porque eles ignoravam os seus encargos. Ironicamente, afirmou que nenhum curso lhes havia ensinado e nenhuma lei lhes incumbiu.

Os políticos e representantes de Portugal, segundo Eça, acreditavam que a diplomacia se resumia a bons ordenados e viagens pagas. Suas principais missões eram ...*comer bem, dançar bem, vestir bem, parece-nos inútil que se exijam provas de que o sujeito conheça o direito internacional e a história diplomática!...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 227). Portanto, eram vazios, “patifes, pedantes e burros”.

Zagalo, ...*secretário, é tão tolo como o Ministro; e o piquant do livro é que querendo fazer a apologia do seu amo e protetor, o idiota Zagalo, apresenta-nos, na sua crua realidade, a nulidade do personagem...* (IDEM).

Zagalo confidenciou à viúva condessa que resolvera fazer a biografia daquele “*grande homem*”, por meio da correspondência que recolhera durante o tempo em que estiveram juntos.

O Secretário, e narrador desta obra, elogiava todas as péssimas e inescrupulosas atitudes do conde. Assim, Eça de Queiroz, no intuito de revelar as atitudes mesquinhas dos políticos, consagrou as traições, as mudanças políticas oportunistas, o discurso vazio e acaciano⁴⁷ da personagem, utilizando-se da ironia.

Além disso, as atitudes de Alípio Severo Abranhos, serviram para que Eça, a exemplo das *Farpas*, criticasse a educação que vigorava naquela época. Em uma

⁴⁷ Segundo A. Campos Matos, in *Dicionário de Eça de Queiroz*, as frases do Conselheiro Acácio caracterizam a mediocridade. Portanto, acacismo, ou acacianismo e acaciano tornaram-se termos correntes depois da criação desta prodigiosa personagem, encontrados, inclusive, em dicionários da língua portuguesa. (MATOS, 1988, p. 31).

campanha a favor da reforma do ensino, Abranhos, defende o uso da “sebenta” – anotações sem rigor acadêmico que existiam como manual para os estudantes, os quais deviam lê-la e memorizá-la.

Eça era contrário à idéia de que um estudante devia ser condicionado à mera leitura e à memorização, deixando de lado a inteligência e o raciocínio. Nas *Farpas* de Março de 1872, o autor se pronuncia sobre a instrução pública portuguesa, *...com simplicidade, em palavras nítidas, curtas e cifradas, o estado da instrução pública em Portugal...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 402 – 408).

Nestas *Farpas*, Eça escreveu que o problema da educação estava, em primeiro lugar, no fato de estar a cargo do governo. E depois, a escola era uma corrente presa ao abecedário e as crianças repetiam a lição monotonamente sem vontade e sem inteligência. O professor dominava pela palmatória, ensinava pela rotina e punha todo o tédio de sua vida no sistema de seu ensino.

Eça também esclareceu, nestas *Farpas* de Março/72, que não estava se referindo à organização do estudo e sim à organização do ensino. Quanto à organização do estudo, esta não existia, porque a escola portuguesa da época era a antiga aula de escrita e leitura do *...tempo devoto do Sr. D. João V. Isso é uma outra grave, severa, terrível questão...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 402 – 408). E com isto, Eça criticava o ensino sem reflexão e sem inteligência.

De igual maneira, Joaquim José Alves Pacheco – personagem da carta número 14 de *A correspondência de Fradique Mendes*, descrito pela personagem homônima ao título, com sutil ironia -, era um homem que se notabilizou na sociedade pela sua cultura inútil, mas era considerado um cidadão de “*imenso talento*”.

Porém, que tipo de talento possuía tal personagem? A resposta poderia ser: aquele que as Escolas e Universidades de Portugal aceitavam como indefectível.

Tudo que se sabia a respeito de Pacheco era seu nome completo e que assumiu inúmeros cargos políticos, porque, em uma aula de Direito Natural em Coimbra, a exemplo da personagem Conselheiro Acácio, pronunciou a frase mais óbvia das óbvias. Disse que o século *...XIX era um século de progresso e de luz...* Por isso, foi Deputado, Diretor Geral, Ministro, Governador de bancos, Conselheiro de Estado, Presidente do conselho. Numa carta de Fradique, portanto, Eça comprova mais uma vez as falhas do ensino em Portugal.

E, no entanto, Pacheco acabou sob um mausoléu, *onde por sugestão do sr. conselheiro Acácio (...) foi esculpida uma figura de 'Portugal chorando o Gênio'*.

Conselheiro Acácio, personagem de *O Primo Basílio*, é outro exemplo ilustrativo dos políticos portugueses. Representante do Constitucionalismo e do “formalismo oficial”, citava com frequência Herculano e Garrett, entre outros. Autor, conselheiro, Cavaleiro da Ordem de Santiago pelos merecimentos literários, ridículo, trivial e medíocre, nada, ou quase nada, se difere de seus companheiros políticos ficcionais romanescos.

É evidente, que todas as características atribuídas a Pacheco, ao conselheiro Acácio, bem como ao Conde de Abranhos, vêm pelo discurso contrário, típico da ironia. Em Pacheco, percebe-se a falta de inteligência e cultura, mas é conhecido como “imenso talento”. O Conde de Abranhos é enaltecido pelo secretário como um grande homem, todavia em seu discurso nota-se seu verdadeiro perfil: corrupto e mascarado. O conselheiro Acácio cita frases feitas, diz sempre as coisas mais óbvias, é vazio, contudo possui grande influência na sociedade.

Pacheco sintetiza o Conde de Abranhos, e ambos têm marcas do Conselheiro Acácio. São, portanto, a súpula dos políticos reais da sociedade portuguesa, como por exemplo, o ministro Marquês de Ávila e Bolama – *personagem-tipo* criticada n'*As Farpas* e citada no início desta dissertação.

Em *A Ilustre Casa de Ramires*⁴⁸, Eça abrandou o tom crítico pessimista e sarcástico e passou a analisar a relação do homem português com o seu país, pondo em debate o passado histórico e glorioso de sua nação e a situação do presente.

Em quase todas as páginas da *Ilustre Casa de Ramires* mostram-nos um Fidalgo covarde, mentiroso, interesseiro – porém amável e sedutor. No final, se regenera e, à semelhança de seus corajosos antepassados, encontra forças para lutar contra um arruaceiro e vencê-lo. A partir disso, Ramires foi considerado um herói e passou por uma regeneração moral, pois repreendeu sua irmã adúltera, venceu as eleições honestamente, entregou as originais da novela *Torre de D. Ramires* para um editor e, depois de eleito, foi reconhecido pela crítica como um ótimo escritor.

Em seguida, retirou-se para a África. Na colônia, Ramires dedicou-se à exploração de uma área em Moçambique obtendo sucesso e riqueza, situação muito

⁴⁸ Ver em Anexos, a casa que inspirou Eça de Queiroz no cenário da moradia de Ramires, p. 140/141.

semelhante a do Basílio quando veio para o Brasil e enriqueceu às custas da exploração de borracha. Esta proposta de exploração colonialista correspondia a idéias defendidas por setores da sociedade portuguesa do século XIX.

No romance *A Ilustre Casa de Ramires*, a personagem João Gouveia assim se expressou sobre as colônias:

- Olhe, sr^a D. Graça, acredite V. Ex^a, sempre era melhor arranjo para o Gonçalo que a África... Eu não acredito nesses prazos... Nem na África. Tenho horror à África. Só serve para nos dar desgostos. Boa para vender, minha senhora! A África é como essa quintarolas, meio a monte, que a gente herda duma tia, numa terra muito bruta, muito distante, onde não se conhece ninguém, onde não se encontra sequer um estanco; só habitada por cabreiros, e com sezões todo o ano. Boa para vender.

Gracinha enrolava lentamente nos dedos a fita do avental:

- O quê! Vender o que tanto custou a ganhar, com tantos trabalhos no mar, tanta perda de vida e fazenda?... (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v. 2, p. 466).

N'As *Farpas* de Julho de 1871, Eça de Queiroz mencionou um pânico provocado pelo boato de que se perderia a colônia de Macau. Este fato, segundo Eça, “feriu” profundamente o orgulho português e ironizando, disse que a Metrópole fazia muito pelas colônias, como, por exemplo, o envio de governadores e *...Iguar zelo pelas possessões do África, verdadeiras e legítimas colônias, essas! Para aí o país é inesgotável... de celerados!...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 115).

Em seguida, Eça critica o desprezo de Portugal pelas colônias, bem como o abandono a elas dado. Aliás, não se pode esquecer também de que, para as colônias, eram enviados os criminosos condenados. As colônias não tinham *...garantias de segurança, nem tranqüilidade (...)* e que o único movimento que há é o do estrangeiro que as explora de fato – apesar de nós as possuímos de direito. (IDEM).

Comparando o diálogo das personagens de *A Ilustre Casa de Ramires*, João Gouveia e de Dna. Graça, acima transcrito, com *As Farpas*, tem-se a sensação de *deja vu*, ou melhor, *deja lis*, pois em ambos encontra-se o questionamento do porquê Portugal continuar com o domínio das colônias se nem tinha condições de governar o seu próprio país. E embora não faça parte nem de nosso *corpus* nem de nossa pesquisa, é inevitável lembrar dos versos de Gregório de Matos, que diziam que Portugal não sabia administrar sua cozinha, mas queria conduzir o Brasil.

N'As *Farpas*, dizia, que a solução para tal problema era: ...*Vendamo-las!* ... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 120). Alguns meses depois, n'As *Farpas* de Setembro de 1871, Eça retoma este assunto alegando que ...*Noutro número das Farpas lembramos a respeito das colônias o seguinte melhoramento – vendê-las! Ocorre-nos outra coisa a respeito da Índia – dá-la! E enquanto a glórias nacionais, contentemo-nos com o barítono Lisboa e com o sr. Arrobas, - e é já glória bastante!...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 190).

Naquelas *Farpas* de Março, deste mesmo ano, em tom crítico ele afirmou que não menosprezava toda a gloriosa história passada de Portugal, pois: ...*Sim! Sim! bem sabemos, toda a sorte de frases ocas! A honra nacional, Afonso Henriques, Vasco da Gama, etc!* ... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, 120-121). Mas, Portugal era pobre e as colônias não eram uma força e uma prosperidade que poderiam ser.

É verdade que se as vendessem, o governo português ficaria pior – em estado de miséria. Todavia, segundo Eça, Portugal deveria vender (ou dar) as colônias porque ...*não temos governo que as administre; mas não podemos vendê-las – porque não teríamos governo que administrasse o produto! Miserere!...* (IDEM).

Eça de Queiroz teria mudado de idéia sobre a venda das colônias, na ocasião da escrita da *Ilustre Casa de Ramires*; e, realmente, achava que a solução do país estava nas colônias e no resgate do passado glorioso de Portugal? Ou trata-se de mais uma das suas críticas, a qual mostrava a visão aguçada do autor português, que alcançava tal resultado por meio de uma simples conversa entre seus personagens?

Partindo do pressuposto que Eça não mudou seus ideais deste a sua juventude até às últimas publicações, a verdade é que, com o passar do tempo, aprimorou sua

escrita e estilo; atenuou o estilo agressivo e enriqueceu aquela escrita jornalística com as propriedades da ficção.

Eça de Queiroz tinha razão. A solução não era voltar ao passado e nem se fixar à proposta de exploração das colônias. Quando um país se apega às glórias do passado e se esquece do presente o que acontece? O ...passado [torna-se] (...) *caturra*⁴⁹.... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 190).

Todavia, n'As *Farpas* de Maio de 1871, Eça afirmou que Portugal havia perdido a inteligência e a consciência moral. ...*Os costumes estão dissolvidos, as consciências em debandada, os caracteres corrompidos. A prática da vida tem por única direção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido. Não há instituição que não seja escarnecida. (...)* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 16). Comprovou que os costumes de uma nação não podiam e não deviam ser esquecidos. A verdade é que, para Eça, o passado não carecia ser esquecido, mas no presente algo poderia ser feito. Apegarem-se às colônias e ao passado glorioso, definitivamente, não era a solução para Portugal.

A resposta estava em fazer uma política séria e comprometida com os evidentes e reais problemas daquela sociedade. E esta, por sua vez, agir acertadamente e com acuidade, bem como cobrar posturas ajuizadas de seus representantes.

Em *As Cidades e As Serras*, Jacinto reflete uma pessoa que pela ociosidade e falta de ocupação, bem como por considerar erradamente a Cidade como um Éden, transforma-se em um ser infeliz e vazio.

Esta personagem cresceu em meio à vida da cidade grande, urbanizada e repleta de conforto oferecido pela tecnologia, mas era vazio e sem vida. Quando chegou às Serras, passou a ser ativo.

Na obra, encontram-se os princípios ilustrados n'As *Farpas*, pois a personagem recuperou a sua felicidade e sua redenção, quando passou a levar uma vida ativa, ocupando os seus dias melhorando a vida do próximo. A partir do momento em que se viu integrado com a realidade portuguesa, com os valores rurais, Jacinto passa a se encantar com a vida.

É verdade que Eça aceitou, no início de sua carreira, que a Literatura não ignorasse a ciência, a fim de chegar a uma maior objetividade. Todavia, se a ciência

⁴⁹ Bobo, teimoso, que(m) gosta de discutir. In: *Dicionário Houaiss*, 2003, Rio de Janeiro: Objetiva.

...foi desviada da sua missão e posta ao serviço da classe dominante, o romancista não deve falhar na sua. (...) a arte deve mostrar, dizer, descrever, revelar, dar lições, educar... (PIWNICK, 1988, p. 205). E, desta maneira, Eça critica o excesso da tecnologia e do distanciamento com a cultura local e tenta voltar às raízes portuguesas rurais e simples. Além disso, Eça denuncia a vida superficial da classe dominante, suas vaidades e inutilidades, bem como a hipocrisia, a prática do adultério, a procura de prazeres desenfreados etc.

A preocupação com a classe mais pobre de Portugal (com os operários, com os empregados públicos e com os trabalhadores do campo) já estava latente no jovem Eça. N'As *Farpas* de Setembro/Outubro de 1872, aparece, em forma de carta, endereçada aos Srs. Operários grevistas, uma lembrança à classe agrícola e à sua miséria. Eça solicita aos operários que juntassem suas forças, já que os trabalhadores do campo sofriam semelhantes injustiças.

...Se além dos empregados públicos – o que lhes pode parecer uma aproximação humorística – os senhores se lembrarem das classes agrícolas e da miséria dos trabalhadores do campo, que são, como os senhores, proletários e não sei se diremos que eles, criados na salutar educação da terra e da cultura, nos merecem mais simpatias que o proletário da cidade que tem uma polidez de mau agouro – verão que no fim de tudo, para além dos senhores, muita miséria existe calada – que deveria falar... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 556).

Sua obra, segundo alguns queirozianos, tem pontos em comum com a vida de Eça. O autor viveu parte de sua vida em Paris, vindo a falecer nela. Este espaço já não lhe era agradável, principalmente nos seus últimos anos de vida.

A título de curiosidade, inscreve-se abaixo um fato do final da vida de Eça, que embora não pareça ter afinidade com o nosso *corpus*, demonstra o quanto este autor transmitia para sua produção artística, a realidade que o envolvia e a sua visão acolhedora com relação à vida simples do campo – fato encontrado, como já comprovado, n'As *Farpas* e n'A *Cidade e as Serras*.

Quando sua saúde reclamava uma atmosfera mais amena, Paris parecia-lhe de aspecto grosseiro, negra por causa das fábricas, menos intelectual, segundo o próprio

autor em carta à condessa de Sabugosa⁵⁰, provando que a vida na cidade já lhe aborrecia. Infelizmente, o seu regresso à Pátria fora impossível devido a sua situação financeira.

A Cidade e as Serras pode ser a viva impressão que deixara em Eça, quando da descoberta da Quinta de Santa Cruz no Douro⁵¹, que a sua mulher herdara. Parece que a intenção de Eça de Queiroz era transformar aquele ambiente rural em um Éden, para seu descanso e recuperação.

Em carta ao amigo Eduardo Prado, datada de 29 de maio de 1892, Eça afirmou que tinha feito uma excursão ao Minho e Douro, localidades que não via há muito tempo. Nesta correspondência, percebe-se uma certa exaltação da terra e do povo português. *...Esta terra é sem dúvida a obra-prima do grande paisagista que está nos Céus. Que beleza! (...) Tudo canta. Cantam, trabalhando, cavadores e ceifeiras, até canta o carro de bois ...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v. 4, p. 428). Inclusive a comida é elogiada por Eça. E com toda fartura de beleza e de coisas naturais, Eça não compreende por que Portugal estava falido. Observou *...que maravilhosas caçoilas de arroz, e que divinos anhos pascais assados no forno! (...) Em toda parte onde estive não vi um palmo de chão onde se pudesse assentar o pé sem perigo de esmagar uma semente...* (IDEM).

Mais tarde e após a sua morte, a quinta foi habitada por sua filha Maria e hoje é destinada a estudos queirozianos. Com o apoio de sua herdeira, Dna. Maria da Graça Salema de Castro⁵², foi transformada na “Fundação Eça de Queiroz”⁵³, uma instituição sem fins lucrativos. Seu espólio arquivístico é vasto e rico, incluindo fotografias e o documento pessoal e familiar de Eça de Queiroz, de amigos, homenagens etc.

Voltando à nossa análise, como se pôde notar até este momento, variadas considerações a respeito da moral, do clero, da política, da educação, enfim, sobre inúmeros aspectos sociais, não escaparam à visão aguda e perspicaz de Eça de Queiroz. Ao mesmo tempo, o dever de buscar a Justiça e Verdade no jornalismo, que o acompanhou desde os primeiros textos publicados em periódicos, também persistiu até

⁵⁰ Em 14 de janeiro de 1897.

⁵¹ Ver ANEXOS, p. 139.

⁵² Ver ANEXOS, p. 140.

⁵³ Ver ANEXOS, p. 139.

as últimas publicações, permanecendo a intenção de informar e formar o público leitor – retomado, por exemplo, n'Os *Maias*.

Neste romance, a presença de uma publicação intitulada *Corneta do Diabo*, destacava-se pelos artigos de exploração da maledicência e dos escândalos – prática jornalística abominada por Eça de Queiroz. Carlos da Maia, ao receber o tumultuoso artigo sobre sua relação com Maria Eduarda, oferece ao leitor sua impressão a respeito do periódico e conseqüentemente do que pensa a respeito da imprensa. ... *Chamava-se a Corneta do Diabo; e na impressão, no papel, na abundância dos itálicos, no tipo gasto, todo ele revelava imundície e malandrice...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v. 1, p. 1409).

Carlos, como alguém que levara ...*uma grossa chapada de lodo...* na face, ficou imóvel. Entretanto, seu primeiro impacto não foi o de ver seu amor aviltado: ...*era o horror de sentir aquelas frases em calão, padilhas, afadistadas, como só Lisboa as pode criar, pingando fetidamente, à maneira de sebo, sobre si, sobre Maria, sobre o esplendor da sua paixão...* (IDEM).

Os adjetivos apresentados neste trecho, com o propósito de desqualificar a *Corneta do Diabo*, é um recurso queiroziano que, segundo Guerra da Cal, ...*Eça consegue uma interpenetração [do] mundo físico com o mundo moral, em forma ricas de expressividade, que são uma das seduções do seu estilo.* (CAL, 1981, p. 166).

Com elas, conforme Cal, o que é representação abstrata da consciência torna-se visualizáveis, com rara realidade viva, corpórea e palpável.

Assim, com um estilo inconfundível, Eça ressuscitou considerações a respeito do papel crítico do escritor da imprensa. N'As *Farpas* de Maio de 1871, o autor advertiu que o jornalismo de sua época ou era noticioso ou político ...*Também não [era] igualmente harmônico o processo para julgar as pessoas...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 24).

Adiante, escreveu que as pessoas eram julgadas pela imprensa de acordo com suas vestes e calçados: ...*O nobre presidente do conselho tinha ontem à sua entrada na câmara umas magníficas botas de pelica. Que admirável pelica!...* (IDEM). Ironicamente, Eça mostrou como outros jornais, mais moderados, diziam em face a verdade àquele nobre presidente do conselho: ...*mas apesar do seu tato político, s.ex.^a tinha simplesmente umas botas moderadas de vitela francesa...* (IDEM). E, outros

periódicos de oposição exclamavam indignados: *...Não! As suas botas não são de vitela francesa, (...) nem de pelica fina (...) são de couro de Salvaterras!...(IDEM).*

E, se a pessoa julgada pela imprensa fosse de pouco valor para a sociedade, sua sentença de morte era propagada. No artigo farpista de Setembro/Outubro de 1872, Eça destacou um fato singular que a imprensa, imediatamente, apossou-se vorazmente:

...o soldado Barnabé, mata o seu alferes, com um tiro, e é, pelo conselho de guerra, condenado a ser passado pelas armas (...) durante um mês, trava-se entre sanguíneos e linfáticos esta discussão: deve o soldado Barnabé conserva-se vivo? E no entanto na sua prisão o soldado Barnabé, espera que os srs. Jornalistas e curiosos decidam... (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 557).

E mais, naquele mesmo capítulo d'Os *Maias*, por meio das personagens, Eça continua sua reflexão sobre a atividade jornalística, apresentando o universo da imprensa portuguesa do século XIX, como, por exemplo, a divulgação e crítica literárias, a agitação e intervenção política neste meio de comunicação de massa.

A respeito da importância que a imprensa dava à literatura, chama a atenção um diálogo entre Eça e um articulista do jornal *A Tarde*. O amigo dos *Maias* apresenta o papel dos jornais na divulgação da literatura, afirmando que a eles cabia, apenas, *onde se vende e quanto custa* um livro. E ampliando este diálogo, Eça disse que o espaço ideal para tal assunto, deveria ser as revistas críticas e os jornais sérios. Vejamos um diálogo entre Eça e Melchior:

- Nada! Vocês aqui são simples localistas, noticiaristas, anunciadores. Dum livro como o do Craveiro têm só respeitosamente a dizer onde se vende e quanto custa.

Não, nas Revistas Críticas: ou então nos jornais – que fossem jornais, não papeluchos volantes, tendo em cima uma cataplasma de política em estilo mazorro ou em estilo fadista, um romance mal traduzido do francês por baixo e o resto cheio com “anos”, despachos, parte de polícia e loteria da Misericórdia. E como em Portugal não havia nem jornais sérios nem Revistas Críticas – que se não falasse em parte nenhuma... (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v.1, p. 1442).

A seguir, defendeu o público leitor, tal qual Eça o faz no prefácio a *Azulejos de Conde Arnoso*, indagando se o público importava-se ou não que lhe falassem de livros que ele comprava aos três ou seis mil exemplares. Mais adiante, valoriza este leitor, dizendo que este número de vendas era *...igual aos grandes sucessos de Paris e de Londres...* (EÇA DE QUEIROZ, 1997, v.1, p. 1442).

O silêncio da imprensa, segundo Eça, mostrava claramente que o público era incompetente e que estavam bestializados por notícias que informavam sobre o *...sr. conselheiro que chegou ou do sr. conselheiro que partiu, pelos High life pela amabilidade dos donos da casa, pelo artigo de fundo em descompostura e calão, por toda esta prosa chula em que nos atolamos...* (IDEM).

Não tinham, portanto, espaço na imprensa para *...falar duma obra de arte ou duma obra de história, deste belo livro de versos ou deste belo livro de viagens. Não temos nem frases nem idéias...* (IDEM).

Em maio de 1871, *As Farpas* queirozianas mostram a inconformidade de Eça com a inanição dos jornais, pois ainda eram eles que, de quinze em quinze dias, publicavam uma notícia em que se lia que *...Todo o high life lisbonense se achava ontem reunido nos vastos salões da sociedade “Mazurca e Sensibilidade”, na rua dos Bacalhoiros, 5º andar...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 34) e que as danças desta festa estiveram animadíssimas e as bandejas dos refrescos cruzavam, constantemente, em todas as direções. Contudo, nenhuma linha mostrava o público leitor interessada pela boa literatura.

Neste caso, é inevitável que se recorde dos primeiros capítulos desta pesquisa, os quais demonstram o valor que Eça de Queiroz dava ao Leitor (com maiúscula). Além disso, nas primeiras *Farpas*, Eça já evidenciava a preocupação e o descaso com o público-leitor, bem como com o vazio noticioso e político da imprensa portuguesa, que oferecia sempre as mesmas notícias. O jornal “A”, *...notícia que o seu assinante, colaborador e amigo X partiu para as Caldas da Rainha...; o “B” ...refere que o seu amigo, colaborador e assinante que partiu para as Caldas da Rainha é x...* e o jornal “C” *...narra que, para as Caldas da Rainha, partiu X seu colaborador, assinante e amigo ...* (EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, 2004, p. 23).

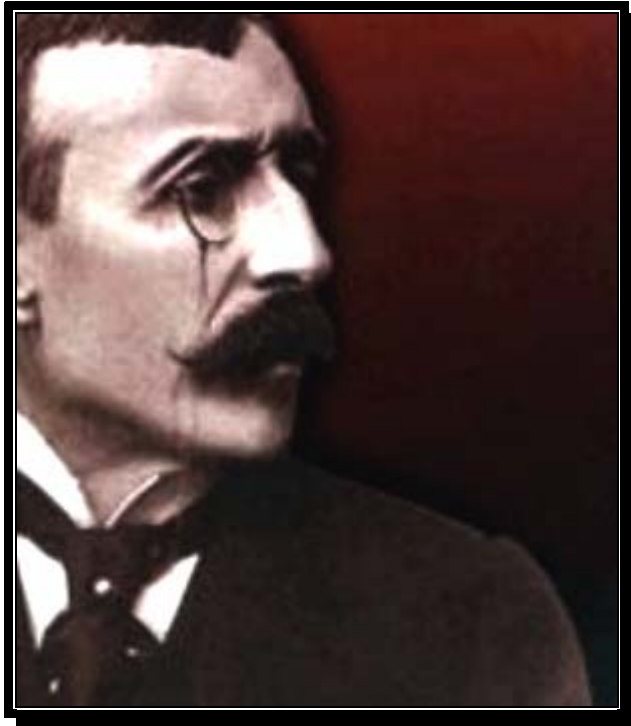
N'Os *Maias*, a solução para os problemas da divulgação e da crítica aos livros literários, foi logo arranjada, visto como Carlos da Maia e João da Ega projetam a criação de uma revista que poderia revolucionar a cultura de Portugal. Fato semelhante encontrava-se presente na vida de Eça de Queiroz, já que o seu desejo de criar uma revista que mudasse o quadro cultural e intelectual de seu país o perseguiu deste o tempo de estudante. Curiosamente, o mesmo título dado à revista ficcional foi dado à revista real: *Revista de Portugal*.

Enfim, como foi evidenciado nesta segunda perspectiva, *As Farpas* se presentificaram na ficção queiroziana, pois, segundo a seleção feita para a análise nesta dissertação, nota-se que muitos fatos e muitas idéias nelas abordadas são retomadas na ficção.

Contudo, é necessário destacar que quando Eça retoma aquilo que estava presente n'*As Farpas* não se limita a uma cópia, ou reprodução, daquilo que na juventude foi desenvolvido. Faz mais. Na produção romanesca, Eça enriqueceu seus princípios expostos n'*As Farpas* com procedimentos ainda mais artísticos, criando personagens inesquecíveis e situações comuns aos portugueses, mas que no romance e com seu estilo próprio e irônico tomam mais corpo e vida.

Não se pode esquecer, portanto, que *As Farpas*, segundo João Medina, *...foram úteis para sua obra posterior de romancista: O Eça que, desde 1875, começa a redigir a sua obra romanesca (...), é fortemente tributário (ou continuador, se se preferir) do jornalista do 'riso que peleja'...*(MEDINA, 2000, p. 54-5).

O Eça crítico-jornalista daqueles pequenos folhetos de 1871/1872, será depois o romancista sociológico-simbólico de 1875/1900, *...os mesmos temas, as mesmas realidades, o mesmo País passam das páginas das Farpas às páginas de seu romance...* (MEDINA, 2000, p. 55).



***As breves páginas que tu acabas de percorrer, amigo leitor, (...)
não são elas mais que a opinião sincera, desinteressada e livre ...***

Eça de Queiroz – As Farpas – Maio de 1871.

CONCLUSÃO

A análise realizada por Eça de Queiroz, a respeito do papel da imprensa no século XIX, percorre a sua vida de escritor, com destaque para os artigos farpistas. A manifestação política, as difamações, o descaso com a literatura, tudo é notado e criticado, levando a ver que a função do jornal era a de conduzir a uma consciência clara dos processos político e social. E ainda, *...a obra de Eça, como romancista, há-de insistir na denúncia de uma imprensa sintomaticamente nula ou maldosa...* (MEDINA, 2000, p. 49). Entretanto, sua preocupação com o jornalismo não se limitava à notícia dada e daí, não se pode tirar de mente o traço literário que seus textos jornalísticos possuíam.

Desde o início, Eça demonstrou que sua inquietação ultrapassava a lei mercantilista, que sobrepujava o jornalismo daquela época. Utilizava a imprensa como meio de expressão e de comunicação. E assim, unia a formação de *...consciência crítica com entretenimento...* (GROSSEGESSE, 2003, p.04).

Levando-se em conta que o jornalismo pode possuir, segundo Alceu Amoroso Lima, quatro caracteres de especificação crescente, como: arte verbal, arte verbal em prosa, prosa de apreciação e apreciação de acontecimentos, pode-se afirmar que Eça de Queiroz produziu um jornalismo com qualidade literária, sobretudo n'As *Farpas*.

Para explicar melhor: acima de tudo o jornalismo queiroziano era arte, e esta deve ser entendida como *...fazer bem alguma coisa...* (LIMA, 1960, p. 42). Isto abrange o “modo” de dizer, portanto, a expressão verbal. E para Eça, quando utilizava a palavra, este era um elemento capital, pois seu fim não era puramente pragmático.

A informação, passada por Eça de Queiroz, supunha um contato com o leitor a fim de informar e de in-formar. A formação do público, a finalidade moral e social, para o autor em questão, estava acima do mero noticioso, ou seja, informava para formar a consciência de cidadão. Ainda, possuía procedimentos lingüísticos e estéticos muito próprios. Conseqüentemente, tinha um estilo individual dentro do estilo jornalístico, que mais tarde lhe serviu de base para a ficção.

Quanto a este estilo, podemos destacar a fuga do francesismo e a utilização desta língua estrangeira como novos efeitos, com combinações novas, e também os adjetivos acertados e exatos para, por exemplo, ressaltar características físicas de pessoas, enfim *...saber agrupar bem os poucos valores é que foi a sua grande arte...* (HOLLANDA, 1945, p. 87). Ainda, utilizava-se da construção da oração em ordem indireta para destacar ou enfatizar os fatos (ou personagens) descritos e o humor – por vezes sarcástico e por outras, sutil.

E, em se tratando de humor, a ironia queiroziana é uma atitude de espírito, porque é sua maneira de ver o mundo. Sua visão sempre fora a de contemplação objetiva, atribuindo com rigor uma idéia exata das coisas, mesmo que Eça fosse sensível e idealista. Sua palavra castiga, já que *...é a palavra de um idealista e de um moralista, que desejava Portugal melhor e diferente...* (BERRINI, 2003, p. 06). Tudo isto fazia do jornalismo queiroziano algo a mais em seu tempo e lugar.

Ressalta-se que Eça partia da realidade observada para ironizar, para informar, para formar, para fazer arte. Quando ele partia de uma análise mais abrangente, alcançava uma idéia exata. Esta postura, segundo Beatriz Berrini, espanta, pois desde tenra idade era ampla, total, rigorosa.

Aos vinte e poucos anos de idade, n'As *Farpas*, Eça analisava o mundo à sua volta com um olhar agudo e com a mesma objetividade e precisão que irá analisar no fim de sua vida. *...N'As Farpas, temos já todo o Eça de Queiroz. Eis uma característica fundamental do escritor: fidelidade à sua primeira observação em relação à realidade do mundo português...* (BERRINI, 2003, p. 05).

Assim, os artigos farpistas podem ser entendidos como uma espécie de *incipit* da obra romanesca de Eça de Queiroz, os quais seduzem o leitor, que de uma forma ou de outra, encaminham o leitor aos textos ficcionais. É neste trabalho jornalístico que se encontram respostas e explicações para os temas, as personagens, os cenários, os temas e a época presentes nos textos ficcionais, bem como o estilo marcadamente próprio.

Segundo Andrea Del Lungo, para se falar de uma função sedutora do *incipit* é necessário entender o termo “sedução” em seu sentido mais amplo, ou seja, como uma estratégia textual, cujo objetivo é atrair o leitor e capturá-lo, suscitando o seu interesse e produzindo um desejo de leitura.

Além disso, *As Farpas* podem ser entendidas como uma passagem do silêncio à palavra; e deve-se entendê-las como um momento de primeiro contato entre o destinador (o autor) e o destinatário (o leitor), a fim de que se realizasse uma abertura, segundo Lotman, *d'une parole qui n'est pas le texte a une parole qui est le texte et qui, par conséquent, le découpe en séparant l'espace linguistique fini du texte de l'espace linguistique virtuellement infini du monde ...*⁵⁴ (DEL LUNGO, 1993, p. 134). Ou seja, nesta citação, segundo Lotman, a palavra tem de ser entendida como, respectivamente, texto não-ficcional e ficcional.

Desta maneira, tem-se a produção farpista como palavra que informa, quer dizer, não-ficcional. Neste caso, serve como meio para comentar, formar e conscientizar, a partir de um fato ocorrido e noticiado, sem deixar de lado procedimentos artísticos. E assim, Eça partia da realidade para *As Farpas*.

E nos romances e contos, a palavra é uma ficção. Entretanto, aquela palavra jornalística serviu de base informativa e temática para chegar ao ficcional. Portanto, a produção farpista colaborou enquanto não-ficção, passando a existir a palavra que depois se tornou “texto ficcional”, separando o espaço lingüístico “delimitado” do espaço lingüístico virtualmente infinito que pode abranger todo o mundo. E assim, Eça elaborou artigos farpistas que lhe serviram como fundamento para os seus textos futuros.

É claro que, mais tarde, Eça aperfeiçoou a forma, interpretou melhor as normas, deu novo sentido às palavras. Todavia, *As Farpas* foram um aprendizado, uma abertura à seqüência narrativa, uma espécie de *incipit* aos textos ficcionais queirozianos.

Sua formação de estilo, a palavra cortante e crítica, o sorrir discreto e a gargalhada, a ousadia da adjetivação, o descobrimento das funções gramaticais, já estavam presentes n'as *Farpas*, explorando a sua observação crítica dos acontecimentos na sociedade portuguesa.

É inevitável, e como já foi observado nesta dissertação, notar que o jovem de Póvoa de Varzim, iniciante escritor de 1871, ainda com arestas por aparar da forma e do riso, já deixava antever, o que se considera fundamental, as grandes qualidades literárias de um Eça amadurecido pelo tempo, pelo exercício constante da escrita,

⁵⁴Tradução livre: ...de uma palavra que não é o texto à uma palavra que é o texto e que, por conseguinte, recorta separando o espaço lingüístico delimitado do texto do espaço lingüístico virtualmente infinito do mundo...

pelas leituras e pela vida. Aquilo que é apontado como característica no romancista, já tinha origem nos textos farpistas.

Em suma, *As Farpas* anteciparam temas, estilo e discussões dos textos ficcionais futuros. Percebe-se que nos textos farpistas, desde o prólogo de Maio de 1871, os temas fazem referência a fatos e eventos, os quais eram tomados como demonstração de erros e distorções sociais, mais tarde retomados em sua ficção. Portanto, o levantamento sociológico realizado n' *As Farpas* foram úteis para a obra romanesca.

Quanto aos temas, presentes nos artigos farpistas e na ficção, destacou-se nesta dissertação a crítica ao clero, a educação feminina, a política, a imprensa portuguesa, o passado glorioso de Portugal e suas colônias.

O Crime do Padre Amaro (1875), com suas críticas ao sacerdote, à fé como fenômeno social e político, ao templo sagrado substituído pela sala de jantar dos missionários ou dos fiéis, enfim, todo *O Crime do Padre Amaro* já estava delineado n' *As Farpas*. E vale lembrar que, a personagem Padre Salgueiro, d' *A Correspondência de Fradique Mendes* (1888) – uma das últimas obras de Eça –, retoma, em muitos aspectos, a imagem do Padre Amaro, como, por exemplo, seu descaso com as coisas sagradas.

Ainda, quanto à crítica ao clero, *As Farpas* queirozianas criticaram a venda das relíquias e o apego ao material em detrimento ao espiritual. E neste caso, impossível não fazer lembrança à obra *A Relíquia* e seu protagonista e a Teodorico, que para abraçar a herança de Titi, utilizava uma máscara religiosa. E, em ambas personagens, pelas suas atitudes contrárias às cristãs, delineavam um perfil mundano, evidenciando uma religiosidade falsa.

Os eclesiásticos eram panfletários *...sem critérios, sem lógica, sem ciência, sem ortodoxia...* (Apud: MEDINA, 2000, p. 64). E nestes termos, Eça de Queiroz não excluiu de suas críticas o jornal *A Nação*, tradicional e católico, n' *As Farpas* e nos romances.

Como se nota, Eça dedicou muitas e ferozes críticas ao clero e à prática da fé, transformados em um palco de vaidades e máscaras.

A instrução também recebeu um lugar privilegiado em textos farpistas, e posteriormente, nos romances. A instrução pública, n' *As Farpas* de Março de 1872, foi julgada por Eça como “canalhice pública” e as escolas como “currais de ensino”.

Neste mesmo passo, a educação da mulher recebeu destaque. A criação de Luísa, em *O Primo Basílio* (1878), confirma, segundo o próprio Eça, *...que triste país eles formam – eles e elas...*⁵⁵ (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v.4, p. 918).

As *Farpas* de Março de 1871 explicaram com minúcias a *toilette*, a saúde, os hábitos, as gulodices, a moda, a preguiça, a educação religiosa da mulher portuguesa. E este artigo é complementado, mais tarde, com outro de Outubro de 1872, sobre o adultério.

Eça ofereceu um painel da mulher, desde a educação da menina ao adultério da mulher. Portanto, fez um estudo das Luíisas e das Leopoldinas que, quando saíam dos olhares atentos de seus pais, caíam nas tentações do mundo. Desarmadas, não resistiam ao adultério.

Contudo, é bom ressaltar que Eça não generalizou a atitude feminina. Em carta a Teófilo Braga, explicou que *O Primo Basílio* não atacava a família – “esta instituição eterna” – e sim a família lisboeta.

Nem tão pouco, investia contra todas as famílias lisboetas. Somente àquelas que eram *...produto do namoro, reunião desagradável de egoísmos que se contradizem, e, mais tarde ou cedo, centro de bombachata...* E continuou, declarando que tal romance representava, sobretudo, um pequeno quadro doméstico familiar, a quem conhecia muito bem a burguesia de Lisboa, *...a senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (...) arrasada de romance, lírica, sobre excitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular, que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc, etc...* (EÇA DE QUEIROZ, 2000, v.4, p. 917).

Eça discutiu, tanto n’*A Farpas* quanto n’*O Primo Basílio*, a necessidade de se reformular os costumes, a fim de que se oferecesse àquela sociedade uma outra moral, outra família e outro direito.

O mundo constitucional, sua política e suas instituições, é tema constante das *Farpas* e dos textos ficcionais. Suas críticas à política (e aos políticos), às eleições, à Câmara, à vida administrativa são saborosas. O público pagava e rezava. Os políticos eram pagos e não governavam.

⁵⁵ Carta a Teófilo, 12/ 03/ 1878.

Todos os tipos de perfis eram criticados, em artigos farpistas e nos romances: os parasitas, os ignorantes, os ridículos. Enfim, os políticos eram ociosos, desocupados e visavam à política como uma maneira de enriquecer. Era um aparelho corrupto e o sistema eleitoral era uma “fisiologia da eleição para deputados”.

Esta galeria de estúpidos povoou as obras romanescas na personagem de Ribamar (*O Crime do Padre Amaro*), do Conselheiro Acácio (*O Primo Basílio*), do Conde de Abranhos (1925), do Gouvarinho (*Os Maias* (1888)), do Pacheco (*A correspondência de Fradique Mendes*). Sem esquecer que em *A Ilustre Casa de Ramires* (1897), os políticos igualmente são analisados. Todavia, com menos agressividade.

Não havendo organização e administração políticas, do mesmo modo não era possível dominar as colônias. E neste ínterim, Eça não abandonou as críticas às colônias, já que Portugal não era capaz de as sustentar politicamente. A sugestão do autor foi vendê-las – opinião que foi retomada em *A Ilustre Casa de Ramires*, num debate de personagens, como José Gouveia com Gracinha.

E neste vil panorama, o que fazia a imprensa portuguesa?

Difamava pessoas injustamente, informava sobre as viagens de bispos e de nobres personalidades da sociedade, bem como noticiavam fatos insignificantes, como o sucesso desta ou daquela festa burguesa neste ou naquele “sítio”.

Cabe salientar que, por ser constante e fiel aos seus ideais, desde a juventude até o fim da vida, isso não quer dizer que Eça de Queiroz fosse um escritor estagnado. Muito pelo contrário, desde cedo se pôs ao lado do povo oprimido, fazendo oposição a um governo opressor; observou os ridículos, os problemas, os vícios, o atraso da sociedade onde vivia com muita atenção e ironia e acompanhou o desenvolvimento da modernidade com muita cautela. E, sobretudo, preocupou-se em oferecer ao seu público algo interessante com conteúdo e de alto teor literário.

As Farpas podem, assim, serem analisadas como um ensaio para a ficção queiroziana e esta produção jornalística pode ser vista como uma metáfora do *incipit*.

Deste modo, pode-se concluir que Eça, aos vinte e poucos anos de idade, estreava no mundo das Letras com um perfil dinâmico e crítico, a fim de “sacudir” a pseudo paz da sociedade portuguesa com suas galhofas mensais – *As Farpas*.

Após amadurecimento prodigioso, favorecido pelas inúmeras leituras e cultura adquirida no decorrer de sua vida, graças também ao brilho e agilidade do seu discurso irônico, Eça criou romances que retrataram a realidade de Portugal contemporânea e, ao mesmo tempo são literariamente obras primas.

Finalmente, Eça demonstrava elevado cuidado com a elaboração de seus textos. Debruçava-se sobre suas produções com ardor e o seu amadurecimento deu-se pelo trabalho intenso de sua escrita. Se *O Crime do Padre Amaro* conheceu três versões, tal não aconteceu com *O Primo Basílio* e os romances seguintes que, no entanto, levaram anos a fio sendo reformulados, polidos, alterados. Entretanto, tudo aquilo que desejava dizer, num constante diálogo com seu público leitor, já tinha sido observado e dito desde *As Farpas*.



***...O retrato é uma coisa odiosa –
e a crítica de retrato é uma das
mais negras invenções portuguesas...***

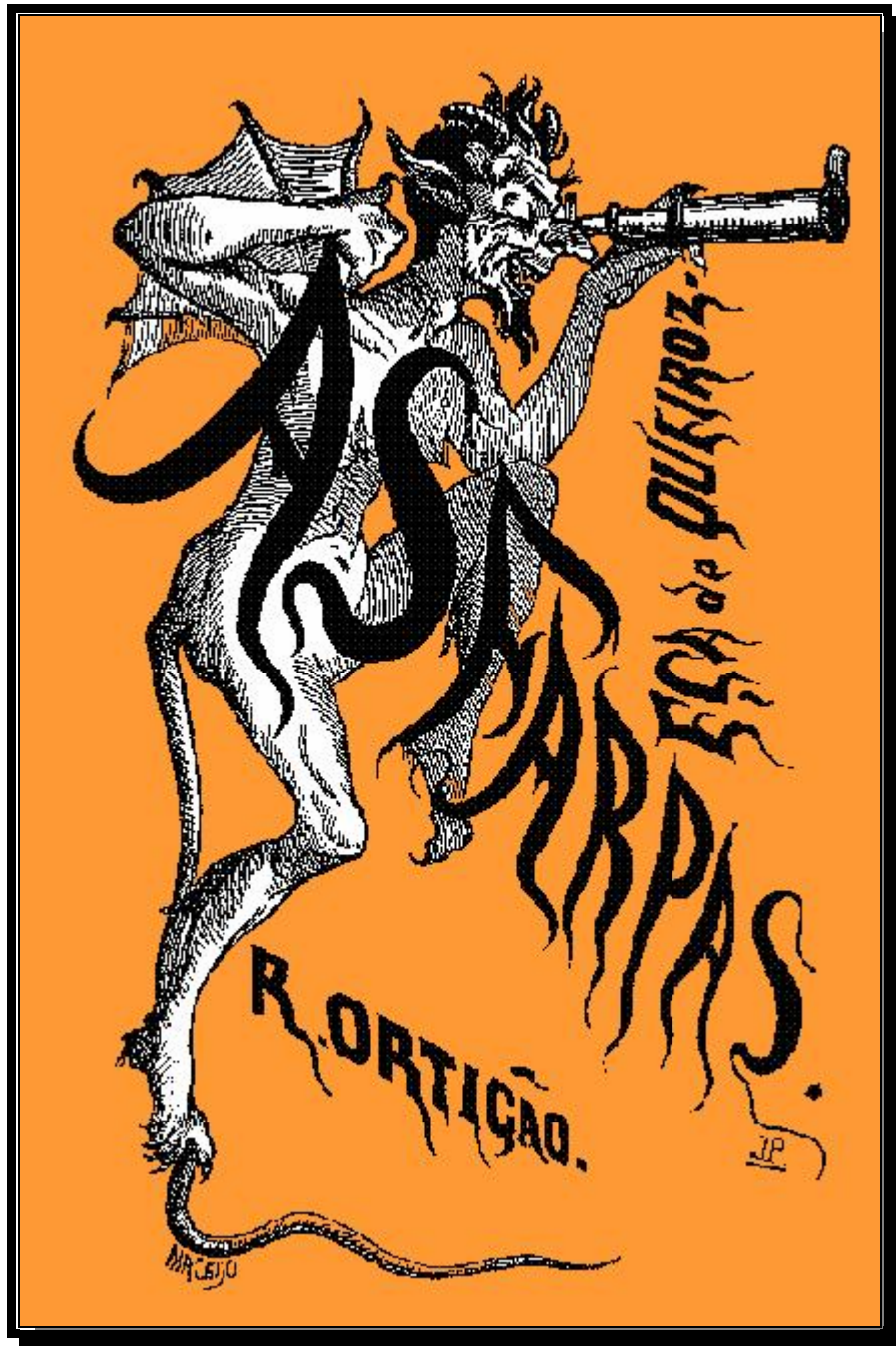
Eça de Queiroz – Carta a Ramalho – 4 de março de 1878.

ANEXOS

A seguir, apresento uma breve análise da capa d'*As Farpas*. Também, a cronologia das obras queirozianas publicadas em vida e postumamente, possibilitando uma visão ampla de suas produções artísticas – tanto jornalísticas quanto ficcionais.

Pensei, também, em ilustrar esta dissertação com algumas imagens, que dizem respeito a Eça de Queiroz, na ocasião em que deixou *As Farpas* para partir para Havana. Além disso, caricaturas de sua autoria, de Bordalo Pinheiro, entre outros, sobretudo, a imagem elaborada por Bordalo no “*Álbum das Glórias*”.

Algumas fotografias de minha viagem à Fundação Eça de Queiroz e a alguns lugares de Portugal, a fim de que se tenha a oportunidade de ver os espaços que inspiraram cenários queirozianos. Nestas fotos, percebe-se que Eça tinha um poder de observação surpreendente, pois ao passar em locais que serviram de sugestão para seus cenários, tem-se a impressão de caminhar pelas páginas de seus maravilhosos textos. E, por meio das ilustrações, integro a afirmação de que Eça partia da realidade que observava para *As Farpas* e, depois, para a sua ficção.



1. A CAPA D'AS FARPAS

A capa d'As *Farpas* é bastante singular. Em formato de fascículo de 11 X 14 cm, em cor beije, por vezes meio alaranjada, foi desenhada por Manuel Macedo, com uma singular figura de um diabo Asmodeu – gênio impuro de que falam as escrituras.

No livro de Tobias (3;8), encontramos este comentário:

*Ela [Sara] fora dada sete vezes em casamento, e Asmodeu, o pior dos demônios, matara seus maridos um após o outro, antes que se tivessem unido a ela como esposa(...)*⁵⁶

Em Apocalipse (9;11), Asmodeu é conhecido, também, em hebraico como “Abaddon” e em grego, “Apollyon”. Seu significado é: “o destruidor” ou “a destruição”, segundo a mesma Bíblia.

O desenho d’ “O pior dos demônios” - que serviu de marca registrada a ferinas farpas, as quais atingiam a sociedade portuguesa do final do século XIX -, encantou a alguns, e a outros, fez “torcer o nariz” e, até, perecer.

Com asas de morcego, garras de galo, cauda longa e fina, chifres de bode, grande nariz aquilino e orelhas pontiagudas, esta figura deveria ser assustadora. Entretanto, quando vamos além da capa e nos deparamos com os deliciosos artigos farpistas, especialmente os queirozianos, passamos a ser seduzidos por este “demoninho”, tal qual fora Sara nas sagradas escrituras.

As palavras que dão título à obra (*As Farpas*) – escritas com desenhos que lembram algo de aterrorizante -, são seguradas por uma das mãos do tal demônio, como se este estivesse se preparando para atirá-las a qualquer momento ao alvo observado.

⁵⁶ *Bíblia de Jerusalém*, 2 ed. 2003, São Paulo: Paulus.

E com a outra mão, segura um óculo que lhe serve de meio para observar alguma coisa à sua frente e que o faz rir, como se estivesse nos convidando a ...rir, pois..., já que ...o riso é uma filosofia... e ...muitas vezes o riso é uma salvação... (EÇA DEQUEIROZ, ORTIGÃO, 2004, 19) ⁵⁷.

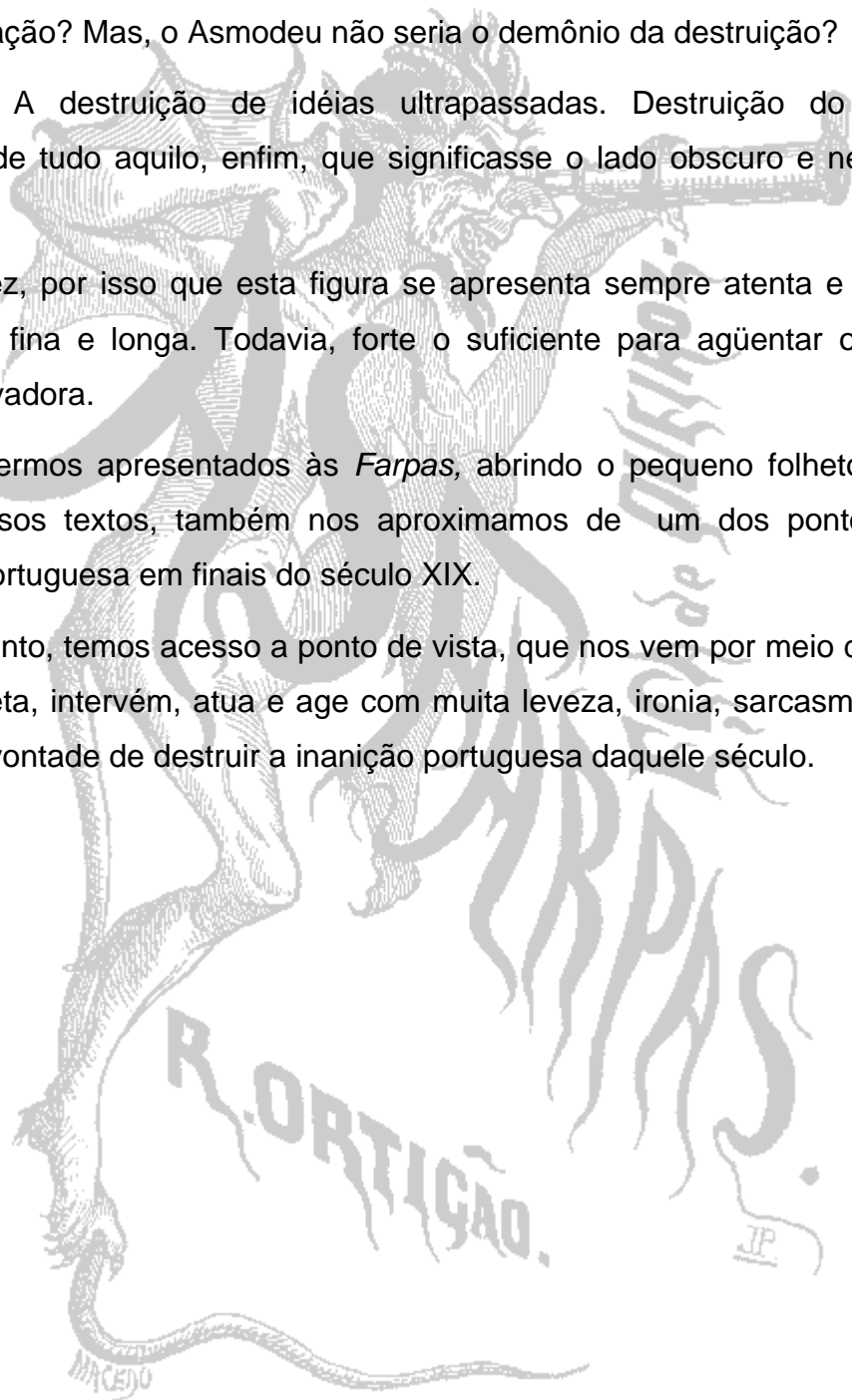
Salvação? Mas, o Asmodeu não seria o demônio da destruição?

Sim. A destruição de idéias ultrapassadas. Destruição do retrógrado. A destruição de tudo aquilo, enfim, que significasse o lado obscuro e negativo de uma sociedade.

Talvez, por isso que esta figura se apresenta sempre atenta e sustentada por sua cauda, fina e longa. Todavia, forte o suficiente para agüentar o peso daquela filosofia salvadora.

Ao sermos apresentados às *Farpas*, abrindo o pequeno folheto e penetrando nos saborosos textos, também nos aproximamos de um dos pontos de vista da imprensa portuguesa em finais do século XIX.

Portanto, temos acesso a ponto de vista, que nos vem por meio do óculo atento, que interpreta, intervém, atua e age com muita leveza, ironia, sarcasmo e, sobretudo, com muita vontade de destruir a inanição portuguesa daquele século.



⁵⁷ Eça de QUEIROZ, Ramalho ORTIGÃO, *As Farpas – crônica mensal da política, das letras e dos costumes*, Coordenação geral e introdução de Maria Filomena MÓNICA, Notas, tabela onomástica e glossário de Maria José Marinho, 2004, Cascais: Principia, p. 19.

2. Cronologia de Obras de Eça de Queiroz

1845		NASCIMENTO
1861	Coimbra	
1867	Évora	<i>Distrito de Évora</i> (páginas de Jornalismo)
1870	Leiria	"De Port-Said a Suez" <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i>
1871	Lisboa	Conferência do Casino <i>As Farpas</i>
1872		<i>As Farpas</i>
1874	Cuba	<i>Singularidades de uma rapariga loira</i>
1875	Newcastle	<i>O crime do Padre Amaro</i> (na revista Ocidental)
1876		<i>O crime do Padre Amaro</i> (1ª edição em livro)
1877		"Cartas de Inglaterra" Manuscrito de <i>A Capital</i>
1878	Bristol	<i>O primo Basílio</i> (1ª e 2ª Ed.) Manuscrito de <i>A catástrofe</i>
1879		Manuscrito d' <i>A tragédia da Rua das Flores</i>
1880		Manuscrito de <i>O conde de Abranhos</i> <i>No Moinho</i> <i>Um poeta lírico</i>
1883		<i>O Mandarin</i> (1ª e 2ª Ed.)
1884		<i>O crime do padre Amaro</i> (2ª Ed.) Manuscrito de <i>Alves e CP.</i>
1885		Prefácio francês de <i>O Mandarin</i>
1886		<i>O mistério da estrada de Sintra</i> (2ª Ed.) <i>Outro amável Milagre</i> (1ª versão de <i>O suave Milagre</i>) CASAMENTO Prefácio de <i>Azulejos</i> e de <i>O brasileiro Soares</i>
1887		Manuscrito de <i>O francesismo</i> Manuscrito da carta a Camilo Castelo Branco <i>O primo Basílio</i> (3ª Ed.) <i>A Relíquia</i>
1888	Paris	<i>Cartas de Fradique Mendes</i> (n' <i>O Repórter</i>) <i>Os Maias</i>
1889		1ª n.º. da <i>Revista de Portugal</i> <i>O Mandarin</i> (3ª Ed.) <i>O crime do padre Amaro</i> (3ª Ed.)
1890		<i>Uma campanha alegre</i> (2ª Ed. de <i>As Farpas</i>) Manuscrito de <i>S. Cristóvão</i>
1891		<i>Uma campanha alegre</i> (2ª Vol.)
1892		<i>Civilização</i>
1893		<i>Frei Genebro</i> <i>O Tesouro</i>
1894		<i>A Aia</i>
1895		<i>In Memoriam</i> de Antero de Quental
1896		<i>O defunto</i>
1897		<i>A perfeição</i> <i>José Matias</i> (na <i>Revista Moderna</i>) <i>A ilustre casa de Ramires</i> (na <i>Revista Moderna</i>)
1898		<i>O suave Milagre</i> (na <i>Revista Moderna</i>)
1900		MORTE

3. Cronologia de Obras Póstumas de Eça de Queiroz

1900	<i>A correspondência de Fradique Mendes</i> <i>A ilustre casa de Ramires</i>
1901	<i>A cidade e as serras</i>
1902	<i>Contos</i>
1903	<i>Prosas bárbaras</i>
1905	<i>Cartas de Inglaterra</i> <i>Ecos de Paris</i>
1907	<i>Cartas familiares e Bilhetes de Paris</i>
1909	<i>Notas contemporâneas</i>
1912	<i>Últimas páginas</i>
1925	<i>Correspondência</i> <i>Alves e C.,</i> <i>O conde de Abranhos</i> <i>A Capital</i>
1926	<i>O Egípto</i>
1929	<i>Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais</i> <i>Páginas esquecidas</i>
1940	<i>Novas cartas inéditas de E.Q.</i> <i>a Ramalho Ortigão</i> (Rio de Janeiro)
1944	<i>Crónicas de Londres</i>
1945	<i>Cartas de E.Q.</i> (ed. Avis)
1949	<i>E.Q. entre os seus</i>
1961	<i>Cartas de E.Q. aos seus editores Genelioux e Lugan (1887-1894)</i>
1966	<i>E.Q. e Jaime Batalha Reis</i> <i>(cartas e recordações do seu convívio)</i> <i>Folhas soltas</i>
1980	<i>A Tragédia da Rua das Flores</i>
1983	<i>E.Q. Correspondência</i> , 2 vols. (Imprensa Nacional)
1986	<i>Correspondência</i> (suplemento) <i>Obras de E.Q.</i> , vol. IV, Lello ed.
1987	<i>Cartas inéditas de E.Q. etc.</i> (ed. <i>O Jornal</i>)

4. ALGUMAS CARICATURAS



Proibição das Conferências – tema de alguns artigos d’As Farpas
in R. Bordalo Pinheiro, *Conferências Democráticas*, nº 7 de *A Berlinda*, 1871. BN Res. 2174 A.



Retrato de Eça de Queiroz por Bordalo Pinheiro, publicado no “Álbum de Glórias”.



Este desenho, ao centro, é do próprio Eça de Queiroz

Letreiro

5. CURIOSIDADE



No Brasil, o culto a Eça era tão elevado que foi homenageado até com uma marca de cigarros:
"superfinos".

(Coleção da Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife).

6. EÇA DE QUEIROZ – JOVEM

A escritura de Eça é sempre juvenil. Dá-nos a impressão de ter escrito hoje.



Eça na juventude, quando começou sua produção jornalística e farpista.



Eça na ocasião em que assumiu o seu posto em Havana, deixando de colaborar nas *Farpas*.

7. EÇA – SEUS AMIGOS E FAMILIARES



Eça e seus filhos, Maria e José Maria.

Os vencidos da Vida.



Eça e Maria, a primogênita.



Eça e Ramalho – companheiro de Eça nos artigos d'As *Farpas*.



Eça e sua mulher.

8. MINHA VIAGEM A “EÇA DE QUEIROZ”.
De 26 a 30 de julho de 2004.



A Caminho da Fundação Eça de Queiroz
Estação Caldas de Aregos/ Tormes - Douro.
Aqui desceram Zé Fernanddes e Jacinto (personagens de *A Cidade e as Serras*) vindos de Paris.



CASA DE TORMES – cenário de *A Cidade e as Serras* – Douro.



Jardim da casa de Tormes – Douro.



Rio Douro – vista da janela da Quinta da Ermida, onde me hospedei – Douro. Imagem campesina e rural, comentada n'*As Farpas* e n'*A Cidade e as Serras*.



D. Maria da Graça – herdeira da Casa de Tormes e nossa anfitriã.



Cenário que inspirou Eça para escrever *A Ilustre Casa de Ramires*, romance que discutiu, entre outras coisas, o problema das colônias – assunto também tratado n'*As Farpas*.

Torre da Lagarissa – Douro.



Cenário que inspirou Eça para *A Ilustre Casa de Ramires* - Igreja Mosteiro de Santa Maria de Cárquere - Douro



Ruas por onde passaram Eça quando foi administrador do Concelho em Leiria, comentadas *n'As Farpas* e cenário de *O Crime do Padre Amaro* – Leiria.



Universidade de Coimbra – cenário de obras queirozianas e de onde saiu o jovem Eça de Queiroz para, anos depois, escrever *n'As Farpas*.



Eça contemplando a justiça” – sua postura no jornal e na ficção.

Largo do Barão de Quintela – Lisboa.

Estátua de Teixeira Lopes.

9. PÓVOA DE VARZIM – onde nasceu Eça de Queiroz



Vista atual de Póvoa de Varzim



Póvoa de Varzim. Vista entre os Paços do Concelho e a Igreja Matriz - 3º quartel do séc. XIX Villa da Póvoa de Varzim. Praça do Almada
Gravura, Pedroto, 1868
in Arquivo Pitoresco, v. XI, 1868, p.65
BN J. 156



Póvoa de Varzim. Vista geral sobre o cais - 3º quartel do séc. XIX
Vista da Villa da Póvoa de Varzim pelo lado do poente, tirada de cima do paredão.
Gravura, Pedroto, 1868.
in Arquivo Pitoresco, v. XI, 1868, p.157.
BN J. 156 B.

BIBLIOGRAFIA DE EÇA DE QUEIROZ

EÇA DE QUEIROZ, José Maria. *A correspondência de Fradique Mendes*. In: *Obra Completa*. 1997. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v.02, p. 57-199.

_____, *A Cidade e as Serras*. In: *Obra Completa*. 1997. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 02, p. 477 – 625.

_____, *A Ilustre Casa de Ramires*. In: *Obra Completa*. 1997. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 02, p. 223 – 459.

_____, *A Relíquia*. In: *Obra Completa*. 1997. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 01, p. 849 – 1003.

_____, *Colaborações Avulsas*. In: *Obra Completa*. 2000. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 03, p.1617 – 1714.

_____, *Colaboração Regular em Periódico*. In: *Obra Completa*. 2000. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 03, p. 23 – 1549.

_____, *O Conde de Abranhos*. In: *Obra Completa*. 1997. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v.02, p. 937 – 941.

_____, *Correspondência Queiroziana*. In: *Obra Completa*. 1997. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 4, 966 p.

_____, *O Crime do Padre Amaro*. In: *Obra Completa*. 1997. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 01, p. 101- 430.

_____, *O Primo Basílio*. In: *Obra Completa*. 1997. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 01, p. 455- 758.

_____, *Os Maias*. In: *Obra Completa*. 1997. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 01, p. 1041 – 1521.

_____, *Perfis*. In: *Obra Completa*. 2000. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 03, p. 1747 – 1761.

_____, *Prefácios*. In: *Obra Completa*. 2000. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 03, p.1791 – 1812.

_____, *Textos breves Episódicos*. In: *Obra Completa*. 2000. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 03, p. 1735 – 1744.

_____, *Textos publicados postumamente*. In: *Obra Completa*. 2000. Organização geral, textos introdutórios, notas e comentários de BERRINI, Beatriz. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 03, p. 1819 – 2099.

MÓNICA, Maria Filomena. Coordenação geral e introdução, MARINHO, Maria José Marinho. Notas, tabela onomástica e glossário. EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO. *As Farpas* – Crônica mensal da política, das letras e dos costumes. 2004, 3 ed., Cascais, Portugal: Principia.

BIBLIOGRAFIA SOBRE EÇA DE QUEIROZ

- BAPTISTA, Jacinto. Eça Jornalista. In: *Dicionário de Eça de Queiroz*. 1988. Org. A. Campos MATOS. 2 ed., Lisboa: Caminho, p. 320 – 327.
- BARBOSA, João Alexandre. *A torre literária de Eça de Queirós – Eça de Queirós 100 anos*. Revista Cult, São Paulo, pp.42-63, setembro, 2000.
- BELLO, José Maria. *Retrato de Eça de Queirós*. 1977, São Paulo: Cia Editora Nacional.
- BERRINI, Beatriz. *A ilustre casa de Ramires. Cem anos*. 2000, São Paulo: Educ.
- _____. *Brasil e Portugal: A geração de 70*. 2003, Porto: Campo das Letras.
- _____. *Eça de Queiroz: Precursor da Modernidade*. 2003. In: Prefácio sobre o I Simpósio Internacional – Eça e Machado.
- _____. *O mundo de Eça de Queiroz*. 1985, São Paulo: Bradesco Seguros- Pancron.
- _____. *Portugal de Eça de Queiroz*. 1984, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- BRASIL, Jaime. Eça de Queiroz, jornalista. In: *Livro do Centenário de Eça de Queiroz, 1945*, Organizado por Lucia Miguel PEREIRA e Câmara REIS, Lisboa/Rio: Edições Dois Mundos. p. 509.
- CABRAL, António. *Eça de Queiroz. A sua vida e a sua obra*, 3 ed., 1945, Lisboa: Livraria Bertrand.
- CAL, Ernesto Guerra da. *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*. 1981, Coimbra: Livraria Almedina.
- CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queiroz: agitador no Brasil*, 3 ed., 1983, Recife: Guararapes.
- CRUZ, Marques da. *Eça de Queiroz (a sua psiquê)*. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- FARO, Arnaldo. *Eça e o Brasil*. 1977, São Paulo: Nacional- EDUSP.

FERREIRA, Vergílio. Humorismo. In: *Dicionário de Eça de Queiroz*. 1988, Org. A. Campos MATOS, 2 ed., Lisboa: Caminho, p. 500 – 503.

GROSSEGESSE, Orlando. *Analisar, conversar ou filosofar? – Sobre a evolução da escrita queirosiana na imprensa*. 2003. In: I Simpósio Internacional – Eça e Machado.

HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Linguagem e Estilo de Eça de Queiros*. In: *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*. 1945, Lisboa/ Rio: Edições 2 Mundos, pp. 59 – 107.

JUNIOR, Benjamin Abdala (org). *Ecoss do Brasil: Eça de Queiroz, leituras brasileiras e portuguesas*, 2000, São Paulo: SENAC.

LIMA, Isabel Pires. Antero visto por Eça. In: *Dicionário de Eça de Queiroz*. Org. A. Campos MATOS, 2 ed., 1988, Lisboa: Caminho, p. 99 – 104.

LINS, Álvaro. *História literária de Eça de Queirós*. 1965, Rio de Janeiro:Ed.de Ouro.

MATOS, A. Campos (org. e coord.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 1988, Lisboa: Caminho.

_____. *Suplemento de Dicionário de Eça de Queiroz*. 2000, Lisboa: Caminho.

LIMA, Archer de. *Eça de Queiroz diplomata*. Lisboa: Portugalia, s.d.

MEDINA, João. *Eça de Queiroz antibrasileiro?*. 2000, São Paulo: Edusp.

_____. *Reler Eça de Queiroz Das Farpas aos Maias*. , 2000, Lisboa: Livros Horizonte.

MINÉ, Elza. *Eça de Queirós jornalista*. 1986, Lisboa: Livros Horizonte.

_____, *Imagens finiseculares do novo mundo no jornalismo de Eça de Queiroz*. In: *Actas do Congresso de Estudos Queirosianos (IV Encontro Internacional de Queirosinos)* , v. 1, 2002, Coimbra: Livraria Almedina Ed., p. 30 a 42).

_____, *Páginas Flutuantes*, 2000, São Paulo: Ateliê Editorial.

MÓNICA, Maria Filomena. *Eça de Queiroz jornalista*. 2003, Lisboa: Principia.

MOOG, Viana. *Eça de Queirós e o século XIX*. , 1977, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

PEREIRA, Lucia Miguel, REYS, Camara – org. *Livro do Centenário de Eça de Queirós*. 1945, Lisboa:Dois Mundos Editora.

PIEIDADE, Ana Nascimento. *Ironia e Socratismo em A Cidade e as Serras*. 2002, Lisboa: Instituto Camões.

PINHEIRO, J.M. Monarca. *Évora em Eça*. 2001, Évora: Casa do Sul.

QUEIROZ, Maria de Eça. *Eça de Queiroz entre os seus*. Apresentado por sua filha, cartas íntimas. 4. ed. 1965 Porto: Lello e Irmãos.

RAMALHETE, Clóvis. *Eça de Queiroz*. 1981, Instituto Nacional do livro- Ministério da Educação e Cultura.

REIS, Carlos. *Estudos Queirosianos – ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra*. 1999, Lisboa: Editorial Presença.

_____. *Leitores brasileiros de Eça de Queiroz: algumas reflexões*. In: Org. JUNIOR, Benjamin Abdala. *Ecos do Brasil – Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas*. 2000, São Paulo: Senac.

SACRAMENTO, Mário. *Eça de Queirós – uma estética da ironia*. 2002 Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

SARAIVA, António José. *As idéias de Eça de Queirós*. 2000, Lisboa: Gradiva.

SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Eça de Queirós*. 3 ed., 1980, Lisboa: Livraria Bertrand.

VOZ LUSÍADA. *Eça de Queiroz*. São Paulo, n. 16, primeiro semestre. 2001.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. 2000, São Paulo: Jorge Zahar.

ARISTÓTELES. *A poética clássica*. 7. ed, 1977, São Paulo: Cultrix.

Bíblia de Jerusalém. 2003, São Paulo: Paulus.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura Popular Na Idade Média e No Renascimento – o contexto de François Rabelais*. 4. ed. 1999, São Paulo: Hucitec.

_____. *Estética da criação verbal*. 3. ed. 2000, São Paulo: Martins Fontes.

_____. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. 4.ed. 1998, São Paulo:Unesp.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. de Paulo Bezerra. 1981, Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

BERGSON, Henri. *O riso – ensaio sobre a significação do cômico*. 1983, Rio de Janeiro: Zahar.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 1996, Campinas-SP: Editora da Unicamp.

_____. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 1997, São Paulo: Unicamp.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*, 1993, São Paulo: Cia das Letras.

FERRAZ, Maria de Lourdes A., *A ironia romântica*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*, 2002, São Paulo: Martins Fontes.

A Nação – Jornal Católico e Político, Portugal, nºs. 6997, 7003, 7016, 7019, 7020, 7032, 7034, 7039, ano: 1871.

KIERKEGAARD, S. A. , *O Conceito de Ironia Constantemente referido a Sócrates*. 1991, Petrópolis: Vozes.

- LIMA, Luiz Costa. Prefácio. In: *Teoria da Cultura de Massa*, 6 ed., 2002, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- LOPES, Ana Cristina M.; REIS Carlos, *Dicionário de Narratologia*, 2002, Coimbra: Almedina.
- LUNGO, Andrea Del Lungo. Pour une poétique de l'incipit. In: *Poétique*, 1993, nº 94, p. 132 – 151.
- MACHADO, Irene A. *O Romance e a Voz*. 1995, Rio de Janeiro: Fapesp.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 1974, São Paulo: Cultrix.
- MUECKE, D.C. *Ironia e o irônico*. 1995, São Paulo: Perspectiva.
- PERRIN, Laurent, *L'Ironie mise em trope*. 1996, Paris: Éditions Kimé.
- PLATÃO. *O Banquete*. 1 ed., 1996, São Paulo: Edipro.
- PLATÃO. *Fédon*, O diálogo sobre a alma e morte de Sócrates, 2004, São Paulo: Martin Claret.
- _____. *Fédro*, 2004, São Paulo: Martin Claret.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. 1992, São Paulo: Ática.
- REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. 2002, Coimbra: Almedina.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. 8. ed., 2000, Coimbra: Livraria Almedina.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Turbilhão e semente: Ensaio sobre Dostoievski e Bakhtin*. 1983, São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- SKINNER, Quentin, (trad. Alessandro Zir). *Hobbes e a teoria clássica do riso*. 2002, São Leopoldo-RS: Unisinos.
- VALÉRY, Paul. *Poesia e Pensamento Abstrato*. In: *Variedades*. 1999, São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, pp. 193 – 210.

SITES

ARNT, Hérís. Contemporânea / Jornalismo e ficção: as narrativas do cotidiano. <http://www2.uerj.br/~fcs/contemporanea/n3/artigoheris03.htm>. Acesso em 06/05/2005.

Biblioteca Nacional de Lisboa – <http://www.bn.pt/> - 29k.

FREITAS, Newton. Jornalismo. <Http://www.newton.freitas.nom.br>. Acesso em 07/05/2005.

Fundação Eça de Queiroz. – <http://www.feq.pt/> 13k.

Instituto Camões – <http://www.institutocamoes.pt/> - 42k.

Portal da Póvoa de Varzim – <http://www.povoadevarzim.com.pt>.

[www.superapaz.tripod.com/ id23.html](http://www.superapaz.tripod.com/id23.html) - 230k

